



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

WENDELL PRESLEY MACHADO CORDOVIL

**“UMA QUESTÃO MESMO DE SOBREVIVÊNCIA”:
Professores de Ananindeua (PA) e a Educação Ambiental nas
aulas de História**

ANANINDEUA
2021

WENDELL PRESLEY MACHADO CORDOVIL

**“UMA QUESTÃO MESMO DE SOBREVIVÊNCIA”:
Professores de Ananindeua (PA) e a Educação Ambiental nas
aulas de História**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em História pela Universidade
Federal do Pará, Campus Ananindeua.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

ANANINDEUA
2021

WENDELL PRESLEY MACHADO CORDOVIL

**“UMA QUESTÃO MESMO DE SOBREVIVÊNCIA”:
Professores de Ananindeua (PA) e a Educação Ambiental nas
aulas de História**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em História pela Universidade
Federal do Pará, Campus Ananindeua.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

Aprovado em: 04/10/2021

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Siméia de Nazaré Lopes
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Ely Bergo de Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico este trabalho a você que está lendo esta
dedicatória.

AGRADECIMENTOS

Sempre graças, desde que me entendo como gente, ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Graças ao Senhor Jesus Cristo. De muitas formas provou e prova sua Presença.

Agradeço aos familiares, todos me ajudaram de alguma forma para a produção deste trabalho. É difícil dar nomes e omitir outros, por conta de serem muitos. Mas explico o meu avô Sebastião Cordovil, sempre empreendedor e preocupado, mesmo que sem muito jeito com as palavras, minha avó Rita Machado e minha mãe Regina Machado Cordovil. Gratidão também às minhas tias Professora Oneide Cordovil, Professora Osmarina Cordovil e Hortência Machado Cordovil. Assim como artistas Renascentistas tiveram famílias iguais aos Medici como mecenas eu tive os Cordovil. Também ao meu tio Angelo Machado Cordovil, que nunca mediu esforços para ajudar em questões técnicas relacionadas a tecnologias de computador e internet, além de ser pai – além do meu primo Norton - do meu primo mais novo, nascido na Copa do Mundo de 2014, Pedro Arthur, meu pequeno grande amigo. Aos que não foram nomeados e sabem que foram importantes, meu muito obrigado.

Tenho gratidão por todos que fizeram parte de minha vida de estudos até aqui: desde minha Alfabetização na Escola da Professora Rosana, lugar que li pela primeira vez “Mariana cantou no microfone” e não esqueço até hoje a sensação boa que foi ler e compreender o escrito, até a atual Graduação pela Universidade Federal do Pará Campus de Ananindeua, lugar em que escrevi meus primeiros textos acadêmicos e descobri a sensação de ter meu nome pela primeira vez em um trabalho universitário. O meio nesse processo não se fez menos importante, para o atual trabalho, do que o início e o hoje. Minha formação em Ensino Fundamental e Ensino Médio foi muito boa em Escolas Estaduais e Municipais na minha querida cidade de Ananindeua. Enfatizo a Escola de Ensino Fundamental Nedaulino Vianna da Silveira e a Escola de Ensino Médio Pitágoras. Na primeira instituição agradeço, entre outros docentes e técnicos, ao Professor Edivaldo Andrade, que em aulas de Estudos Amazônicos me permitiu ter o primeiro contato com pesquisa na temática ambiental – na qual no período de oitava série resultou em um site produzido por mim sobre o tema. Na segunda Escola agradeço, além de outros professores e funcionários, ao Educador – como ele se apresentava – George Viana, que em suas aulas de Física sempre buscava realizar Educação Ambiental e que organizou junto com alunos vários Projetos com essa perspectiva. Meu Ensino Médio foi um período muito especial para mim. Foi lá que decidi cursar História e

defender TCC sobre discriminação contra religiões de matrizes africanas em visão histórica (o curso ficou, mas o tema mudou). Fiz boas amizades e tive a possibilidade de atuar em peças por diversas vezes. Uma vez ouvi que o Professor é um ator frustrado, no meu caso talvez seja verdade. O bom é que a sala de aula é uma grande peça teatral.

Aos amigos da Universidade, agradeço imensamente a Layane de Souza Santos que foi minha dupla desde o início e me ajudou na execução deste e de outros trabalhos (além de me ajudar a andar de ônibus por aí, sem ela eu teria me perdido o dobro de vezes que já me perdi) e ao Athos Matheus da Silva Guimarães, um amigo sempre disposto a fazer o que for possível para ajudar. Obrigado também aos outros “Dragões Marinhos do Deserto” - que foram parceiros em muitos trabalhos - Edimar Junior, Felipe Almeida e Carolyn Pinheiro. Também agradeço Eliandra Rodrigues, parceira de escrita e Naruteira igual a mim, Francy Ramos, Elbia Cunha, Elizabete Silva, Kleoson Costa, e Adriane da Silva, que formavam outro grupo no qual eu sempre tratava de me infiltrar. Cito também Paulo Henrique (mesmo com ele tendo chutado meu queixo em Recife - se bem que não foi o momento mais constrangedor da viagem) e minha companheira de pesquisa Victória Murakami. Os dois são meus irmãos de Orientador, mas Murakami foi minha parceira na coleta de algumas fontes para este trabalho e, assim como eu, viveu a dificuldade desse tipo de pesquisa. Sou grato por ter feito parte da primeira turma de História da UFPA - Campus de Ananindeua.

Ser do Campus de Ananindeua me permitiu conhecer o Professor Dr. Wesley Oliveira Kettle, meu Orientador desde o início na Universidade quando concorri a Bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no Projeto do qual o presente trabalho emerge como fruto, mas também Coordenador do Grupo de Pesquisa História e Natureza (GHRIN) do qual faço parte. Agradeço muito, Professor Kettle, pelas oportunidades. Também sou grato à Professora Doutora Sídiana da Consolação Ferreira de Macêdo que, desde o primeiro Componente Curricular que ministrou, se tornou para mim uma forte inspiração de docência e é Coordenadora do Grupo Alere de História da Alimentação e Abastecimento na Amazônia, do qual sou integrante. Grato ao Professor Dr. Francivaldo Alves Nunes, sempre muito acessível enquanto Coordenador do Campus e Professor, disposto a ajudar e apoiar as ações acadêmicas, sejam elas de um grupo organizado por Doutores ou por discentes da Graduação, como é o caso do Grupo Ananins. Registro meu obrigado também aos Professores e Professoras: Dra. Sueny, Dr. Wesley Silva, Dra. Siméia, Dr. Carlos, Dr. Eliane Soares.

Obter formação pela UFPA e trabalhar junto com o Dr. Wesley Kettle me permitiu também realizar um Intercâmbio Nacional em 2019, financiado com o Prêmio Destaque de Iniciação Científica da Universidade (2018), para a UFMG (Belo Horizonte) e ser orientado pelo Professor Doutor Ely Bergo de Carvalho, a quem também agradeço pela orientação que mesmo ocorrendo em curto período se tornou extremamente valiosa. Sou grato pelos apoios financeiros realizados pela UFPA, por meio da PROPESP, e enfatizo a importância de investimentos do Governo Federal nas diversas áreas de pesquisa.

Não posso deixar de agradecer a todos os Professores que aceitaram dar um pouco do seu tempo para participar das entrevistas que geraram fontes de pesquisa para o presente trabalho. Muito obrigado!

- O Universo é como uma sinfonia, com notas tristes, felizes e enérgicas, às vezes desafinadas. Estamos vivos não apenas para escutar a canção, impassíveis a seus acordes, mas para participar dela - sofrendo, sorrindo e amando.

Filhos do Éden Livro 1, Eduardo Spohr

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise de entrevistas com questionários semiestruturados realizadas com professores de História do município de Ananindeua (PA-Brasil). Busca compreender as percepções desses docentes sobre a relação da Educação Ambiental (EA) com o Ensino de História. Para isso, se preocupa em analisar as representações dos 14 professores entrevistados sobre conceitos importantes para a EA: Natureza, Meio Ambiente e o próprio conceito de Educação Ambiental. Além disso, pretende-se observar como esses docentes percebem a relação dos temas ambientais com os processos históricos e as aulas de História. Os resultados apontam para representações plurais sobre os conceitos de Educação Ambiental e Natureza, em muitos momentos sendo comparáveis com categorias de concepções apresentadas em bibliografias da área, mas em outros sendo necessária a construção de novas categorias. Mesmo com a maioria dos professores indicando a importância da Natureza para os processos históricos e da Educação Ambiental para o Ensino de História, indicam dificuldades para a inserção da discussão ambiental em suas aulas de História.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ensino de História. Professores. Natureza. Meio Ambiente.

ABSTRACT

This work presents the analysis of interviews with a semi-structured questionnaire carried out with History teachers in the city of Ananindeua (PA-Brazil). Here, it seeks to understand the perception of these 14 teachers about the relationship between Environmental Education (EE) and History Teaching. For that, it is concerned with analyzing the representations of the interviewed teachers about important concepts for EE: Nature, Environment and the very concept of Environmental Education. Furthermore, it is intended to observe how these teachers perceive the relationship of environmental issues with historical processes and history classes. The results point to plural representations of the concepts of Environmental Education and Nature, in many moments being comparable to the categories of conceptions presented in bibliographies, but in others being necessary to build new categories. Even with most teachers pointing out the importance of Nature for the historical processes and of Environmental Education for the Teaching of History, they point out difficulties for the insertion of the environmental discussion in their History classes.

Keywords: Environmental Education. History Teaching. Teachers. Nature. Environment.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. PRIMEIRO CAPÍTULO – A EDUCAÇÃO COMO SOLUÇÃO: UM HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E UM POUCO SOBRE MEIO AMBIENTE NA DISCIPLINA HISTÓRIA.....	19
2.1. Educação Ambiental no Pará e em Ananindeua.....	29
2.2. Parâmetros Curriculares Nacionais, Base Nacional Comum Curricular e Educação Ambiental	32
2.3. Um tema e três problemas: o afastamento dos professores da temática ambiental	36
3. SEGUNDO CAPÍTULO - PROFESSORES DE HISTÓRIA EM ANANINDEUA: SUAS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA E MEIO AMBIENTE	42
3.1. Fundamentos teórico-metodológicos na análise das argumentações dos professores de História entrevistados.....	45
3.2 Na fala “Meio Ambiente”, na escrita “nossa essência”	52
3.3 As disciplinas que devem se importar com meio ambiente na visão dos professores ...	76
3.4 A importância da Natureza para os processos históricos na visão dos professores de História	83
4. TERCEIRO CAPÍTULO – A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM RELAÇÃO COM O ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE ANANINDEUA (PA).....	89
4.1. “Porque é uma questão mesmo de sobrevivência” e outros sentidos e representações da EA na visão dos professores de Ananindeua	93
4.2. A importância da Educação Ambiental nas aulas de História na visão dos docentes entrevistados	117
4.3. Ausência de bases para a discussão ambiental no Ensino de História	130
4.4. A importância do professor de História na discussão da temática ambiental na visão dos entrevistados	135
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
ANEXOS	161
ANEXO A – Perguntas do questionário semiestruturado aplicado aos docentes	161
ANEXO B – Transcrição de fala do Professor A.....	162
ANEXO C – Entrevista escrita enviada por e-mail pela Professora D.....	165
ANEXO D – Quadro com respostas de alguns professores entrevistados sobre o que entendem por Natureza e Educação Ambiental	167

1. INTRODUÇÃO

“[...] Os pescadores já não visitavam mais os seus cursos d’água, porque todos os peixes tinham morrido. [...] Nenhuma obra de feitiçaria, nenhuma ação de inimigo, havia silenciado o renascer de uma nova vida naquele mundo golpeado pela morte. Fora o povo, ele próprio, que fizera aquilo.”¹

Não é incomum ligar a televisão, ou acessar na internet, e se deparar com alguma notícia sobre as problemáticas ambientais. Com a crise do Covid-19 várias matérias jornalísticas levantaram questionamentos sobre o papel da degradação ambiental, gerada pela ação humana, para a ocorrência de pandemias como a atual, além da importância de diminuir tais impactos humanos o máximo possível. Em alguns momentos se escuta sobre os problemas que cidades como Belém (PA) e Ananindeua (PA) vivem no que diz respeito ao tratamento de seus resíduos sólidos. Em muitos outros se lê manchetes que estampam o derretimento do gelo no Ártico e o perigo de aumento do nível do mar, ocasionados pelas mudanças climáticas. Os chamados problemas ambientais já aparecem em pesquisas como uma das maiores causas de medo para a população mundial².

Entre alarmes de jornais que anunciam a data certa para fim do planeta³ e filósofos que consideram que o “fatalismo” é um empecilho para o real combate aos problemas⁴, a realidade é que não se pode negar a existência de problemáticas e a necessidade de se buscar soluções o mais breve possível.

Reconhecendo a importância de se tratar sobre a temática também nos diversos níveis de Ensino foi desenvolvido o Projeto de Pesquisa “História e educação ambiental nas escolas de Ananindeua”, Coordenado pelo Professor Doutor Wesley Oliveira Kettle e financiado pela Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PROPEP) da Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). No Plano de Trabalho explicitava a necessidade da “discussão sobre meio ambiente para a

¹ CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. 2 ed. (Tradução: Raul de Polillo). São Paulo: Melhoramentos, 1969, p.13.

² Em pesquisa de 2017 o Pew Research Center, localizado nos Estados Unidos da América, buscou conhecer os maiores medos de seus entrevistados. A investigação mostrou que em cerca de 18 países, principalmente europeus, o Estado Islâmico aparece como maior medo, seguido das mudanças climáticas. Já nos países da América Latina as mudanças climáticas aparecem em primeiro lugar. Ver mais em: RUIC, Gabriela. Estes são os maiores medos da humanidade em 2017. **EXAME.com**. Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/mundo/estes-sao-os-maiores-medos-da-humanidade-em-2017/> Acesso em: 20/06/2021.

³ COHEN, Sandra. **ANÁLISE**: a bomba relógio que explode em 12 anos. G1. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/08/analise-a-bomba-relogio-que-explode-em-12-anos.ghtml>

⁴ SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde**: como pensar seriamente o planeta. São Paulo: É Realizações. 2016.

formação escolar e a incorporação nas aulas ministradas pelos professores de história, especialmente na Amazônia”⁵. O objetivo do Projeto era realizar a aplicação de questionários a professores da disciplina de História de escolas públicas de Ananindeua. A partir das respostas obtidas com o questionário, perceber como incorporavam o tema ambiental em suas aulas.

O autor deste trabalho foi Bolsista de Iniciação Científica no Plano de Trabalho citado dos anos de 2016 a 2018, tendo no período inicial realizado a coleta de fontes juntamente com Victória Emi Murakami Vidigal, Voluntária de Iniciação Científica. Ao longo da investigação foram construídos trabalhos que analisavam alguns resultados obtidos com a investigação, entre apresentações em eventos e artigos em livros⁶. No ano final do Projeto o Relatório Final foi contemplado com o Prêmio Destaque da Iniciação Científica e Tecnológica da UFPA (2018) e o Bolsista realizou Intercâmbio Nacional para na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, sendo orientado pelo Prof. Dr. Ely Berço de Carvalho. O que permitiu novas reflexões sobre a pesquisa, teoria, metodologia e sobre as fontes, contribuindo significativamente para o atual Trabalho de Conclusão de Curso.

Aqui se expõe a análise das fontes construídas a partir de entrevistas com professores de História de escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio no município de Ananindeua, possibilitadas pelo Projeto “História e educação Ambiental nas escolas de Ananindeua” (2016-2018) e também colhidas após o término da Bolsa. A análise aqui é mais aprofundada do que os outros trabalhos que foram escritos analisando algumas das entrevistas coletadas. Não apenas por conter um número maior de páginas e entrevistas, mas por se preocupar mais atentamente em realizar o diálogo com outros autores para a interpretação melhor organizada de cada entrevista, bem como por se focar em uma abordagem diferente do que já havia aparecido em outros textos que emergiram da investigação. Para compreender as suas percepções sobre a relação entre Educação Ambiental e Ensino de História, se analisa as representações dos docentes de História de Ananindeua sobre os conceitos de Natureza, Meio

⁵ KETTLE, Wesley Oliveira. **Proposta de Plano de Atividades para Bolsistas de Iniciação Científica**. UFPA. 2016, p. 1

⁶ Tais como: (1) KETTLE, Wesley Oliveira; CORDOVIL, Wendell P. Machado; VIDIGAL, Victória Murakami; Natureza e ensino de história em Ananindeua. In: ALVES, David Hugo Rocha; MESQUITA, Thiago Broni de (orgs.). **As crises da República e o ensino de História: a democracia brasileira em questão**. Belém: PAKATATU, 2016. p. 971-982.

(2) CORDOVIL, Wendell P. Machado; VIDIGAL, Victória Murakami ; KETTLE, Wesley Oliveira. Professores de Ananindeua e a educação ambiental em suas aulas de História. In: NUNES, Francivaldo Alves; KETTLE, Wesley Oliveira (orgs.). **Desafios do Ensino de História e prática docente**. 1 ed. Minas Gerais: VirtualBooks, 2018, v. 1, p. 122-128.

Ambiente e o próprio conceito de Educação Ambiental. A partir dos levantamentos bibliográficos não foram encontradas produções com foco em Professores de História de Ananindeua na perspectiva aqui proposta. Mas ao longo dos capítulos pesquisas com a temática semelhante, com foco em outras regiões e em alguns momentos não apenas sobre docentes de História, são utilizadas como comparação.

O autor deste trabalho teve contato com a temática ambiental em sala de aula ainda no Ensino Fundamental. Na sétima série do Fundamental, hoje chamado de oitavo ano, o professor de Estudos Amazônicos⁷ dividiu a turma em duplas e solicitou pesquisa e apresentação sobre algumas temáticas ambientais específicas. O docente era responsável também pela disciplina de História, mas a discussão ocorreu em Estudos Amazônicos. O autor que aqui escreve realizou pesquisa sobre a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e as suas problemáticas ambientais e sociais, que naquele ano de 2011 estava em andamento. Encontrou matérias sobre benefícios e prejuízos de sua construção. Teve contato com conteúdos do “Movimento Gota d’Água”, movimento que unia artistas da TV Globo contrários à obra. Assistiu a “Senhora dos Absurdos” (personagem do humorista Paulo Gustavo) defendendo a construção da obra para ter energia e poder tomar banho em sua “banheira de hidromassagem maravilhosa”⁸.

O absurdo da personagem era, muitas vezes, apoiado por pessoas reais que se preocupavam em expor suas opiniões. Em outro vídeo uma jovem defendia a obra dizendo que os indígenas da região que seria alagada só precisavam mudar de lugar, pois ela mesma já teria mudado de casa três vezes e isso não teria feito com que ela perdesse “uma perna ou um braço”. Um dos vizinhos do autor deste trabalho, em uma conversa sobre o tema, teria afirmado que os movimentos contrários à obra seriam “conspiração da Globo para fazer o povo perder os empregos que a obra gera”, pois ele mesmo conhecia alguém empregado nas obras. O emprego de hoje era mais vantajoso do que os problemas de amanhã. As visões diferentes sobre a obra foram comentadas na apresentação final da dupla que este autor fez parte. Mas os relatórios, citados em muitas matérias da época, que mostravam mais prejuízos do que vantagens foram ressaltados. As reflexões sobre aquela problemática ambiental continuaram a permear a mente do autor, mas sem tanto aprofundamento em outros temas.

⁷ Disciplina sobre a qual se comenta mais, posteriormente neste trabalho.

⁸ O quadro com a personagem, postado em plataforma virtual de vídeos, satirizava a classe média que defendia a construção da Usina sem se preocupar com a população local e todos os impactos sociais e ambientais. O humorista apoiou o Movimento Gota d’Água e o vídeo também pedia apoio para a causa.

Na oitava série, hoje nono ano, o autor elaborou um pequeno site, novamente para uma atividade da disciplina de Estudos Amazônicos. O foco da vez era o desmatamento. A página online foi intitulada de “Desmatamento em Foco”⁹ e ainda hoje se mantém online, mas sem atualizações desde que ficou disponível online para a atividade escolar. O site, que até o dia de hoje somou mais de 7 mil acessos, serve de registro de pesquisa escolar do autor sobre a temática ambiental, sem orientação para o trabalho com as fontes das informações.

Já no Ensino Médio, o contato com as problemáticas ambientais, com bastante foco em gestão ambiental, foi oportunizado pelo professor da disciplina de Física. Todos os anos do Ensino Médio eram organizados projetos pelo professor de Física sobre a questão ambiental. Nas aulas cotidianas o docente também se preocupava em conectar os conteúdos de Física com temas ambientais do dia a dia. O conteúdo que tratava sobre eletricidade sempre era apresentado com reflexões sobre o desperdício de energia e os problemas monetários e ambientais que isso poderia gerar. A água também era outra preocupação frequente nas aulas. A partir dessas abordagens nas aulas de Física, o autor deste trabalho roteirizou e dirigiu duas peças escolares sobre a temática ambiental. Uma que foi intitulada de “Consumo consciente: ajuda o mundo e o seu bolso”, tratava sobre uma família que realizava consumo excessivo de eletricidade e recebia uma conta de luz muito alta. A partir disso percebiam que precisavam controlar seu consumo para ajudar na questão ambiental e economia familiar. Outra peça, intitulada de “Monge Recicleiton: livrai-nos do lixo”, foi uma comédia que tratava desde o despejo de óleo de cozinha em local inadequado à problemática da gestão de resíduos sólidos. Após o docente de Biologia assistir a apresentação solicitou que o autor deste trabalho realizasse a direção da peça com alunos de uma escola de Belém a qual ministrava aulas.

No Ensino Superior, a oportunidade da Bolsa PIBIC no Projeto “História e educação ambiental nas escolas de Ananindeua” chamou a atenção deste autor que aqui escreve por dois motivos. Por se tratar de pesquisa que teria contato com professores do Ensino Básico e o ambiente escolar, e por ser dentro da temática ambiental. O conceito de Educação Ambiental nunca foi apresentado, ao menos pelo que consta na memória, nas séries finais do Fundamental e séries do Ensino Médio deste autor. Com certa insegurança para concorrer à oportunidade de Bolsa, pensando no que já havia escutado sobre a grande dificuldade de conseguir uma Bolsa de Pesquisa de Iniciação Científica, apenas nos últimos momentos do

⁹ Disponível em: desmatamentoemfoco.comunidades.net Acesso em: 05/08/2021

prazo decidiu que realizaria a inscrição. A expectativa era apenas ganhar experiência com a entrevista para a Bolsa, mas talvez ser aceito como voluntário na pesquisa. No entanto, o autor foi selecionado como Bolsista do Projeto. Foi selecionado tendo certeza que o professor de Física e de Estudos Amazônicos realizaram discussões que o ajudaram a ser selecionado.

A pesquisa então faria o presente autor ter contato com ambientes escolares os quais frequentou em seus anos escolares. Na investigação, cerca de vinte escolas foram visitadas, dezesseis docentes confirmaram participação nas entrevistas, mas somente quatorze realmente participaram. A participação da maioria foi presencial, as quais foram gravadas em arquivos de áudio. Alguns, informando dificuldades, optaram por responder de forma escrita por meio digital¹⁰. As entrevistas aconteceram com um questionário semiestruturado¹¹ contendo doze questionamentos relacionados à Educação Ambiental, Natureza, Meio Ambiente e Ensino de História. Optou-se por substituir o nome dos entrevistados que responderam ao questionário por letras (de A a N), por questões éticas¹², e dessa forma eles são identificados no texto.

Após o levantamento de algumas escolas, foram realizadas primeiras visitas de contato. Em algumas foi necessário voltar mais de uma vez para tentar entrar em contato diretamente com os docentes de História. O processo em todas as escolas foi entrar solicitando diálogo com a Direção ou Coordenação, informar sobre a pesquisa e solicitar contato com o professor ou professora da disciplina de História. Em algumas escolas a Direção optou apenas por solicitar dados do autor e se comprometeu a direcionar ao professor, mas nesses casos não foi obtido nenhum retorno. Foi possível compreender que em algumas instituições a Direção/Coordenação apresentava certo receio pela visita. Chegavam a questionar se era uma pesquisa da Secretaria de Educação ou algum tipo de avaliação da escola.

Buscou-se por chuva e sol, literalmente, na tentativa de conseguir docentes de História interessados em participar da investigação. Ocorreu frustração quando professores que aceitaram, em um primeiro momento, participar e depois faltavam entrevistas marcadas e remarçadas, depois não entravam mais em contato. Outros que forneceram contato para

¹⁰ Nesses casos os professores recebiam o questionário por e-mail e respondiam de forma digitada.

¹¹ OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, 2008, v. 2, n. 3, p. 12.

¹² As letras não possuem ligação com iniciais dos nomes dos docentes. Sobre as questões éticas ver: FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. Ética na pesquisa educacional: implicações para a Educação Matemática. In: FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 193-206.

marcar a entrevista, mas que apenas visualizaram algumas mensagens em aplicativo de mensagens antes de bloquear para não serem mais incomodados. Mas mesmo com problemas a investigação conseguiu entrevistas com os quatorze docentes, as fontes que emergiram desse contato são analisadas nesta Monografia.

A temática deste trabalho é endossada pela Política Nacional de Educação Ambiental, que em seu Artigo 8, inciso II, solicita para instituições de Educação de todos os níveis o “desenvolvimento de estudos, pesquisas e experimentações”¹³ nesse campo de estudos. Considerando-se a importância de entender o cenário de efetivação da Educação Ambiental nas diferentes disciplinas do Currículo Escolar, a pesquisa com os professores se faz muito importante para verificar como é inserida a questão ambiental em cada área do Conhecimento no Ensino Básico. O que pode facilitar a elaboração de projetos, de diferentes instituições, para suprir as a formação continuada dos docentes. A compreensão de representações dos conceitos como “Natureza”, e os demais relacionados com a Educação Ambiental (EA), também é algo que colabora com a melhora no processo de EA¹⁴. Entende-se então que essa proposta se encontra no grupo de “trabalhos que procuram analisar as percepções, signos, significados, representações, representações sociais, concepções e conceitos prévios de grupos específicos”¹⁵ relacionados à Educação Ambiental. Contribui para a análise da EA em âmbito municipal, mas permite a comparação com pesquisas da Amazônia e de outras regiões do Brasil. Assim como contribui também para as pesquisas em Ensino de História que buscam ajudar a diminuir a distância, de difícil aproximação¹⁶, entre esse campo e a temática do Meio Ambiente.

Para alcançar o proposto, o trabalho se divide em três partes. O primeiro capítulo, intitulado *A Educação como solução: um histórico da Educação Ambiental e um pouco sobre o Meio Ambiente na disciplina História*, aborda o histórico da EA. Ao abordar esse histórico, trata inicialmente em uma noção mais global e volta-se a uma mais regional e local, comentando sobre a EA no Pará e em Ananindeua. A necessidade desse capítulo emergiu ainda no período de contato com os docentes entrevistados. Expor um pouco do processo

¹³ BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1999.

¹⁴ CARVALHO, Ely Bergo de. “A natureza não aparecia nas aulas de História”: lições de educação ambiental aprendidas a partir das memórias de professores de História. *História oral*, 2012, v. 1, n. 15, p. 107.

¹⁵ REIGOTA, Marcos. O estado da arte da pesquisa em educação ambiental no Brasil. **Pesquisa em educação ambiental**, 2007, v. 2, n. 1, p. 33-66.

¹⁶ CARVALHO, Ely Bergo de; COSTA, Jamerson de Sousa. Ensino de história e meio ambiente: uma difícil aproximação. *História & Ensino*, 2016, v. 22, n. 2, p. 49-71.

histórico para construção do conceito de Educação Ambiental, mesmo que outros trabalhos já tenham feito isso, foi notado como importante a partir do momento que docentes mostraram acreditar que o conceito é algo muito recente. No contato para as entrevistas também demonstraram interesse em saber mais. Além disso, o capítulo é uma exposição de que o próprio histórico da EA pode ser trabalhado nas aulas de História. O segundo capítulo, ***Professores de História em Ananindeua (PA): suas representações de Natureza e Meio Ambiente***, foca na análise das representações dos conceitos de Natureza e Meio Ambiente apresentadas pelos docentes entrevistados. Nesse capítulo também se explicita os fundamentos teórico-metodológicos para a interpretação das fontes aqui utilizadas. Além disso, apresenta a leitura dos entrevistados sobre quais disciplinas devem se importar com a questão ambiental e a importância da Natureza para os processos históricos. Já no terceiro e último capítulo, ***A Educação Ambiental em relação com Ensino de História sob a perspectiva dos professores de Ananindeua (PA)***, o texto destaca a representação dos professores sobre Educação Ambiental e o papel dela em suas aulas. Em certa medida se atenta para a noção de Ensino de História apresentada pelos entrevistados. Analisa a importância da EA, na visão dos docentes, para aulas de História. Além de expor a interpretação dos entrevistados sobre o lugar dos professores de História na discussão sobre a temática da Natureza e do Meio Ambiente, tendo em vista a importância desses conceitos para fazer Educação Ambiental.

O município de Ananindeua, segundo mais populoso do Estado do Pará, é uma cidade na qual muitas vezes seus moradores não conhecem a complexidade de seu próprio ambiente. Possui ilhas, estradas, rios, prédios, florestas, quadras esportivas, parques ambientais e espécies variadas da fauna e flora. Mas alguns de seus ambientes já vivem aquilo que foi descrito por Rachel Carson no trecho que inicia esta introdução. Rios que morrem pela ação humana. Muitos em decorrência do despejo de esgotos gerados por um sistema de saneamento básico precário¹⁷, que já levou o município a ser comparado a uma cidade do século XIX¹⁸.

¹⁷ SILVA, Fabrício Martins; CARVALHO, Thalles Vilhena de. **Análise do Saneamento Ambiental no bairro da Cidade Nova, Município de Ananindeua-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo). Curso de Geoprocessamento - Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, 2019.

¹⁸ GALILEU. Para onde o Brasil manda a sua. São Paulo, edição 304, novembro/2016, p. 37.

Contando com 168 escolas públicas de Ensino Fundamental e 67, entre instituições públicas e particulares¹⁹, de Ensino Médio, Ananindeua precisa de Educação Ambiental em todos os níveis de Educação para contribuir com o conhecimento e proteção de seu ambiente. Os capítulos que se seguem podem ser de alguma ajuda para refletir e elaborar práticas de EA nas aulas de História e projetos de formação continuada para professores. A pesquisa aqui exposta permite a percepção inicial sobre o cenário da realização da Educação Ambiental no Ensino de História em escolas públicas de Ananindeua. Possibilitando comparação com outras pesquisas com perspectivas semelhantes em outras regiões, mas também incentivando novas pesquisas no município de Ananindeua abordando Ensino de História e Educação Ambiental.

¹⁹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 25/06/2021.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO – A EDUCAÇÃO COMO SOLUÇÃO: UM HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E UM POUCO SOBRE MEIO AMBIENTE NA DISCIPLINA HISTÓRIA

Ninguém espera tanta destruição em um dia tão bonito. Não era possível imaginar algo assim. Pelo menos não até o dia 6 de agosto de 1945.¹

A população da cidade já havia iniciado a rotina diária, o mais normal quanto possível considerando a situação que se alastrava há quase seis anos. Como o horário comercial iniciava às 8h muitos já se encontravam no trabalho e as crianças se preparavam para a escola. A manhã de verão em Hiroshima se tornaria um cenário de terror nunca antes visto pela humanidade às 8h15 daquele dia 6 de agosto de 1945. Dia em que, mesmo com a rendição da Itália em 1943, da Alemanha em maio de 1945 e dos indícios de que os japoneses fariam o mesmo², o presidente dos Estados Unidos da América, Harry Truman, autorizou o ataque com a tecnologia que, por conta do nível de sua destruição, plantaria “as primeiras sementes do ambientalismo contemporâneo”³.

Aberto o compartimento do bombardeio exatamente às 8 horas 15 minutos e 17 segundos⁴, era liberado sob a cidade de Hiroshima no Japão o símbolo dos resultados do Projeto Manhattan. A queda durou 43 segundos, a explosão se deu a 600 metros do solo e causou a morte de um número enorme de seres humanos, a grande maioria civis. A destruição se repetiria em 11 de agosto, dessa vez na cidade de Kokura, mas por conta das previsões do tempo para aquele dia na cidade a data e local mudaram para o dia 9 de agosto em Nagasaki⁵. A tecnologia bélica utilizada nos ataques deixou evidente que os animais humanos possuíam capacidades nunca antes vistas de degradação ambiental. A “Era da Ecologia” se iniciara com a criação daquela ferramenta de destruição⁶: a bomba atômica.

A bomba foi responsável por impulsionar as reflexões sobre a forma que a humanidade se relacionava com o mundo. No entanto, parece que essas reflexões ainda não adentraram tanto na disciplina de História do Ensino Básico, que parece não presenciar uma

¹ MORITA, Takashi. **A última mensagem de Hiroshima**: o que vi e como sobrevivi à bomba atômica. São Paulo, Universo dos Livros, 2017, não paginado.

² CARVALHO, Joaquim Francisco de. A gênese da bomba. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 84, 2015, p. 197.

³ GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. 14ª ed. Campinas, SP: Papiros, 2012, p. 16.

⁴ NAKAGAWA, Cristiane Izumi. Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 84, 2015, p. 241-259.

⁵ SHERWIN, Martin J. **A world destroyed: Hiroshima and its legacies**. Stanford University Press, 2003.

⁶ WORSTER, Donald. **Nature's economy**: a history of ecological ideas. Cambridge University Press, 1994, não paginado, disponível em: books.google.com. Acesso em: 20/06/2019.

“Era da Ecologia”. Do ano de 2016 a 2020, investigações coordenadas pelo Professor Doutor Wesley Oliveira Kettle e financiadas pela Universidade Federal do Pará, por meio de Bolsas do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), das quais atuei como bolsista, permitiram a construção de um panorama sobre as leituras dos professores de História de Ananindeua (PA) sobre questões relacionadas com a temática ambiental e o ensino da disciplina. Nas entrevistas foi possível analisar a visão dos professores sobre a relação da disciplina de História com a Natureza, o Meio Ambiente e a Educação Ambiental.

Em alguns momentos a Natureza é enfatizada como não sendo “de suma importância, o homem é muito mais responsável pelos processos históricos do que a Natureza”⁷. Demonstrando assim tanto a separação entre sociedade e Natureza, temática muito comentada, entre outros autores, nos trabalhos de Ely Bergo de Carvalho⁸, quanto o apagamento do mundo tido como “natural” das narrativas históricas. Esse apagamento se daria em virtude da tamanha importância dos animais humanos, que na fala da entrevistada são indicados como “o homem”.

Em outros momentos professores destacam a Natureza como “[...] a base desde a manutenção da vida até hoje em dia os ciclos econômicos, a Natureza tá aí pautando os processos históricos”⁹. Uma noção de Natureza mais ativa no desenvolver dos processos históricos, até mesmo como definidora desses.

Porém, entre essas diferentes visões uma perspectiva em comum aparece no discurso de vários dos professores entrevistados: a de que a relação entre a História e a Natureza é uma discussão recente. Em alguns momentos a própria Educação Ambiental é descrita como “Um conceito recente”¹⁰. Ao longo deste capítulo pretende-se apresentar um breve histórico do interesse pelo campo da educação como fundamental frente à crise ambiental e explicar sobre os direcionamentos presentes em alguns materiais direcionados aos professores do Ensino Básico no Brasil. Mais especificamente os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base

⁷ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

⁸ Ver CARVALHO, Ely Bergo de. A história ambiental e a "crise ambiental" contemporânea: um desafio político para o historiador. **Esboços: histórias em contextos globais**, 2004, v. 11, n. 11, p. 105-116; CARVALHO, Ely Bergo de. Uma história para o futuro: o desafio da educação ambiental para o ensino de história. **História Hoje**, 2011, v. 5, p. 1-10; CARVALHO, Ely Bergo de. Uma voz que clama no deserto: minhas experiências de educação ambiental na formação inicial de historiadores. **Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação**, 2017, v. 4, n. 6, p. 15-31.

⁹ Entrevista realizada em novembro de 2016 com outra docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

¹⁰ Entrevista realizada em abril de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Manoel Saturnino de Andrade Favacho, localizada no Conjunto PAAR em Ananindeua (PA).

Nacional Comum Curricular, tentando perceber os direcionamentos para área da História. O intuito aqui é apresentar esse percurso que concretizou a educação como campo privilegiado frente aos problemas ambientais e, além disso, demonstrar que o emergir da temática no campo da História não é tão recente quanto alguns professores de História acreditam. Para compreender o percurso do campo que viria a se concretizar como Educação Ambiental o período pós 1945 é o ponto de partida optado aqui¹¹.

Ao término da Segunda Guerra Mundial o mundo passava para um novo estágio de questionamentos e medos. Muitas tecnologias desenvolvidas até aquele momento eram capazes de ajudar a melhorar a comunicação global e a qualidade de vida, mas outras possuíam novos horizontes de destruição e conflitos internacionais. Alegando a preocupação de impedir guerras nas proporções da última, a Organização das Nações Unidas (ONU) é criada em outubro de 1945.

No que diz respeito ao debate ambiental, a ONU contribuiria bastante com a ampliação das discussões sobre a relação da humanidade com a Natureza em âmbito mundial. Porém o temor da destruição atômica ainda pairou fortemente nos anos de 1960, década em que o movimento ambientalista moderno começa a se estruturar¹². No entanto, não era o único problema pós-guerra que causava preocupação sobre a relação dos humanos com o mundo físico.

Pouco mais de dez anos após o fim da guerra, essas preocupações seriam acentuadas quando em Minamata, no Japão, o primeiro caso da “doença de Minamata” foi confirmado. Uma criança dava entrada no hospital da cidade em abril de 1956 apresentando quadro de disfunção nervosa¹³. A criança de apenas cinco anos seria um dos muitos moradores da região a dar entrada no hospital com sintomas semelhantes ou piores. Aqueles que não morriam apresentavam fortes sequelas.

¹¹ Reconheço a existência de preocupação ambiental e debates nesse sentido em períodos anteriores, como no século XVIII e XIX. Ver: PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Zahar, 2002. Também no início do século XX, sendo importante até mesmo para a ascensão do Partido Nazista. Ver: STAUDENMAIER, Peter. Fascist Ecology: The "Green Wing" of the Nazi Party and its Historical Antecedents. In: BIHEL, Janet; S. STAUDENMAIER, Peter. **Ecofascism Revisited: Lessons from the German Experience**. 2011, p. 13-42. Porém considero o Pós Guerra para início do percurso pretendido aqui por conta de esse ser o momento em que se inicia a discussão em âmbito Global e a construção de tratados, assim como o surgimento do termo Educação Ambiental, que influenciam diretamente a compreensão legal brasileira sobre essa educação até os dias atuais.

¹² TAVOLARO, Sergio Barreira de Faria. **Movimento ambientalista e modernidade: sociabilidade, risco e moral**. Annablume, 2001.

¹³ O GLOBO. **Desastre de Minamata, crime ecológico que deixou marcas por décadas no Japão**. Disponível em: acervo.oglobo.com Acesso em: 25/06/2019.

A doença de Minamata não se tratava de um acaso ambiental, tão pouco de um castigo divino, sua criação era humana e em 1968 o governo japonês admite o que ocorrera¹⁴. A corporação Chisso, empresa de químicos que mantinha fábrica na cidade, despejava seus resíduos na baía da região e isso ocasionou a contaminação de peixes e outros animais com mercúrio. Após o consumo dos peixes os humanos eram contaminados.

Conhecido como Desastre de Minamata, o caso é importante em âmbito jurídico por ter gerado a primeira responsabilização de uma empresa por um desastre ambiental, em âmbito global por impulsionar a solicitação sueca de uma conferência internacional para tratar sobre o meio ambiente¹⁵, e no âmbito da memória por enfatizar que a ação humana gera consequências¹⁶.

Todos os avanços tecnológicos dos anos 60 do século XX enfatizavam cada vez mais que a humanidade deveria rever suas práticas. As tensões políticas do período e destaques como o lançamento, pela estadunidense National Aeronautics and Space Administration (NASA)¹⁷, do primeiro satélite meteorológico de órbita terrestre baixa em 1960 e a primeira viagem de um humano pelo espaço no ano seguinte, realizada pelo cosmonauta da Soyuz Sovetskikh Sotsialisticheskikh Respublik (SSSR)¹⁸, estimulavam a reflexão sobre os humanos e o mundo.

Dentro da perspectiva de refletir sobre o rumo das relações que a humanidade estava desenvolvendo com o mundo, surgem críticas fortes em escrita poética de uma bióloga marinha. Rachel Carson é a mulher responsável pelo livro “Primavera Silenciosa” (Silent Spring), publicado em 1962, que se preocupa com os efeitos nocivos do uso de pesticidas, principalmente o DDT¹⁹, e com os efeitos danosos da ação do “homem” na Natureza.

¹⁴ MINAMATA DISEASE MUSEUM. **Cronologia**. Disponível em: www.minamatadiseasemuseum.net Acesso em: 25/06/2019.

¹⁵ HERCULANO, Selene. Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz. In: GOLDENBERG, Mirian (org). **Ecologia, Ciência e Política**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992, p. 9.

¹⁶ A memória do ocorrido inspirou o desenvolvimento da Convenção de Minamata sobre Mercúrio documento assinado por 92 países em 2013, em Kumamoto (Japão), e promulgada no Brasil pelo Decreto Nº 9470 de 14 de agosto de 2018.

¹⁷ Administração Nacional do Espaço e Aeronáutica.

¹⁸ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

¹⁹ Pesticida muito utilizado no durante e pós Segunda Guerra Mundial para combater mosquitos transmissores de doenças como malária e dengue – após as explosões das bombas atômicas começou a ser conhecido como “bomba para insetos”. Com seu livro, Carson mostra que o químico poderia provocar câncer e aumentava a mortalidade de pássaros. Muitos países já na década de 1970 proibem o seu uso, no Brasil apenas em 2009 teve proibição total.

No livro de Carson, são muito perceptíveis os sentimentos que foram acentuados após a descoberta de como provocar a quebra do núcleo do átomo. A explosão da bomba atômica, que explodiu no período em que a bióloga possuía 38 anos, se tornou uma memória também sobre os problemas que as tecnologias humanas poderiam gerar. A propagação de energia provocada pela fissão nuclear foi descrita por Rachel Carson como “[...] criação não-natural dos malfazeres do Homem com o átomo”. Após a Segunda Guerra Mundial se continuaria então a “guerra do Homem contra a Natureza”²⁰.

Focando-se principalmente no ponto de “guerra” referente às substâncias químicas, atualmente é reconhecida por muitos como a pessoa que fez emergir o movimento ambientalista de nossos tempos²¹. Rachel Carson se atentava para que:

A história da vida sobre a Terra tem sido uma história de interação entre as coisas vivas e o seu meio ambiente. Em grande parte, a forma física e os hábitos da vegetação da Terra, bem como a sua vida animal, foram moldados pelo seu meio ambiente. [...] Apenas dentro do momento de tempo representado pelo século presente é que uma espécie – o Homem – adquiriu capacidade significativa para alterar a Natureza do seu mundo.²²

A bióloga alertava sobre a necessidade de uma educação pública para o uso de pesticidas, mas, além disso, o livro era usado também como prova da existência de sérios problemas ambientais. Em alguns momentos era indicado para “Quem não crer que leia Primavera Silenciosa”²³.

A publicação já funcionava como uma ferramenta educacional, mas frente à crise ambiental que o mundo enfrentava se fazia necessário mais aprofundamento nesse ponto: educação.

Acreditando na importância do processo educativo para o combate aos problemas ambientais, surge na “Conferência de Educação”, que ocorreu em 1965 na Universidade de Keele (Grã Bretanha), pela primeira vez o termo “Educação Ambiental” (Environmental Education)²⁴. “Inaugura-se aqui uma trajetória de crescente interesse entre aqueles

²⁰ CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. 2ª Ed, São Paulo: Melhoramentos, 1969, p. 17.

²¹ SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde**: Como pensar seriamente o planeta. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 146.

²² CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. 2ª Ed, São Paulo: Melhoramentos, 1969, p. 15.

²³ Jornal CAXIAS DO SUL. 12 de fevereiro de 1966, p. 2.

²⁴ LAYRARGUES, Philippe Pomier. Muito prazer, sou a educação ambiental, seu novo objeto de estudo sociológico. In: **Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em ambiente e sociedade**. Indaiatuba: ANPED, 2002, p. 3.

preocupados com a conversão de comportamentos e valores sociais anti-sustentabilistas para sustentabilistas”²⁵.

Na década de 1970 as expectativas de que a educação poderia ajudar na solução dos problemas ambientais crescem cada vez mais. Em 1972 ocorre em Estocolmo, Suécia, a “Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano”. Conhecido como “Conferência de Estocolmo” o evento havia sido marcado após a já citada solicitação sueca realizada em virtude dos acontecimentos de Minamata. A Conferência resulta na “Declaração de Estocolmo”, documento que apresenta algumas proclamações e define princípios para melhorar a relação da humanidade com o meio ambiente. Em seu princípio 19 reconhece que:

É indispensável um esforço para a educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiado, para fundamentar as bases de uma opinião pública bem informada, e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades inspirada no sentido de sua responsabilidade sobre a proteção e melhoramento do meio ambiente em toda sua dimensão humana.²⁶

A educação começa a aparecer não apenas como um caminho possível, mas um esforço indispensável. Nesse cenário, várias disciplinas acadêmicas começam a dar mais ênfase para a discussão ambiental²⁷. Áreas como Direito, Sociologia, Economia, Filosofia e História iniciam um movimento de maior sensibilização para as questões sobre meio ambiente.

No campo da historiografia autores apontam que Marc Bloch e Lucien Febvre já atentavam em seus estudos para a relação da humanidade com a Natureza²⁸, ou mesmo em pesquisas de Capistrano de Abreu e Sérgio Buarque de Holanda esse tipo de abordagem aparecia²⁹. Porém apenas da década de 70 do século XX emerge a ideia da chamada História Ambiental³⁰. Destaca-se que no ano da Conferência de Estocolmo é ministrado, pelo

²⁵ LAYRARGUES, loc.cit.

²⁶ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano – 1972**. Estocolmo, 1972, p. 6. Disponível em: <https://www.apambiente.pt/> Acesso em: 30/06/2019

²⁷ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, 1991, v. 4, n. 8, p. 199.

²⁸ CARVALHO, Ely Bergo de. “A Natureza não aparecia nas aulas de História”: lições de educação ambiental aprendidas a partir das memórias de professores de História. **História oral**, 2012, v. 1, n. 15, p. 107-129.

²⁹ DUARTE, Regina Horta. Por um pensamento ambiental histórico: o caso do Brasil. **Luso-Brazilian Review**, 2004, v. 41, n. 2, p. 144-161.

³⁰ WORSTER, loc.cit.

historiador Roderick Nash na Universidade da Califórnia, o primeiro curso de grande repercussão intitulado de “História Ambiental”³¹.

Ainda no período dos anos 1970 outros importantes eventos de âmbito internacional são realizados para o desenvolvimento de uma Educação Ambiental. Em 1975 ocorre um encontro que apresentou definições de metas, métodos e diretrizes para a construção de um Programa Internacional de Educação Ambiental. O "Encontro de Belgrado", ocorrido na antiga capital da Iugoslávia (hoje da Sérvia), apresentou o documento nomeado de “Carta de Belgrado” que definia como meta da Educação Ambiental:

Formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas associados, e que tenha conhecimento, aptidão, atitude, motivação e compromisso para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para prevenir novos.³²

Como a citação mostra, a Carta define como meta para a Educação Ambiental a formação de uma sociedade consciente, apta e motivada para agir individual e coletivamente contra as problemáticas ambientais. Para isso a carta ainda define os objetivos a serem alcançados:

Tomada de consciência: Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir maior sensibilidade e consciência do meio ambiente em geral e dos problemas.

Conhecimentos: Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir uma compreensão básica do meio ambiente em sua totalidade, dos problemas associados e da presença e função da humanidade neles, o que necessita uma responsabilidade crítica.

Atitudes: Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir valores sociais e um profundo interesse pelo meio ambiente que os impulse a participar ativamente na sua proteção e melhoria.

Aptidões: Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir as aptidões necessárias para resolver os problemas ambientais.

Capacidade de avaliação: Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a avaliar as medidas e os programas de educação ambiental em função dos fatores ecológicos, políticos, sociais, estéticos e educativos.

Participação: Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a desenvolver seu sentido de responsabilidade e a tomar consciência da urgente necessidade de prestar atenção aos problemas ambientais, para assegurar que sejam adotadas medidas adequadas.³³

Somando-se aos avanços teóricos na Educação Ambiental apresentados na Carta de Belgrado, no ano de 1977 mais contribuições se constroem na “I Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental” realizada em Tbilisi, Capital da Geórgia que no

³¹ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos avançados*, 2010, v. 24, n. 68, p. 81-101.

³² UNESCO/PNUMA. **Carta de Belgrado**. Belgrado, 1975, p. 2. Disponível em: http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155641carta_de_belgrado.pdf. Acesso em: 30/06/2019

³³ Ibidem, p. 2-3.

período fazia parte da União Soviética³⁴. Ao fim do evento são apresentadas “Algumas Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros”. Dentro das recomendações do documento se encontram “Princípios básicos” para a Educação Ambiental.

Nesses princípios é solicitado “Considerar o meio ambiente em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos naturais e criados pelo homem (tecnológico e social, econômico, político, histórico-cultural, moral e estético)”³⁵. Nessa solicitação já é possível compreender a formação de uma noção socioambiental nesse campo, que para Philippe Layrargues é uma lógica educacional que busca promover “uma maior integração entre os aspectos econômicos, sociais e culturais com os aspectos ecológicos”³⁶.

Além disso, o documento destaca a importância de “Concentrar-se nas situações ambientais atuais, tendo em conta também a perspectiva histórica”³⁷. O documento é considerado um marco para a Educação Ambiental e reafirma sua essência interdisciplinar.

Essa busca por uma interdisciplinaridade foi incentivo para o desenvolvimento do interesse de pesquisadores de diversas disciplinas, como as citadas anteriormente, em voltar sua determinada área de estudos para a temática ambiental. Esse tema, posteriormente definido como Transversal nas normas brasileiras voltadas ao ensino, foi percebido por profissionais dos variados campos como indicação de que as áreas do conhecimento não poderiam trabalhar totalmente separadas.

Mesmo com suas particularidades teórico-metodológicas seria importante uma inter-relação entre os campos do conhecimento. No campo da História, ao enfatizar que o momento é de cooperação, Donald Worster comenta que “[...] se esta é uma era de interdependência

³⁴ O Brasil não se fez presente em Tbilisi no ano de 1977. A justificativa foi de que o país não mantinha relações diplomáticas com o bloco soviético o que impedia sua participação. Ver: MORIN, Edgar. As bases internacionais para a educação ambiental. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, 1998, p. 30-34.

³⁵ UNESCO; PNUMA. **Algumas Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros**. Tbilisi, 1977, p. 3. Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155354tibilisi.pdf> Acesso em: 30/06/2019.

³⁶ LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; CASTRO, Ronaldo Souza de (Org.). *Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate*. 1ed. São Paulo: Cortez, 2000, v. 1, p. 93.

³⁷ UNESCO; PNUMA. Op. Cit., p. 4.

global, certamente é também o momento para alguma cooperação interdisciplinar. Os pesquisadores precisam disso, a história ambiental precisa disso, e a terra também”³⁸.

Cabe destacar que esse desejo por cooperação entre as disciplinas, fazendo emergir essa busca pela interdisciplinaridade, ainda se construía teoricamente na década de 1970. Ivani Fazenda afirma, em seu livro “Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa”, que nesse período se partia para uma “construção epistemológica” da interdisciplinaridade. Segundo a autora, se buscava então uma explicação filosófica, uma definição de interdisciplinaridade.

Ao apresentar o cenário da década de 70 do século XX, Ivani Fazenda comenta que as perspectivas eram de que “O destino da ciência multipartida seria a falência do conhecimento [...] a falência do humano”³⁹. As discussões sobre interdisciplinaridade teriam então sido focadas nesse período pela “totalidade”.

Dentro desse cenário de desenvolvimento teórico é necessário enfatizar, mas a autora não comenta nesse livro, que a temática ambiental foi muito importante para as reflexões sobre a interdisciplinaridade. Alguns documentos da década de 70 indicam que a interdisciplinaridade se desenvolvia em uma inter-relação com os desenvolvimentos da Educação Ambiental. O trecho da revista *Ciência e Cultura* de 1973, que comenta o documento de 1972 da Organization for Economic Co-operation and Development (OECD)⁴⁰, exemplifica essa inter-relação:

No relatório *Interdisciplinarity – problems of teaching and research in universities* os especialistas da OECD discutem a “interdisciplinaridade do desenvolvimento” como nova força inovadora na educação universitária e na pesquisa, descrevendo dessa abordagem aplicada a campos como ambiente e saúde pública. Espera-se para breve um relatório do CERI sobre educação ambiental. CERI é o Centre for Educational Research and Innovation, da OECD.⁴¹

Ao apresentar o relatório sobre interdisciplinaridade destaca que um dos campos de abordagem é o ambiental. Em seguida, ainda manifesta a expectativa sobre o relatório de Educação Ambiental da instituição. No documento da OECD comentado pela revista é

³⁸ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, 1991, v. 4, n. 8, p. 2013.

³⁹ FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18ª ed, SP: Papirus Editora, 2012, p. 19.

⁴⁰ Atualmente, no Brasil, traduzida como Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

⁴¹ Revista *Ciência e Cultura*, n. 25, v. 2, 1973, p. 95. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 02/04/2020.

possível observar que a Educação Ambiental é entendida como “essencialmente interdisciplinar”⁴². Interdisciplinaridade e Educação Ambiental se construindo em inter-relação⁴³.

As reflexões sobre a Educação Ambiental (a partir daqui indicada também pela sigla EA) possibilitaram sua boa estruturação teórica ainda nos anos 70. Eventos ao redor do mundo passaram a difundir a EA, debater a questão ambiental e afirmar a necessidade de pesquisa e formação na área.

O “Seminário Regional sobre Educação Ambiental nos países Árabes”, ocorrido em Bahrein em 1980, a “I Conferência Asiática sobre Educação Ambiental”, ocorrida na Índia em 1987, e o “I Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente”, ocorrido no Brasil em 1986, são exemplos que mostram como cada vez mais a educação era vista como fundamental frente às problemáticas ambientais.

No cenário brasileiro educacional a EA se afirma legalmente pelo menos desde 1981, com a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), e se reafirma na Constituição Federal de 1988. No Artigo 225, inciso VI, a Carta Magna define que é obrigação do Poder Público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

A criação do Ministério do Meio Ambiente e a Eco-92, ambos ocorridos em 1992 no Brasil, foram também de grande importância para definir e divulgar a Educação Ambiental no país. O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, desenvolvido no Fórum Global (evento paralelo ao Eco-92), orienta muitas visões de Educação Ambiental que “[...] tem buscado construir uma perspectiva interdisciplinar para compreender as questões que afetam as relações entre os grupos humanos e seu ambiente e intervir nelas”⁴⁴.

⁴² CERI/OECD. Interdisciplinarity: problems of teaching and research in universities. 1972, p.17. Disponível em: <https://archive.org/> Acesso em: 02/04/2020.

⁴³ Não é o foco deste trabalho o aprofundamento nessa inter-relação para a construção da Interdisciplinaridade na década de 1970, mas é uma possibilidade para pesquisas específicas sobre esse tema.

⁴⁴ CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. Cortez Editora, 2017, p. 54.

De grande importância legal para o ensino brasileiro nesse âmbito é a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei Nº 9795/99⁴⁵. Essa legislação acrescenta definições, aponta o caráter interdisciplinar e reafirma a obrigatoriedade da EA em todos os níveis de ensino. É nítido que sua perspectiva segue as definições e objetivos apresentados na Carta de Belgrado, expostos anteriormente.

2.1. Educação Ambiental no Pará e em Ananindeua

No Estado do Pará, na região amazônica ao Norte do Brasil, as ações do Governo direcionadas à EA no ensino formal aparecem a partir dos anos finais da década de 1980⁴⁶. Sandra Freitas destaca duas instituições que atuavam nesse período no campo da Educação Ambiental, a Secretaria de Saúde do Estado do Pará (SESPA) e a Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC/PA)⁴⁷. A primeira atuando no ensino não formal e a segunda no ensino formal, apenas em algumas escolas. Porém a mesma autora destaca que essas ações eram insuficientes e marcadas por problemas como a falta da participação da comunidade, iniciativa dispersa e deficiência no planejamento das ações, que eram pensadas de forma desvinculada do Planejamento do Estado. Uma estruturação fortalecida, em âmbito institucional, se inicia na década de 1990 no contexto da Constituição de 1988 e dos novos encontros sobre meio ambiente que ocorriam no país.

No cenário de construção da Educação Ambiental no Pará é importante perceber a existência da Lei Nº 5.600 de 15 de Junho de 1990, que em seu início definia:

Art. 1º - A Educação Ambiental será disciplina obrigatória no currículo escolar de 1º, 2º e 3º graus de ensino público e privado, mediante a aplicação de uma metodologia participativa dando ênfase à ecologia Amazônica, capaz de produzir integração com as demais disciplinas e um processo permeado das atividades discentes⁴⁸.

Como Freitas também comenta, essa Lei surgia na contramão do que havia sido proposto pelas recomendações de Tbilisi, transformando a EA em disciplina obrigatória do

⁴⁵ BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1999.

⁴⁶ FREITAS, Sandra Cristina Santiago. POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ESTADO DO PARÁ: TRINTA ANOS DE UMA TRAJETÓRIA. **Revista Margens Interdisciplinar**, 2016, v. 7, n. 9, p. 137.

⁴⁷ Ibidem, p. 139.

⁴⁸ PARÁ. Assembleia Legislativa do Estado. Lei Estadual Nº 5.600, de 15 de ago, 1990. Dispõe sobre a promoção da educação ambiental em todos os níveis, de acordo com o artigo 255, inciso IV da Constituição Estadual, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.pge.pa.gov.br/sites/default/files/repositorio/1990/lo5600.pdf>> Acesso em 01/10/2019.

currículo. Uma ideia que segundo a autora é equivocada por não compreender o caráter interdisciplinar dessa educação. Além disso, a partir da promulgação da Lei Nº 9.795 de 1999 se tem a definição de que a Educação Ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo do ensino.

Os professores de História em Ananindeua parecem concordar com essa posição de uma Educação Ambiental não como disciplina específica, mas como uma temática que deve aparecer em todas as áreas do conhecimento do Ensino Básico. Um indício disso é que os professores entrevistados disseram que todas as disciplinas podem trabalhar a questão ambiental. Em alguns momentos comentando que as disciplinas que devem tratar de meio ambiente são “Todas. De certa forma sempre tem uma relação [...]”⁴⁹.

Porém, mesmo com legislações posteriores da comentada anteriormente, as propostas de Leis para definir a Política Estadual de Educação Ambiental ainda apresentam certo interesse pela EA como disciplina. O Projeto de Lei Nº 110 de 2006, por exemplo, apresentava em um dos seus artigos que para os cursos superiores a criação de disciplina específica para o tema seria facultativa⁵⁰. No ano de 2018 o texto da proposta passava por modificações e ainda em 2019 não foi transformado em Lei.

Ananindeua, por outro lado, já apresenta uma legislação que define sua Política Municipal de Educação Ambiental em que reconhece seu caráter interdisciplinar. Esse município metropolitano de Belém (PA) instituiu em maio de 2011 a Lei Nº 2.510, dispondo sobre sua Política de EA e dando outras providências⁵¹. Sua definição para Educação Ambiental está de acordo com a Política Nacional e, além disso, estabelece que as escolas do município adotem em seus projetos pedagógicos o conhecimento das legislações ambientais, dos órgãos e projetos voltados para essa área.

Para as escolas da rede pública municipal a Lei impõe atenções que devem ser priorizadas em sua teoria e prática pedagógica. Entre elas reconhece a importância de as

⁴⁹ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

⁵⁰ PARÁ. Secretaria de Estado de Meio Ambiente. Projeto de Lei Nº 110 de 2006. Dispõe sobre a Educação Ambiental, Institui a Política Estadual de Educação Ambiental, no Âmbito do Estado do Pará e dá Outras Providências. Disponível em: <https://www.sema.pa.gov.br/download/Proposta_educacao_ambiental.pdf> Acesso em: 01/10/2019.

⁵¹ ANANINDEUA (Município). Lei Municipal nº 2.510, de 23 de maio de 2011. Institui a Política Municipal de Educação Ambiental, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.ananindeua.pa.gov.br/public/arquivos/legislacao/LEI_No.2.510_DE_23_DE_MAIO_DE_2011.pdf> Acesso em 01/10/2019.

escolas localizadas próximo a Unidades de Conservação, rios, lagos e lagunas adotarem trabalhos de proteção e recuperação desses ambientes em suas ações de EA. Outra atenção solicitada é sobre o monitoramento e participação na Agenda 21 Escolar. Esse ponto é bastante importante tanto para o núcleo pedagógico quanto para os professores de uma instituição escolar pública do município.

Isso se dá devido ao reconhecimento da importância da escola em pensar sobre as questões ambientais locais e juntamente com a comunidade buscar soluções e ações. Afinal a Agenda 21 Escolar, ou Agenda 21 na Escola, é um programa que visa gerar tomadas de atitude em âmbito local para melhores relações com o meio⁵². Com isso evitando a “externalização” da responsabilidade sobre os problemas ambientais⁵³. Esse documento destaca que sua ação está dentro da perspectiva de “Círculos de Cultura” de Paulo Freire⁵⁴, mas é nítido que também se assemelha com a lógica dos “Pequenos Pelotões” apresentada por Roger Scruton para ação em questões ambientais⁵⁵.

Ao citar a Agenda 21 na Escola, essa Lei de Ananindeua ressalta a importância da instituição escolar em atingir os seis objetivos da EA apresentados na Carta de Belgrado. Para isso os professores também precisam tomar consciência e adquirir conhecimentos para acrescentar a temática em suas aulas. Mas o cenário do ensino no município parece estar de acordo com a realidade de outras regiões do país, pois as disciplinas que tratam sobre meio ambiente e Educação Ambiental, segundo os alunos, são as de Geografia e Ciências⁵⁶. O que indica que poucos professores se atentam para a temática, além de enfatizar a importância de compreender o que professores das outras disciplinas pensam sobre conceitos como Natureza, Educação Ambiental, e outros que permitam compreender suas percepções de EA e a inserção, ou apagamento, disso em suas aulas. Mas como já foi comentado, o foco aqui são os professores de História.

⁵² BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Formando Com-Vida: Construindo a Agenda 21 na Escola**. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/FormandoComVida.pdf>> Acesso em: 02/10/2019.

⁵³ Essa externalização de responsabilidade já foi verificada em alunos do município de Ananindeua em turmas do 4º e 5º ano, quando questionados sobre o maior responsável pelos danos ambientais definiram que esse era o governo. Ver SILVA, Marcia Lemos da. Percepção ambiental na visão dos educandos do 4º e 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Liberdade, Ananindeua/PA. Monografia, 2016.

⁵⁴ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014, p. 37.

⁵⁵ SCRUTON. Op cit.

⁵⁶ CORDOVIL, Wendell P. Machado; KETTLE, Wesley Oliveira. As concepções dos alunos do ensino básico sobre Educação Ambiental e sua relação com a disciplina de História. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria de Sousa. (Org.). *Aprendendo História: Diálogos Transversais*. 1ed.União da Vitória: Sobre Ontens, 2019, v. 1, p. 445-454.

Vários professores entrevistados comentaram que o interesse do campo da História em pesquisa/ensino na temática ambiental é recente. Uma percepção que já foi destacada no início deste capítulo. Essa noção talvez ajude no apagamento das questões ambientais e do meio ambiente nas aulas de História apontado pelos alunos de Ananindeua (PA)⁵⁷. Com esse cenário, é importante destacar que orientações sobre como tratar essa discussão no ensino, algumas orientadas diretamente para os professores de História, são apresentadas em parâmetros e manuais governamentais brasileiros desde pelo menos a década de 90 do século XX. Os Parâmetros Curriculares Nacionais são um exemplo.

2.2. Parâmetros Curriculares Nacionais, Base Nacional Comum Curricular e Educação Ambiental

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a partir de 1998 definem orientações para o trabalho da temática ambiental nas séries finais do Ensino Fundamental e nas séries do Ensino Médio. O tema meio ambiente é apresentado nesses documentos como transversal. Os PCNs apresentam que:

[...] as problemáticas sociais em relação à ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual e trabalho e consumo são integradas na proposta educacional dos Parâmetros Curriculares Nacionais como Temas Transversais. Não se constituem em novas áreas, mas num conjunto de temas que aparecem transversalizados, permeando a concepção das diferentes áreas, seus objetivos, conteúdos e orientações didáticas.⁵⁸

Os PCNs apresentam ainda um Caderno voltado para orientações específicas sobre o trabalho com esse tema transversal nas diversas disciplinas do currículo escolar. O caderno “Meio Ambiente” comenta sobre a importância da educação “para a transformação da consciência ambiental” e “Enfatiza, assim, a urgência da implantação de um trabalho de Educação Ambiental que contemple as questões da vida cotidiana do cidadão e discuta algumas visões polêmicas sobre essa temática”⁵⁹.

Um ponto que merece destaque nesse documento é que ele apresenta as áreas de Ciências Naturais, História e Geografia como “tradicionais parceiras” para o desenvolvimento dos conteúdos ambientais. Porém, mesmo com os PCNs afirmando a História como parceira

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Introdução, Brasília, DF, 1998, p. 65.

⁵⁹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Caderno Meio Ambiente, Brasília, DF, 1998, p. 169.

da discussão, diversas bibliografias indicam que a disciplina no Ensino Básico ainda parece distante da discussão⁶⁰, o que aparenta ser uma realidade nacional.

As fontes coletadas a partir de entrevistas com professores de História de Ananindeua (PA), que serão discutidas mais profundamente no segundo capítulo deste trabalho, enfatizam esse distanciamento quando as legislações sobre EA e os Parâmetros Curriculares pouco aparecem nos discursos desses sujeitos como suporte para suas definições. No próximo capítulo esse ponto será retomado, cabe nesse momento destacar alguns apontamentos que desde 1998 os PCNs apresentavam aos professores de História.

No caderno de Meio Ambiente se expõe horizontes para os docentes trabalharem a discussão. O documento destaca “um modelo de civilização” que se impôs nos últimos séculos e que produziu nas sociedades ocidentais uma interação entre Humanidade/Natureza voltada para as relações de mercado⁶¹. Com isso, segundo o caderno, a exploração da Natureza se intensificou e sua lógica seria responsável por grande parte da destruição dos recursos naturais⁶². Apontamento esse que permite ao professor de História dialogar sobre compreensões e os usos da Natureza ao longo da história, a ideia de desenvolvimento/progresso e sua relação com o meio ambiente. Além disso, o professor deve expor aos alunos sobre a sustentabilidade.

Problemáticas sociais também são inseridas pelo documento como relacionadas a esse modelo de civilização. Fome, miséria, injustiça social e baixa qualidade de vida aparecem no texto do documento como fazendo parte da discussão ambiental. Esse caderno apresenta o tema transversal do meio ambiente em seu ponto de vista socioambiental, utilizando esse conceito por pelo menos quatro vezes ao longo de suas 76 páginas.

O Caderno apresenta que a área da História pode debater questões relacionadas à origem do mundo e da humanidade, além das várias formas de organização socioculturais

⁶⁰ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. **História & Ensino**, 2003, v. 9, p. 37-61. CARVALHO, Ely Bergo de ; COSTA, Jamerson de Sousa. Ensino de história e meio ambiente: uma difícil aproximação. **História & Ensino**, 2016, v. 22, n. 2, p. 49-71.

⁶¹ Compreensão que aparece desde as leituras de Karl Marx sobre a economia de mercado, definida pelo autor como “capitalismo”. Ver: MARX, Karl. O capital: livro 1, o processo de produção do capital. **São Paulo: Boitempo**, 2013. Segundo alguns autores esse modelo viria a produzir necessariamente uma noção insustentável que teria na destruição da Natureza o desenvolvimento. Ver: FREITAS, Rosana de Carvalho Martinelli; NÉLSIS, Camila Magalhães; NUNES, Letícia Soares. A crítica marxista ao desenvolvimento (in) sustentável. **Revista Katálisis**, Florianópolis, 2012, v. 15, n. 1, p. 41-51.

⁶² BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Caderno Meio Ambiente, Brasília, DF, 1998, p. 173.

construídas ao longo da história e suas relações com os ciclos naturais. O documento também dá destaque para as possibilidades de trabalho com a temática da alimentação para se debater produção, consumo e cultura alimentar. O texto do Caderno é bem sensível ao descrever como utilizar a alimentação para o debate sobre sociedade e Natureza:

O estudo do convívio das sociedades com a Natureza, na área de História, permite identificar “relações alimentares” concretas no ambiente. Uma das possibilidades é fazer um levantamento com os alunos sobre os seus alimentos cotidianos, identificando os que são naturais, os industrializados, onde foram produzidos, de onde são originários, como são preparados etc. Como os alimentos atuais têm uma história, é possível estudar quais eram consumidos pelas populações indígenas, na época da chegada dos europeus no Brasil; como eram obtidos e servidos; as diferenças e semelhanças dos alimentos consumidos em geral pelos europeus, distinguindo quais eram, como eram produzidos, adquiridos, preparados, comercializados, se houve adaptação à nova terra, se trouxeram alimentos de outras partes do mundo; e se havia diferença entre a alimentação dos mais pobres, dos senhores, dos escravos, por região etc.⁶³

Não seria equivocado afirmar que essa possibilidade apresentada pelo Caderno de 1998, para o professor de História acrescentar a discussão ambiental em suas aulas, pode ser entendida como História da Alimentação⁶⁴ sendo utilizada no ensino de História.

Além disso, o manual acrescenta que os alunos devem receber conhecimento sobre os movimentos ambientalistas, “sua formação, seus principais representantes e interlocutores”⁶⁵, além de conhecer as leis ambientais e a história de sua cidade. O Caderno também dá espaço para a discussão sobre consumismo, luta que, segundo Scruton, deveria unir até mesmo os campos políticos à esquerda e à direita⁶⁶. A perspectiva do documento apresenta uma noção histórica e social da Educação Ambiental, reconhecendo essa sempre como caminho para a sustentabilidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁶⁷, documento mais recente direcionado à construção de uma base comum para os currículos escolares de todo o Brasil, apresenta pequenos direcionamentos sobre o trabalho com a questão ambiental pelo docente da área de História. O documento está de acordo com a Lei 9.795/99 e apresenta explicitamente a

⁶³ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Caderno Meio Ambiente, Brasília, DF, 1998, p. 209.

⁶⁴ FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

⁶⁵ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Caderno Meio Ambiente, Brasília, DF, 1998, p. 217.

⁶⁶ SCRUTON. Op cit., p. 221.

⁶⁷ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: a educação é à base. Brasília, DF, 2017. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 14/10/2019.

discussão, no componente curricular de História, desde o 2º ano do Ensino Fundamental. Na Habilidade EF02HI11 define que deve se desenvolver no aluno a capacidade de “Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive”⁶⁸. Além de apresentar, para esse mesmo ano, a Unidade Temática “O trabalho e a sustentabilidade na comunidade”, que como seu Objetivo de Conhecimento define “A sobrevivência e a relação com a Natureza”.

Em vários momentos a Base explicita que o professor deve discutir sobre a relação da humanidade com a Natureza e unidades de conservação. Para os anos finais do Ensino Fundamental o documento explicita na apresentação que “A sistematização dos eventos é consoante com as noções de tempo (medida e datação) e de espaço (concebido como lugar produzido pelo ser humano em sua relação com a Natureza)”⁶⁹. Assim ressalta a importância de observar a relação com a Natureza ao longo da história da humanidade. Esse apontamento já possibilita ao docente desenvolver ao longo de qualquer conteúdo histórico a discussão ambiental. Destaca-se que os trabalhos historiográficos do campo da História Ambiental são fundamentais para essa prática.

Do mesmo modo, como a Base entende na sustentabilidade um dos objetivos do ensino, o documento permite também a realização da Educação Ambiental: Tomada de consciência, conhecimentos e, o que é fundamental para a EA, atitude e participação.

Mesmo que bibliografias se preocupem em apontar o não aprofundamento da Base na explicitação de uma metodologia para trabalhar a EA⁷⁰, cabe à formação de professores o desenvolvimento dessa habilidade no docente. Para aqueles que estão atuando e não receberam essa devida capacitação é necessária a ação de Universidades e a criação de políticas municipais, estaduais e federais, visando essa formação continuada.

Com essa colocação partimos para a última parte do capítulo com um questionamento importante em virtude de tudo que foi aqui exposto: Se a discussão ambiental está intensamente em questão há bastante tempo no cenário global, o campo da História se volta mais profundamente para a temática com a História Ambiental, e Leis e documentos

⁶⁸ Ibidem, p. 409.

⁶⁹ Ibidem, p. 416.

⁷⁰ ANDRADE, Maria Carolina Pires de; PICCININI, Cláudia Lino. Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular: retrocessos e contradições e o apagamento do debate socioambiental. **IX Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2017, 13p.

brasileiros impõem a temática no ensino, por que a disciplina de História do Ensino Básico parece tão distante dessa questão?

2.3. Um tema e três problemas: o afastamento dos professores da temática ambiental

A fala de uma professora, em uma conversa após a realização da entrevista para a pesquisa, indica um caminho para a resposta. Após inclinar levemente a cabeça para a esquerda, como se estivesse tímida ou com vergonha, a entrevistada falou como quem conta um segredo: “A realidade é que a gente não sabe como discutir isso em História [...] Eu fico com receio de falar de meio ambiente e deixar de falar do que tem que ser falado, que é a História”⁷¹.

O comentário da entrevistada nos permite perceber dois pontos. O primeiro é a falta do saber fazer⁷² para realizar a discussão sobre meio ambiente e a Educação Ambiental nas aulas da disciplina. Nota-se a dificuldade metodológica para inserir a temática. O segundo ponto, que acentua o problema do ponto anterior, é a compreensão de que tratar do tema ambiental foge daquilo que seria a disciplina de História. Essa noção presente na fala da professora nos permite perceber o distanciamento ainda existente entre História e meio ambiente no Ensino Básico.

Dialogando as pesquisas de Ely Bergo de Carvalho com as de Mauro Grun é possível ponderar sobre os provocadores dessa situação, compreensão importante para os capítulos seguintes. Ely de Carvalho aponta três “ordens de fatores” que provocam a pouca presença da Educação Ambiental (compreendendo aqui o debate ambiental e a realização da EA) nas escolas brasileiras. Esses seriam:

- a) a falta de uma “consciência ambiental” por parte de gestores e educadores, ou, dito de outra forma, a não priorização dessa temática por parte desses agentes; b) a crônica carência material e de condições de trabalho, em especial nas escolas públicas: baixos salários, salas superlotadas, que dificultam em muito, por exemplo, um trabalho interdisciplinar nas escolas; c) a estrutura fragmentada do conhecimento

⁷¹ Conversa com professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (PA), após a entrevista realizada em outubro de 2016.

⁷² Compreendo aqui o saber fazer como a habilidade do docente de determinada disciplina em conseguir articular seu conhecimento gerando metodologias que alcancem seus objetivos para formação do aluno. Entendo que essa articulação pode ser desenvolvida, no caso da disciplina de História, quando o professor movimentar de forma cíclica seus conhecimentos dos processos históricos, a partir da historiografia, seus conhecimentos pedagógicos, conhecimentos culturais e experiências de vida e de observação (olhar o mundo ao redor para além de sua própria realidade, dando atenção para a realidade da escola e dos alunos). A partir dessa articulação o profissional gera sua metodologia (narrativa da aula, recursos didáticos, ambientes a serem utilizados, etc.) direcionando a disciplina para os objetivos da formação cidadã (aqui se destaca a Educação Ambiental).

moderno, voltado para o controle e não para o diálogo com a Natureza, o que é reproduzido nas escolas.⁷³

A falta de uma consciência ambiental, apontada no fator “a”, está ligada ao processo de ensino desses próprios gestores e educadores. A consciência ambiental deve ser adquirida a partir do processo de educação, da Tomada de Consciência à Participação. Porém, se os professores da formação de professores não atuam na construção dessa consciência nos graduandos, geram quase uma equação de Movimento Retilíneo Uniforme. O fator “velocidade” da equação sempre permanece constante na não construção de consciência ambiental. Isso, por sua vez, acarreta na não construção da mesma consciência nos alunos que serão ensinados por esses professores quando formados. A falta dessa consciência cria algo como uma “Equação de Consciência Ambiental” que chega sempre na mesma posição final: a falta da Educação Ambiental no ensino.

Esse cenário acentua a carência de material didático que insira a temática ambiental na discussão histórica (parte da “carência de material” apontada no fator “b” e também pelos professores entrevistados). Além disso, com a falta de investimentos para realização de atividades (outro fator apontado pelos entrevistados para essa pesquisa) e a baixa remuneração de professores, o meio ambiente fica cada vez mais distante das narrativas da disciplina de História.

Sobre a questão ambiental no material didático, uma entrevistada apontou que:

“A gente tem que produzir o nosso material didático para poder trazer essa questão para a sala de aula. [...] A gente pode hoje trabalhar com imagem, trabalhar com texto, a gente tem alguns áudios muito interessantes, algumas músicas, alguns poemas, com relação à devastação do meio ambiente. [...] Todo mundo pode trabalhar, depende da vontade que ele tenha de fazer isso”.⁷⁴

A necessidade de produzir um material próprio que debata a temática ocorre, segundo a mesma entrevistada, por conta de que “O material didático que nos chega não debate meio ambiente. Os livros que nós temos quando debatem, debatem um textozinho lá no final, uma coisa minúscula, que eu sempre digo que o aluno não nota”⁷⁵.

⁷³ CARVALHO, Ely Bergo de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História**. 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 215-216.

⁷⁴ Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II, Ananindeua (PA).

⁷⁵ Importante destacar aqui que a pesquisa que desencadeou esse trabalho também teve contato com o material didático utilizado pelos professores. Mesmo que não seja objetivo deste trabalho se debruçar profundamente sobre isso, é de se enfatizar que o material dos professores de Ananindeua entrevistados, entre apostilas, provas e livros didáticos, apresentavam nada ou pouco sobre a temática ambiental. Destaca-se a apostila do discente da

Com a fala da professora é possível perceber que o docente precisa ter “vontade” de trabalhar a questão. Acrescenta-se aqui a importância do desenvolvimento dos três primeiros objetivos da EA, segundo a Carta de Belgrado, para impulsionar no sujeito educador essa vontade, essa consciência ambiental.

Em um primeiro momento pode parecer que a visão de debate ambiental da professora é apenas sobre “devastação do meio ambiente”, mas ao longo da sua fala foi possível entender que a professora acredita que para fazer a Educação Ambiental também é necessário “o debate sobre desenvolvimento sustentável”, discutir melhores práticas de consumo.

No entanto, essa entrevistada é a mesma que, como apresentado anteriormente, comentou timidamente que os professores não sabem como inserir a EA na disciplina de História, e que fica com receio de falar de meio ambiente e deixar de falar de História. Isso indica a forma fragmentada na qual o ensino se constrói, que poderia ser caracterizada como “multipartida” por Ivani Fazenda, o que nos leva diretamente ao terceiro apontamento de Ely Bergo de Carvalho.

O fator “c”, apontado por Ely de Carvalho, é o que mantém a equação sempre caminhando para a mesma posição final. Podemos ver que essa fragmentação do conhecimento voltado para a objetificação da Natureza está dentro do modelo que Mauro Grun chama de “cartesiano-newtoniano”⁷⁶ e que afirma ser a base das estruturas conceituais dos currículos de ensino⁷⁷. Grun compreende que a partir das soluções encontradas por René Descartes para o problema teórico-metodológico do século XVII⁷⁸ emerge o sistema que separa a humanidade da Natureza.

A solução de Descartes, segundo Grun, é conferir à razão humana o lugar central, que Deus não ocupava mais da mesma forma, nas análises sobre o mundo. René Descartes acreditava que só a partir da iluminação proporcionada pela luz da razão é que seria possível o

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Saturnino Favacho, localizada no conjunto PAAR em Ananindeua, que debatia sobre saneamento básico fazendo uma relação entre o bairro e o Brasil Colonial. No entanto, é de se frisar que o material é uma produção posterior a realização da entrevista o que pode indicar que apenas com a realização da pesquisa já foi possível incentivar o interesse, ou vontade, do professor pela temática.

⁷⁶ GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. 14º ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 61.

⁷⁷ Ibidem, p. 45.

⁷⁸ Problema que, segundo Mauro Grun, se constrói com os processos de passagem para o “mundo moderno”. Com a epistemologia teológica medieval perdendo credibilidade, o fator “Deus” saíria do ponto central que ocupava. A unidade que era mantida por esse fator estava perdida e era necessário desenvolver uma resposta teórico-metodológica.

conhecimento das coisas⁷⁹. Segundo Grun, Descartes pretendia conferir unidade a essa razão, mas para isso precisaria de algo sob o qual essa razão iria se impor. Mauro Grun sintetiza sua compreensão sobre Descartes:

O problema metodológico enfrentado por Descartes é o seguinte: se existe uma unidade da razão, deve haver algo que necessariamente não seja uno e, por tanto, seja divisível. Este algo é o mundo, a Natureza, tornada objeto da razão. A consequência disso é que a razão só pode legitimar sua autonomia como divisora do mundo físico. [...] Se a razão é autônoma, a Natureza não pode sê-lo. Então a Natureza precisa ser dominada. [...] Como posso dominar alguma coisa da qual faço parte? A resposta é que não posso; conseqüentemente não posso fazer parte da Natureza.⁸⁰

Grun afirma que ao realizar essa separação, René Descartes transforma a Natureza em objeto de observação do qual o observador não faz parte. Para o autor “É na base desse dualismo que encontramos a gênese filosófica da crise ecológica moderna, pois a partir desta cisão a Natureza não é mais que um objeto passivo à espera do corte analítico”⁸¹.

Mesmo que alguns autores defendam que essa visão é apenas um “imaginário ocidental” sobre a filosofia cartesiana e que essa não seria construtora de um dualismo responsável pela ruptura entre humanidade/Natureza e cultura/Natureza⁸², pesquisas que tratam as leituras de Descartes sobre os animais não humanos⁸³ corroboram a visão apresentada por Mauro Grun. René Descartes compreendia que as regras da Mecânica eram as regentes da Natureza⁸⁴ e a lógica de analisar o mundo a partir dessas leis é intitulada de mecanicismo.

Ely de Carvalho comenta que muitas vezes quando a historiografia incorpora a temática ambiental ainda se mantém dentro dessa concepção de separação entre Natureza e humanidade. Além disso, mesmo com a História Ambiental emergindo com a perspectiva de

⁷⁹ BATTISTI, César Augusto. Descartes: da unidade originária da razão e seus desdobramentos. **Revista Diaphonia**, 2015, v. 1, n. 1, p. 118.

⁸⁰ GRUN. Op cit., p. 36.

⁸¹ Ibidem.

⁸² RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia; FREIRE, José-Jozefran. O dualismo de Descartes como princípio de sua Filosofia Natural. **Estudos Avançados**, 2013, v. 27, n. 79, p. 157-170.

⁸³ FAUSTO, Juliana. A cadela sem nome de Descartes: Notas sobre vivissecção e mecanomorfose no século XVII. **DoisPontos**, 2018, v. 15, n. 1, p. 43-59.

⁸⁴ Ibidem.

modificar a visão de História que excluía a Natureza de suas narrativas⁸⁵ esse campo ainda é “secundário da historiografia”⁸⁶.

Carvalho enfatiza que mesmo com a historiografia brasileira tendo longa tradição de análise existe pouco espaço para debater essa perspectiva na formação inicial em História⁸⁷. Essa realidade ajuda na perpetuação da ideia na mente dos graduandos de que a História não tem nada a dizer sobre meio ambiente e Natureza. Dentro dessa noção esses alunos apresentam pouco interesse por disciplinas como História Ambiental e mesmo pela temática ambiental⁸⁸.

A falta de consciência ambiental destacada no ponto “a” por Ely de Carvalho está ligada intimamente com essa separação entre humanidade e Natureza. Ao não priorizar a temática ambiental se está necessariamente priorizando outras temáticas. No campo da disciplina de História muitas vezes os professores priorizam “criticidade de governo, de política, de exigir seus direitos, [...] Revolução Francesa, o povo se manifestando [...]”⁸⁹. Porém não percebem que a temática ambiental está dentro de todos os pontos citados.

Não se dão conta disso pela separação entre humanidade e Natureza e a fragmentação do conhecimento que coloca como objeto de estudo da História apenas a cultura. Nessa lógica, a separação entre humanos e Natureza é necessariamente a divisão entre Natureza e cultura, logo a disciplina de História não deve falar de Natureza ou meio ambiente, muito menos realizar a Educação Ambiental. Como aponta Ely Bergo de Carvalho:

Em tal perspectiva reducionista e disjuntiva, a Educação Ambiental seria um tema para as áreas de Geografia e Biologia, de forma que não é coincidência que sejam os professores dessas disciplinas que organizam, prioritariamente, os trabalhos de Educação Ambiental nas escolas e que sejam tais disciplinas que hoje formam os paradigmas transdisciplinares que colonizam os estudos das relações sociedade-natureza.⁹⁰

⁸⁵ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, 1991, v. 4, n. 8, p. 199.

⁸⁶ CARVALHO, Ely Bergo de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História**. 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 209.

⁸⁷ CARVALHO, Ely Bergo de. Uma voz que clama do deserto: minhas experiências de educação ambiental na formação inicial de historiadores. **Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação**, 2017, v. 4, n. 6, p. 22.

⁸⁸ Ibidem, p. 26-27.

⁸⁹ Comentário de professora entrevistada após ser questionada sobre como inseria a Educação Ambiental em seu material. Em resposta a professora diz que suas aulas são mais voltadas para essas temáticas do que para a temática ambiental. Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

⁹⁰ CARVALHO. 2010. Op cit., p. 216.

Como foi comentado no início deste capítulo é nítido que os professores de História de Ananindeua (PA) não vivem em uma “Era Ecológica”. Ao que parece muitos dos professores de História do município de Ananindeua ainda vivem às 8h da manhã do dia 6 de agosto de 1945, o dia bonito antes da destruição por uma tecnologia humana. Não se deram conta ainda que a relação da humanidade com a natureza é preocupação urgente e não pode ficar de fora da disciplina.

Um dos passos para transformar o fator “velocidade” da “Equação do Meio Ambiente no Ensino” de “não construção de consciência ambiental” para “Educação Ambiental” é compreender as representações que os professores constroem sobre Natureza, História, Meio Ambiente, e sobre a própria Educação Ambiental para tentar entender como inserem na prática esses temas em suas aulas ministradas. Nas palavras de Ely de Carvalho “Entender quais as representações da natureza produzidas por professores e alunos é uma parte importante para uma atuação mais eficaz no processo de educação ambiental”⁹¹.

Nessa problemática, o presente trabalho segue com o intuito de entender as representações e práticas dos professores de História de Ananindeua (PA) referentes à temática ambiental. O capítulo seguinte apresenta algumas análises a partir das fontes adquiridas por meio de entrevistas com professores de escolas da região.

⁹¹ CARVALHO, Ely Bergo de. “A natureza não aparecia nas aulas de História”: lições de educação ambiental aprendidas a partir das memórias de professores de História. *História oral*, 2012, v. 1, n. 15, p. 107.

3. SEGUNDO CAPÍTULO - PROFESSORES DE HISTÓRIA EM ANANINDEUA: SUAS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA E MEIO AMBIENTE

Meio ambiente. Lugar que a gente vive. Todos os recursos, nesse lugar que a gente vive, todos os recursos que fazem parte dele, que de qualquer forma nos dá subsídio para sobreviver.¹

Acima é possível ler a resposta de um professor que atua no município de Ananindeua ministrando a disciplina de História. Essa resposta foi verbalizada pelo docente quando levantado o questionamento “O que você entende por natureza?”.

Os conceitos surgem para transformar em linguagem aquilo que pode ser observado pelos sentidos humanos. A partir das relações desses animais em seu ambiente ao longo do tempo, as leituras sobre o mundo se constroem e reconstróem. Com isso, os conceitos são modificados. Natureza é um dos conceitos que se construiu e reconstruiu com as interações humanas ao longo do tempo.

Definir a Natureza pode ser uma tarefa complicada. Entre inícios como “O que eu entendo por Natureza, né? Boa pergunta”² e meios como “Não sei se tô conseguindo me fazer entender...”³, as entrevistas com os professores de História em Ananindeua possibilitaram a percepção de nossa dificuldade de definição para esse conceito.

O filósofo Thomas Kesselring comenta sobre cinco fases do histórico desse conceito no pensamento ocidental, da Antiguidade à Modernidade. A origem etimológica da palavra Natureza “provém do latim: ‘natura’, palavra relacionada a ‘nasci’ que pode ser traduzida como ‘ser nato’”⁴. Os gregos do período clássico, por sua vez, usavam o termo “physis” como contraposto à “téchne”. O primeiro, significando Natureza, era usado para referenciar “o cosmos, o universo e tudo que existe”. O segundo se direcionava a definir a capacidade humana de construir, entre esculturas e instrumentos⁵. Kesselring destaca que:

Para os gregos, o paradigma da physis era a vida orgânica. É esse o primeiro caráter desse conceito. Não foi por acaso que muitos filósofos gregos usaram esse paradigma quando trataram do Estado ou do cosmos. A imagem arquetípica do

¹ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente da disciplina de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, Ananindeua (PA).

² Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, localizada na Cidade Nova VIII, Ananindeua (PA).

³ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

⁴ KESSELRING, Thomas. O conceito de Natureza na história do pensamento ocidental. Episteme. 2000, n. 11, p. 154.

⁵ Ibidem, p. 155.

Estado e do cosmos era o organismo. A Natureza era vista, além disso, como um processo circular, um processo de surgir e desvanecer. [...] Não há um criador da Natureza, pois essa mesma é o princípio daquilo que surge e desaparece.⁶

Quando o historiador Keith Thomas escreve sobre o histórico da tentativa de separar “o homem” dos outros elementos do mundo destaca que essa visão grega de Natureza, exposta na citação anterior, já tentava encontrar uma singularidade na humanidade. O autor apresenta que “Segundo Aristóteles, a alma compreendia três elementos: a alma nutritiva, compartilhada pelos homens e vegetais; a alma sensível, dos homens e animais; e a alma racional ou intelectual, exclusiva do homem”⁷. Além disso, a diferença entre “o homem” e “os animais” para Aristóteles era também a de que “o homem” seria capaz de escolher, enquanto isso os animais seriam controlados pelo instinto⁸.

Kesselring e Thomas concordam que Aristóteles influenciou bastante o pensamento medieval sobre a Natureza. Conhecido pelos árabes medievais simplesmente como “o filósofo”⁹ teve sua ideia sobre a alma racional exclusiva do “homem” retomada “pelos escolásticos medievais e combinada com a ideia judaico-cristã de que o homem foi feito à imagem de Deus”¹⁰.

No entanto, Kesselring afirma que mesmo que ideias gregas tenham influenciado intelectuais medievais, como São Tomás de Aquino, a percepção de uma Natureza sem criador é substituída pela de que a Natureza é criação divina, mas Deus é exterior a ela. A Natureza seria então manifestação da bondade e sabedoria divina¹¹.

Keith Thomas comenta sobre a culpa que o historiador Lynn White Jr. definia como sendo da Igreja medieval sobre “os horrores da poluição moderna”¹². O autor discorda afirmando que Lynn White teria superestimado a determinação da religião oficial sobre as ações humanas. É necessário destacar que o autor tenha também subestimado a diversidade de visões da Igreja medieval sobre Natureza. São Francisco de Assis é um exemplo. Jacques Le

⁶ Ibidem, p. 155-156.

⁷ THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras. 2010, p. 40.

⁸ Ibidem, p. 42.

⁹ KESSELRING. Op. Cit. p. 157.

¹⁰ THOMAS. Op. Cit. p. 40.

¹¹ KESSELRING. Op. Cit. p. 158. Santo Agostinho apresentava a Natureza como manifesto da existência de Deus. A partir da observação do voar dos pássaros, da vitalidade das sementes, das mudanças de tempo, solicitava que o observador se atenta para os fatos e buscasse o fazedor deles. Ver: RÊGO, Marlesson Castelo Brando do. **O conceito de Natureza em Santo Agostinho**. Tese (Doutorado Interdisciplinar de Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2015.

¹² THOMAS. Op. Cit. p. 29.

Goff apresenta o Santo como uma “personagem histórica” da passagem do século XII para o XIII, uma Idade Média mais dinâmica, que “[...] enriqueceu a espiritualidade com uma dimensão ecológica que fez dele o criador de um sentimento medieval de natureza expresso na religião, na literatura e na arte”¹³¹⁴.

No entanto é importante entender, como afirma Keith Thomas, que é possível:

[...] sustentar, com algum cabimento, que a influência grega e estoica distorceu o legado judaico, de modo a tornar a religião do Novo Testamento muito mais antropocêntrica que a do Antigo; e o cristianismo ensina, numa escala jamais encontrada no judaísmo, que o mundo todo se subordina aos objetivos do homem.¹⁵

Visões de pensadores medievais sobre a Natureza também tiveram lugar no início do período denominado de Idade Moderna. Kesselring aponta que o pensamento teológico da Idade Média, a redescoberta da Antiguidade no século XV e o aprofundamento da tradição experimental na pesquisa científica da Natureza, que se forma desde o século XIII, são significativos na formação da compreensão de Natureza no início da Idade Moderna.

O autor afirma que nos séculos XVI e XVII Deus ainda permanecia no campo científico Ocidental como criador exterior à Natureza. Ele não apenas criara o mundo, mas ainda atuava ativamente sobre ele. Porém, ao longo da Idade Moderna, Deus perdeu espaço para as Leis Naturais. A razão humana toma aos poucos o lugar da razão divina. O mecanicismo, comentado no capítulo anterior, começa a dominar o pensamento filosófico Ocidental a partir do século XVII¹⁶. Nesse momento:

A Natureza que, antes, era o âmbito da criação, torna-se objeto dele: o objeto de sua Ciência e da sua manipulação. A divisão cartesiana do mundo em duas partes – a *res extensa* (mundo dos corpos materiais) e a *res cogitans* (mundo do pensamento) – é sintomática da cisão entre o Homem e a Natureza. Segundo esse esquema, a Natureza restringe-se à parte da *res extensa*.¹⁷

Como apresentado no capítulo anterior essa separação moderna entre humanidade e Natureza, segundo Ely Bergo de Carvalho, ainda é como a Natureza é apresentada nas

¹³ JACQUES, Le Goff. **São Francisco de Assis**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2011, p. 9.

¹⁴ Cabe destacar que o próprio Lynn White Jr. reconhece a “ecologia” (termo usado por Le Goff com um anacronismo proposital) de São Francisco e, como Keith Thomas aponta em nota de rodapé, propôs que o Santo fosse reconhecido como padroeiro da ecologia. O Papa João Paulo II o declara padroeiro em 29 de novembro de 1979, na Carta Apostólica “S. Franciscus Assisiensis Caelestis Patronus Oecologiae Cultorum Eligitur” – Keith Thomas indica a data em sua nota de rodapé como abril de 1980.

¹⁵ THOMAS. Op, Cit. p. 32.

¹⁶ KESSELRING. Op. Cit. p 160-162.

¹⁷ Ibidem. p. 161.

escolas¹⁸. Mas e o conhecimento sobre todo esse processo histórico de mudanças na compreensão do conceito de Natureza?

Será que os professores de História em Ananindeua discutem sobre esse histórico em suas aulas? Analisam a compreensão de Natureza das sociedades nos períodos históricos que abordam em suas aulas? Para entender isso é necessário questionar o que esses professores entendem por Natureza. Suas representações sobre a Natureza estão diretamente ligadas com a forma que os professores abordarão a questão em suas aulas de História. As representações sobre Educação Ambiental desses também estão diretamente conectadas com suas representações de Natureza e Meio Ambiente.

Este capítulo tem como pretensão analisar as representações dos professores de História de Ananindeua sobre os conceitos de Natureza e Meio Ambiente. Como pôde ser visto no trecho da fala de um professor, apresentada no início deste capítulo, Natureza e Meio Ambiente algumas vezes são representadas como sinônimos.

Para iniciar a apresentação da análise das fontes é importante comentar sobre os caminhos teórico-metodológicos que serão utilizados ao longo deste capítulo e do próximo.

3.1. Fundamentos teórico-metodológicos na análise das argumentações dos professores de História entrevistados

As fontes utilizadas tratam-se das respostas dos quatorze professores da disciplina de História do município de Ananindeua (PA) sobre um questionário voltado à questão da Educação Ambiental e Ensino de História. As fontes foram coletadas de duas formas. A maioria delas a partir de entrevistas físicas realizadas com os professores de escolas públicas de Ananindeua que foram contatados e aceitaram participar. Essas ocorreram nas escolas em que os determinados professores lecionam e foram gravadas em arquivo de áudio com a devida permissão dos entrevistados. Algumas entrevistas foram respondidas de forma digitada, pois esses professores não encontraram tempo para a entrevista física. Um arquivo em Word contendo os questionamentos foi enviado para o endereço eletrônico desses

¹⁸ CARVALHO, Ely Bergo de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História**. 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 209-219.

professores e no mesmo arquivo as respostas foram acrescentadas. No decorrer da análise a forma de entrevista será levada em consideração.

Sobre o uso de entrevistas como fonte de pesquisa, a psicóloga Rosália Duarte afirma que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.¹⁹

A utilização dessa metodologia de coleta das fontes visou então possibilitar o acesso sobre as concepções de mundo e das relações no mundo dos entrevistados. Assim como perceber quais conhecimentos são articulados pelos professores na montagem de suas descrições sobre Natureza, Meio Ambiente, Educação Ambiental e Ensino de História.

Os indícios de como os sujeitos históricos entrevistados significam a realidade do mundo físico são buscadas a partir da interpretação sobre suas respostas para os questionamentos de “O que você entende por Natureza?”, “Quais disciplinas você acredita que devem se importar com o meio ambiente?” e “Em que medida a Natureza foi/é importante para os processos históricos?”.

Com essas questões, se pretendeu compreender quais elementos do mundo físico os entrevistados incluem, e conseqüentemente não incluem, em suas representações sobre a Natureza e Meio Ambiente. Com uma interpretação que provoca o diálogo entre as respostas buscou-se perceber se a representação dos professores sobre Natureza e Meio Ambiente se constrói a partir de uma leitura desses conceitos como sinônimos ou contendo distinção.

Ao construir um diálogo entre as respostas, a análise dessas fontes pretendeu também perceber como as Leis, trabalhos científicos, manuais de ensino, as relações na escola e os próprios processos históricos são utilizados pelos professores entrevistados na construção de suas descrições dos conceitos. Essa atenção possibilita perceber se as representações desses professores consideram esses elementos para a construção de suas concepções sobre o que é

¹⁹ DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, 2004, n. 24, p. 215.

Natureza e Meio Ambiente, ou mostram conhecimento sobre as Leis Federais, Estaduais, Municipais e os manuais de ensino.

Para compreender as representações construídas pelos professores entrevistados sobre as práticas de Educação Ambiental e Ensino de História outras perguntas do questionário foram analisadas em diálogo. Com questionamentos como “O que você entende como Educação Ambiental?”, “Qual a importância da Educação Ambiental nas aulas de história?”, “Como você incorpora a educação ambiental nas aulas de história?”²⁰, se pretende no próximo capítulo compreender as representações dos professores entrevistados sobre a relação entre Educação Ambiental e Ensino de História. Buscam-se nas respostas dos professores citações das legislações, trabalhos da área, manuais de ensino ou das relações escolares como embasamento para suas definições de Educação Ambiental e da importância desse campo para o ensino da disciplina de História.

Para esse processo de análise das fontes é levado em consideração que:

Fornecendo-nos matéria-prima para nossas pesquisas, nossos informantes estão também refletindo sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. Avaliando seu meio social, ele estará se auto-avaliando, se auto-afirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando-se como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias.²¹

Para adquirir essa “matéria-prima” para análise, citada no trecho, foi elaborado um questionário semi-estruturado contendo doze questões discursivas. Esse modelo de questionário apresenta “[...] perguntas anteriormente determinadas, podendo ser as respostas relativamente livres”²². As perguntas do questionário que moveram a entrevista dos professores davam certa liberdade para os discentes articularem seus conhecimentos para responder as indagações, o que talvez fosse perdido com um questionário objetivo. A liberdade para a construção de suas respostas pode ser notada até mesmo na duração das entrevistas. Algumas durando menos de 5 minutos e outras com duração superior a 40 minutos.

Neste capítulo e no próximo serão utilizados dois autores como base para ajudar na categorização das representações dentro de quadros já encontrados em bibliografias da área.

²⁰ Questionário completo pode ser encontrado no Anexo 1. Para não expor a identidade os professores que participaram das entrevistas, as fontes serão apresentadas com a identificação de cada professor por uma letra do alfabeto.

²¹ DUARTE, Rosália. Op.Cit., p. 220.

²² OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, 2008, v. 2, n. 3, p. 12.

Neste capítulo será utilizada como base a categorização de Irineu Tamaio²³ para categorizar as representações de Natureza dos professores e se dará atenção para como os professores relacionam esse conceito com o de Meio Ambiente, tomando o trabalho de Carlos Geraldino²⁴ como caminho para entender esse segundo conceito e o trabalho de Richard Domingues Dulley²⁵ para comentar a relação entre os dois conceitos.²⁶

No entanto, é evidente que as particularidades das visões dos entrevistados também serão ressaltadas e não se dá aqui apenas a tentativa de encaixar as representações dos discentes em categorias já estipuladas em outros trabalhos de pesquisadores do campo. Ou seja, é levada em consideração a possibilidade das representações encontradas se adequarem ou não em alguma das categorias dos autores, em caso negativo podendo até mesmo se apresentar como uma nova categoria.

O conceito de representações é utilizado neste trabalho para descrever as leituras que os professores entrevistados constroem sobre o que é Natureza, Meio Ambiente e, no próximo capítulo, Educação Ambiental e Ensino de História.

Ressalta-se a importância de expor que o uso desse conceito é muito comum nos trabalhos da área de História, mas muitas vezes não se apresenta nesses mesmos trabalhos uma crítica sobre o seu uso, ou uma apresentação sobre o que se entende por representação. Dominique Vieira Coelho dos Santos comenta que

“[...] parte dos trabalhos que fazem uso deste conceito sequer apresenta uma crítica sobre o mesmo. Ao contrário, o mencionam aleatória e discriminadamente como se ele tivesse um único significado e uma história contínua. A maioria das vezes que o termo aparece nos textos escritos no Brasil ele se encontra vinculado às obras de Carlo Ginzburg e Roger Chartier, quando muito, relacionam-se à obra de Serge Moscovici e Denise Jodelet, articuladores do conceito de representações sociais.”²⁷

Hanna Fenichel Pitkin se atenta para a etimologia do termo representação, o que já expõe a sua complexidade. O que no inglês pode ser descrito apenas com o termo “*represent*”,

²³ TAMAIO, Irineu. A mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo-São Paulo/SP. Dissertação (Mestre em Educação Aplicada às Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. 2000.

²⁴ GERALDINO, Carlos Francisco Gerencsez. Uma definição de meio ambiente. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, 2014, v. 18, n. 2, p. 403-415.

²⁵ DULLEY, Richard Domingues. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, 2004, v. 51, n. 2, p. 15-26.

²⁶ No próximo capítulo, com a análise sobre as representações dos entrevistados referentes à Educação Ambiental, será utilizado como base o trabalho de Lucie Sauvé para buscar semelhanças das representações dos professores de Ananindeua e as categorias de EA apresentadas por Sauvé.

²⁷ SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, 2011, v. 6, n. 2, p. 27.

Pitkin comenta que no alemão pode aparecer como “*Darstellen*” (colocar algo no lugar de), “*Vertreten*” (atuar para alguém como um agente) e “*repräsentieren*”. Os dois últimos, segundo a autora, possuem sentido semelhante, mas “*repräsentieren*” “é mais formal e possui conotações mais elevadas”, além de não ser “de forma alguma, próximo àquele de *darstellen*”²⁸. A autora também comenta que o termo tem sua origem na expressão latina *representare* que significava tornar presente ou apresentar novamente, e se popularizou no século XIII e início do XIV como expressão cristã para se referir ao papa e aos cardeais, que representariam Cristo e os apóstolos.

Ao conceito de representação são acrescentados novos usos ao longo do tempo. Alguns campos das Ciências Humanas também começam a atribuir novas aplicações para o termo. Émile Durkheim em 1898 introduz na sociologia o conceito de “representações coletivas”, possibilitando os caminhos para o desenvolvimento na psicologia social do conceito de “representações sociais”.

O uso do conceito de representações na neurociência gera debates sobre suas possibilidades de aplicação. Nesse campo de pesquisa, Alfredo Pereira Jr. se preocupa em distinguir o conceito de representação do conceito de “reconhecimento”. Para Pereira Jr. a distinção entre as duas seria semelhante a diferença entre “entender”(reconhecimento) e “raciocinar”(representação). O primeiro correspondendo aos processos de reconhecimento que emparelham de padrões externos e internos, o segundo dizendo respeito a processos combinatoriais endógenos “que constroem padrões mais complexos com base em recombinações de cópias das matrizes perceptuais, independentemente da estrutura do mundo externo”²⁹. O autor então defende o uso do conceito de representações na neurociência cognitiva exclusivamente “para processos de cópia e recombinação de padrões eletroquímicos internos ao cérebro, evitando discussões estéreis sobre o cérebro representando o mundo externo”³⁰.

No campo da História, Roger Chartier constrói um diálogo entre o conceito de representações e os conceitos de “práticas” e “apropriações”. Para esse autor, que volta sua pesquisa para a sociedade do Antigo Regime, a representação pode tomar duas possibilidades

²⁸ PITKIN, Hanna Fenichel. Representação: palavras, instituições e idéias. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 2006, n. 67, p. 16.

²⁹ PEREIRA JR, Alfredo. Questões epistemológicas das neurociências cognitivas. **Trabalho, educação e saúde**, 2010, v. 8, n. 3, p. 512-513.

³⁰ PEREIRA JR, Alfredo. The concept of representation in cognitive neuroscience. **Does Representation Needs Reality**, 1997, p. 51. Tradução minha.

de sentido: 1) exhibe um objeto ausente que é substituído por uma imagem capaz de o reconstituir na memória; 2) a representação exhibe uma presença, como a apresentação pública de algo ou alguém³¹.

O uso desse conceito gera muitos debates filosóficos dentro da Teoria da História. Dominique dos Santos aborda muito bem essa problemática em seu trabalho e não cabe aqui apresentar toda a argumentação. Porém é de se destacar que uma das problemáticas que emerge com o uso do conceito nos trabalhos de História é o questionamento de “A representação corresponde ou não à realidade representada?”.

No entanto, neste trabalho essa questão não aparece como um problema teórico. Diferente das pesquisas que se utilizam do conceito para investigar sociedades de tempos históricos distantes, aqui se busca não produzir uma historiografia sobre a disciplina de História em Ananindeua, mas entender a forma que os professores de Ananindeua representam atualmente conceitos. A partir do momento que este trabalho tenta entender essas representações, possibilita o entendimento de como o ensino da disciplina em Ananindeua apresenta as temáticas relacionadas com os conceitos representados³².

Saber se a representação desses professores reflete ou não a realidade não se torna objetivo aqui, mas a pretensão é saber como representam conceitos como Natureza e Educação Ambiental para, dessa forma, permitir o entendimento de como esses temas são apresentados em suas aulas. Isso pode abrir caminho para atuação de diversos setores da sociedade para ajudar contra as dificuldades encontradas na abordagem dessas temáticas no ensino da disciplina.

Com isso é crucial enfatizar que esse trabalho não se apresenta como sendo de História Oral ou História da Educação para se utilizar do conceito de representação, mas tenta se reconhecer teoricamente como um trabalho de pesquisa em Ensino de História que se utiliza de tal conceito.

Explicita-se então que o conceito de representação é entendido aqui como um produto construído a partir da cognição dos professores ao perceber a realidade física, para descrever

³¹ SANTOS. Op. Cit., p. 35.

³² As experiências de observação de aulas possibilitadas pela pesquisa e pelos estágios supervisionados (estágios que foram realizados com professores que participaram das entrevistas) ajudam em alguns momentos a dialogar as representações com a prática (criação de apostilas, provas, atividades e principalmente a ação de ministrar aulas) desses professores.

Natureza e Meio Ambiente, e das práticas, para se referir a Educação Ambiental e Ensino de História. Aqui se tenta ter acesso a esse produto por meio da exteriorização dessas percepções em linguagem, na maioria das entrevistas uma linguagem oral, em algumas outras em linguagem escrita.

No entanto, se considera tanto a possibilidade de que os entrevistados não tenham se posto a refletir anteriormente sobre as questões apresentadas, ponto destacado por Rosália Duarte em pesquisas que trabalham com questionário³³, quanto o fato de que o processamento da mente humana apresenta “[...] vantagem para palavras que representam conceitos concretos, conceitos imagináveis, sobre as que representam conceitos abstratos”³⁴. Tendo em vista essas considerações e que tentamos perceber as representações dos professores sobre conceitos abstratos, devemos entender que o que temos acesso por meio das entrevistas não é exatamente como os entrevistados processam em sua mente tais conceitos, mas o que os professores nos apresentam a partir da linguagem é um produto, uma representação, que leva em consideração o ouvinte que aguarda a resposta, o entrevistador.

É necessário enfatizar, ainda sobre o uso do conceito de representações e a explanação dos fundamentos teórico-metodológicos deste trabalho, que:

O real antecede qualquer pensamento humano, ou seja, o mundo já existia antes de qualquer texto ser escrito, todavia, o pensamento também configura o real. Só é possível referir a qualquer coisa que seja usando conceitos forjados pelo entendimento, como podemos aprender com o próprio Kant, mas existe algo que não pertence ao reino dos pensamentos e que nos chega pela sensibilidade. Por este motivo, não há como abstrair o real sem o pensamento e nem ao contrário.³⁵

Logo, como pode ser observado no trecho acima, as representações não criam o real, mas tentam abstrair o real para compreendê-lo e, quando necessário, exteriorizar essa compreensão em linguagem. As indagações provocadas para construir as fontes para esse trabalho atuam como a “necessidade” de exteriorizar definições sobre conceitos que talvez os entrevistados não tenham tentado definir anteriormente.

³³ DUARTE. Rosália. Op.Cit., p. 220.

³⁴ BINDER, Jeffrey R. et al. Distinct brain systems for processing concrete and abstract concepts. **Journal of cognitive neuroscience**, 2005, v. 17, n. 6, p. 905. Tradução minha.

³⁵ SANTOS. Op. Cit., p. 43.

3.2 Na fala “Meio Ambiente”, na escrita “nossa essência”

Retornando ao trecho destacado no início deste capítulo podemos analisar a representação que o professor entrevistado, que é definido a partir de agora como Professor A, nos expõe sobre o conceito de Natureza. As primeiras palavras pronunciadas pelo professor, rapidamente depois de questionado, para responder a indagação foram “Meio Ambiente”.

Para o processamento de conceitos abstratos a mente humana depende da recuperação de palavras associadas mais do que da recuperação de informações conceituais³⁶. No caso desse professor as palavras associadas utilizadas podem ser entendidas como outro conceito. Esse outro conceito aparece também como palavra associada de vários professores na pesquisa de Bruna Vasconcelos, que também questiona discentes de História sobre o conceito de Natureza³⁷. Na maioria das vezes, se não em todas, o sujeito desse Meio Ambiente é definido como o ser humano.

O caso aqui analisado é um exemplo. Após o professor responder que entende Natureza como “Meio Ambiente” prossegue sua definição com “Lugar que a gente vive”. O sujeito contido em “a gente” é nitidamente o animal humano.

Carlos Francisco Gerencsez Geraldino enfatiza que antes mesmo de se apresentar o que é Meio Ambiente é necessário estabelecer “a que coisa este se faz meio”, o tipo do ser que tratamos. Geraldino então agrupa esses seres em três grupos. O primeiro grupo é o dos seres inanimados, ou não vivos. O segundo grupo é dos seres orgânicos, ou vivos. O terceiro grupo é dos seres conscientes, ou humanos. Destaca que “Esse deslindar tripartido é realizado a partir da aplicação de dois recortes arbitrários no real: o recorte da vida e o da consciência”³⁸.

A partir desses três grupos emergem então três compreensões de meio, ainda segundo Carlos Geraldino, que seriam o (1) o meio em que se encontram os seres não vivos, (2) o meio relativo aos seres vivos e (3) o meio habitado pelos seres humanos³⁹. Com isso podemos perceber que o conceito de Meio Ambiente não define apenas o meio que ambienta os seres

³⁶ BINDER, Jeffrey R. et al. Op. Cit. p. 910.

³⁷ VASCONCELOS, Bruna Montor. História Ambiental e Ensino de História através da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – ProfHistória, Universidade Estadual de Maringá. Paraná. 2018, p. 214-245.

³⁸ GERALDINO. Op. Cit., p. 404.

³⁹ Idem.

humanos, mas para a definição do meio antes se deve definir o ser, ou grupo de seres, do qual está se tratando.

Quando Richard Dulley comenta sobre os conceitos de Natureza e Meio Ambiente destaca que é importante buscar “[...] entender e diferenciar do ponto de vista teórico os conceitos de natureza, ambiente, meio ambiente [...] no sentido de promover o esclarecimento, ou senão, pelo menos o debate”⁴⁰.

Dulley apresenta “natureza e o ambiente” como “faces de uma mesma moeda”. O “ambiente” seria então a junção de todos os “meios ambientes” das espécies conhecidas no planeta terra, dos animais humanos e não humanos. O ambiente, segundo o autor, toma então uma característica utilitária para as diversas espécies como os elementos da “natureza” indispensáveis para sua sobrevivência e reprodução. O autor comenta que ao perceber os diversos Meios Ambientes como formadores do ambiente se “[...] reconhece claramente o direito de preservação do meio ambiente específico de cada espécie”⁴¹. É de se destacar que reconhecimento está diretamente ligado com a forma que se entende e pratica a Educação Ambiental.

Carlos Geraldino e Richard Dulley refletem de maneira semelhante sobre o conceito de Meio Ambiente. Ambos não tratam Natureza como sinônimo de Meio Ambiente e se atentam para que o Meio Ambiente não é apenas o humano, mas para o definir é necessário definir a qual ser esse se faz meio. Essa representação sobre o conceito de Meio Ambiente possibilita um olhar para além das necessidades humanas, assim como permite a localização dos animais humanos inseridos como parte de um todo, membros do ambiente do planeta terra e sujeitos da Natureza. Sujeitos que tentam entender a existência, definir e explicar a Natureza, mas fazendo parte dela e em grande medida são limitados por ela, afinal são seres biológicos como qualquer outro.

Com reflexão sobre as diferenças entre os conceitos de Natureza e Meio Ambiente, e principalmente o entendimento que o segundo não está ligado exclusivamente aos humanos, as representações e as práticas de Educação Ambiental também são reconstruídas. Em sua definição de Natureza o Professor A utiliza o conceito de Meio Ambiente como “palavra” associada sem apresentar distinção, como um sinônimo. Sua representação de Educação

⁴⁰ DULLEY. Op. Cit., p. 16.

⁴¹ DULLEY. Op. Cit. p. 19.

Ambiental também está diretamente ligada com essa característica, o que será analisado mais profundamente no próximo capítulo.

Essa distinção entre os conceitos não foi realizada pelo Professor A, mas, por outro lado, está presente na fala do Professor B. Em sua fala o Professor B que “A Natureza seria algo relacionado ao Meio Ambiente e as relações que o homem estabelece em si e com a Natureza”⁴². O termo Meio Ambiente aparece novamente como uma “palavra”, mas aqui não da forma que o Professor A apresentou - como um sinônimo. O Professor B se preocupou em apresentar que Natureza está “relacionada” ao Meio Ambiente, não utilizou o conceito de Meio Ambiente como definição para a Natureza, mas percebe relação entre ambos. Esse professor também apresenta que as relações entre os humanos e desses com a Natureza (nesse momento utilizando a palavra no sentido de elementos do mundo natural que não são humanos) são Natureza.

O Professor B apresenta em sua representação de Natureza certo grau de inserção dos humanos como parte da Natureza quando reconhece a Natureza nos humanos: “[...] as próprias relações estabelecidas pelo homem como parte da Natureza dele”. Além disso, no que diz respeito à distinção entre os conceitos de Natureza e Meio Ambiente, o Professor B deixa explícito em sua fala que não entende esses conceitos como sinônimos.

A segunda pergunta do questionário indagava “Quais disciplinas devem se importar com o meio ambiente”. Ao ser apresentada em seguida de uma pergunta que tratava sobre “Natureza” esse questionamento permitiu analisar a articulação construída pelos docentes sobre os dois conceitos. Nesse caso, o Professor B se preocupou em deixar claro que entende que existam diferenças entre os conceitos quando inicia sua resposta dizendo “Vamos falar do Meio Ambiente agora, né?”. A fala do Professor A para esse segundo questionamento não apresentou articulação tentando evidenciar diferenças entre Natureza e Meio Ambiente, mas novamente tratou como sinônimos.

O Professor A termina sua definição de Natureza dizendo: “Todos os recursos, nesse lugar que a gente vive, todos os recursos que fazem parte dele, que de qualquer forma nos dá subsídio para sobreviver”. Com isso podemos notar que a representação de Natureza desse professor se constrói dentro do sistema lógico que entende a Natureza como Meio Ambiente e

⁴² Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

Meio Ambiente como lugar humano que fornece recursos para serem utilizados pelos humanos.

A Natureza é representada por esse professor como um lugar externo ao humano, mas que está a sua disposição para fornecer “subsídios” para que esse consiga “sobreviver”. Podemos então perceber que a representação de Natureza desse professor é de que a Natureza é o lugar que rodeia o humano e de onde esse pode retirar os recursos que lhe são necessários para sobreviver. Uma representação de Natureza apenas como fornecedora de recursos para os animais humanos.

Essa representação de Natureza do Professor A se assemelha com uma das “categorias” de “concepções” sobre esse conceito apresentadas por Irineu Tamaio. Tamaio, a partir de pesquisa com alunos do Ensino Fundamental, identificou seis formas diferentes que os participantes da sua investigação concebiam o conceito de Natureza. Após perceber essas diferenças tratou de construir categorias.

A primeira categoria foi nomeada como “Romântica”. Segundo o autor, é possível que essa categoria seja internalizada a partir das séries em que os professores desenvolvem nos alunos um “senso de maravilha” sobre a Natureza. Essas séries seriam os primeiros anos da alfabetização em que, além de outras coisas, a árvore seria apresentada como amiga do homem e a Natureza como uma mãe bela e harmoniosa. Tamaio define que essa primeira categoria:

Elabora uma visão de supernatureza, mãe-natureza. Aponta a grandiosidade da natureza, sempre harmônica, enaltecida, maravilhosa, com equilíbrio e beleza estética, algo belo e ético. O homem não está inserido neste processo. Dentro desta concepção está embutida uma visão dualística (homem x natureza). [...] Podemos perceber que estas concepções trazem embutido um conceito de uma mãe natureza bucólica e harmônica.⁴³

Irineu Tamaio nomeia a segunda categoria como “Utilitarista”. O autor comenta que nessa categoria os humanos aparecem como um “agente externo” à Natureza. Esse agente utilizaria a Natureza como uma estrutura do qual estariam os recursos necessários para sua sobrevivência. A importância de preservação dessa Natureza estaria na lógica de manter os recursos para a humanidade conseguir continuar existindo. Sobre essa categoria o autor afirma que:

⁴³ TAMAIO. Op. Cit., p. 28.

Esta postura, também dualística, interpreta a natureza como fornecedora de vida ao homem, entendendo-a como fonte de recursos para o homem, enfim, uma leitura antropocêntrica. [...] esta concepção foi construída a partir do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial e a sociedade capitalista, no seio da qual, o conhecimento não tem mais o sentido de reconciliação do homem com o mundo, como pregava a Igreja Medieval., mas sim como um meio de controle da natureza, que tem que funcionar como uma espécie de "máquina perfeita", já que não pode falhar no fornecimento da enorme quantidade de mercadorias e matérias-primas para o homem.⁴⁴

Na terceira categoria o autor apresenta a concepção “Científica” de Natureza. O autor sugere que as disciplinas de Ciências e Geografia estejam relacionadas com a construção dessa concepção. Segundo Irineu Tamaio, na categoria “Científica”:

A natureza é abordada como uma máquina inteligente e infalível, dotada de um conjunto de instrumentos essenciais e eficientes como a chuva, o sol, filtros antipoluentes, umidade, evaporação, oxigenação e preservação. Quando o seu funcionamento preciso é agredido pelo homem, ela responde às agressões.⁴⁵

Para categorizar as respostas que apresentam pouca argumentação para expressar a definição de Natureza o autor apresenta a quarta categoria. Essa categoria é intitulada de “Generalizante” e para Tamaio “Define a natureza de uma forma muito ampla, vaga e abstrata: ‘tudo’ é natureza”⁴⁶. Para exemplificar essa categoria o autor apresenta um trecho da resposta de um dos participantes de sua pesquisa, nesse trecho o aluno afirmar que “natureza é tudo que existe no universo”⁴⁷.

A quinta categoria apresentada pelo autor é a “Naturalista”. Esse é uma categoria na qual a concepção:

Apresenta uma tendência pragmática de encarar a natureza, Ela é tudo que não sofreu ação de transformação pelo homem, tais como as matas, bichos, os alimentos entre outros, Diferentemente da "romântica", não apregoa o enaltecimento da natureza.⁴⁸

Irineu Tamaio denomina a sexta e última categoria como “Sócio-ambiental”. Nessa categoria se desenvolve uma abordagem histórica e cultural da Natureza:

Essa leitura apresenta o homem e a paisagem construída como elementos constitutivos da natureza, Postula uma compreensão de que o homem apropria-se da natureza e que o resultado dessa ação foi gerado e construído no processo histórico, Reintegra o homem à natureza. Muitas vezes o homem surge como um destruidor e responsável pela degradação ambiental.⁴⁹

⁴⁴ Ibidem, p. 29.

⁴⁵ Ibidem, p. 30.

⁴⁶ Ibidem, p. 30.

⁴⁷ Ibidem, p. 31.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Ibidem.

Com essas seis categorias de concepções sobre Natureza é possível localizar as representações dos professores entrevistados dentro de algumas. Como já foi apresentado, o Professor A possui uma representação do conceito de Natureza como algo externo aos seres humanos. A Natureza é para esse professor apenas “Todos os recursos, nesse lugar que a gente vive, [...] que de qualquer forma nos dá subsídio para sobreviver”⁵⁰.

Essa representação de Natureza pode ser entendida como localizada na segunda categoria apresentada por Irineu Tamaio, a “Utilitarista”. Assim como nessa categoria a descrição do professor sobre Natureza mostra uma visão que coloca a humanidade como o centro de tudo, nas palavras de Tamaio é “uma leitura antropocêntrica”⁵¹.

No caso do Professor B, a representação de Natureza apresentada em sua fala não parece se encaixar em nenhuma das categorias de Tamaio. Quando questionado o que entende por Natureza o professor em questão iniciou dizendo que:

Acho que quando a gente fala em respeito de História, né, a gente fala usando o próprio conceito do Marc Bloch, né, quando a gente fala sobre a História como a ciência que estuda o homem no meio, eu compreendo que essa Natureza ela envolve esse meio que o ser humano está envolvido, né. Tanto no referente ao Meio Ambiente quanto as próprias relações estabelecidas pelo homem como parte da Natureza dele.⁵²

No primeiro momento o professor tenta reafirmar qual o “local” no qual ele está refletindo sobre o conceito de Natureza, a área da História. Utiliza os conhecimentos teóricos de seu campo de estudos e menciona um historiador muito conhecido para iniciar sua descrição de Natureza. O Professor B menciona a descrição de Marc Bloch sobre a disciplina de História para adentrar sua fala sobre a Natureza. No entanto o professor cometeu um equívoco, já que a descrição de Marc Bloch não define a História como o estudo do homem no meio e sim como o “estudo do homem no Tempo”⁵³. Talvez o professor tenha se confundido com descrições como a de José D’Assunção Barros que incrementa a definição de Bloch afirmando que “Na verdade, a História é o estudo do Homem no Tempo e

⁵⁰ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente da disciplina de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, Ananindeua (PA).

⁵¹ TAMAIO. Op. Cit. p. 29.

⁵² Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

⁵³ BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.55.

no Espaço”⁵⁴. A partir disso poderia ter tratado os conceitos de Espaço e Meio Ambiente como sinônimos⁵⁵.

Após dizer que a História seria o estudo do “homem” no “meio” o Professor B afirma que esse meio no qual os humanos estão envolvidos fazem parte da Natureza. O “meio ambiente” e “as próprias relações humanas” seriam envolvidos pela Natureza. Esse professor parece reconhecer em certa medida a inserção do “homem” na Natureza quando considera que as relações desenvolvidas por esse é parte da “natureza dele”. É possível analisar essa descrição como uma representação da Natureza que reconhece a humanidade como animal biológico. O professor não explicita em sua fala que a humanidade é parte da Natureza, mas parece considerar os fatores biológicos para colocar as relações humanas como parte de uma Natureza presente nesses animais.

Destaca-se também que pela fala do professor foi possível perceber a dificuldade em definir o conceito quando esse, após um pequeno riso, comenta que não sabia se estava conseguindo argumentar de forma compreensível. É possível que aquele fosse o primeiro momento em que o Professor B teve de tentar transformar em linguagem falada sua compreensão sobre Natureza, o que, como já foi citado anteriormente neste capítulo a partir do trabalho de Rosália Duarte, é uma possibilidade ao se utilizar de entrevistas como método de pesquisa. O entrevistado pode ser posto a refletir sobre questões que outrora não havia se preocupado, nesse caso em construir uma argumentação lógica sobre o que entende a partir do conceito de Natureza.

A representação do Professor B sobre a Natureza não parece se encaixar em nenhuma das categorias de Irineu Tamaio. Mesmo em meio à dificuldade para expressar sua concepção, com a fonte adquirida nessa entrevista é possível notar que o professor parece conceber uma inserção da humanidade na Natureza, ou o inverso, da Natureza na humanidade. O Professor B termina sua fala dizendo que “A Natureza seria algo relacionado ao Meio Ambiente e as relações que o homem estabelece em si e com a Natureza”.⁵⁶

⁵⁴ BARROS, José D.'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia história**, 2006, v. 22, n. 36, p. 462

⁵⁵ Os dois conceitos podem ser vistos como relacionados, mas não com o mesmo significado. Ver: SOUSA, Victor Pereira de. Geografia e meio ambiente: reflexões acerca das práticas socioculturais na concepção de sustentabilidade. **Diversidade e Gestão**. 2017, v. 1, n. 2, p. 178-188.

⁵⁶ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

Considerando os trechos que foram expostos aqui da fala do Professor B se pode considerar que ele reconhece a gerência da Natureza nas relações que a humanidade desenvolve. Algo como uma Natureza da humanidade que seria o motor para suas atuações. Como um animal biológico. Nesse sentido a representação de Natureza do Professor B será aqui categorizada como “Homem Biológico”, uma representação que apresenta uma concepção de Natureza e Meio Ambiente como conceitos distintos e reconhece uma Natureza inerente ao “homem”. Essa percepção da presença de um “Homem Biológico” na representação de Natureza do professor também pode ser observada na escrita de uma professora de História como resposta para um dos questionamentos apresentados por Bruna Montor Vasconcelos em sua pesquisa.

No trabalho de Bruna Vasconcelos, uma professora identificada como “Professora 21” escreve, quando indagada sobre o que entende por Natureza, que “Natureza é vida que existe por si mesmo. São os fenômenos físicos/ não é apenas o meio em que o homem vive, mas o próprio homem na sua dimensão biológica”⁵⁷.

Nessa fala da professora aparece explicitamente o “homem” como um sujeito que é portador de uma “dimensão biológica” e caracterizado como parte da Natureza. Pela fala do Professor B é de se notar que sua descrição busca destacar essa “dimensão biológica” da humanidade quando indica que “as relações que o homem estabelece em si” também fazem parte do que ele compreende como Natureza.

Cabe destacar que o Professor B respondeu ao questionamento de forma oral enquanto a “Professora 21” da pesquisa de Bruna Vasconcelos respondeu a indagação de forma escrita. No segundo caso a professora em questão teve mais tempo para refletir sobre a pergunta que estava respondendo, no primeiro caso o Professor B demonstrou dificuldade para elaborar sua argumentação e possivelmente teria descrito de forma um pouco mais completa sua visão de “Homem Biológico” caso sua resposta fosse escrita e tivesse mais tempo para refletir.

Com a análise das outras entrevistas foi possível perceber que as representações de Natureza de outros quatro professores podem ser entendidas como fazendo parte de uma das categorias apresentadas por Irineu Tamaio. No entanto, a partir das respostas dos outros oito professores foi perceptível a necessidade de criação de novas categorias para conseguir

⁵⁷ VASCONCELOS. Op. Cit. p. 135.

classificar as representações dos entrevistados que não se enquadravam nas apresentadas por Tamaio.

Quatro dos professores entrevistados apresentam em suas descrições a construção de uma representação sobre o conceito de Natureza que se encaixa na categoria de concepção intitulada por Tamaio de Naturalismo.

Um dos professores entrevistados que apresenta uma representação de Natureza dentro de uma perspectiva Naturalista é o Professor C. Sua descrição, elaborada em texto escrito no documento com as questões enviado por email, para o conceito de Natureza é:

É podemos simplificar como um fenômeno da vida e que está a crescer e se desenvolver sem a interferência humana, o que podemos distinguir entre o aspecto natural e artificial.⁵⁸

Esse professor compreende a Natureza como o fato observável, fenômeno, da vida. Porém destaca que esse fato cresce e se desenvolve sem a interferência humana. Mesmo com um tempo maior para refletir e escrever a indagação, já que não foi uma argumentação elaborada em entrevista presencial, o animal humano aparece na representação do Professor C como ponto de comparação para distinguir o que não é Natureza.

Nesse momento se apresenta uma separação explícita entre humanidade e Natureza. Uma não pode ser caso se apresente como a outra. Essa visão é enfatizada quando o professor termina com a exposição de mais dois termos em oposição: “natural” e “artificial”. Como foi exposto no primeiro capítulo deste trabalho, a separação entre humanidade e Natureza aparece, segundo Mauro Grun⁵⁹, desde pelo menos o século XVII quando René Descartes elabora soluções para os problemas teóricos da ciência de seu tempo.

Segundo Ely Bergo de Cravalho essa lógica que concebe uma separação total entre sociedades humanas e Natureza, definida pelo autor como uma “disjunção”, é a qual “orienta a forma como o mundo moderno hegemonicamente pensa a si”⁶⁰. É uma forma de representar a Natureza que também aparece na descrição escrita, ao responder o questionário que foi enviado por email, da Professora D. Essa professora descreve sua compreensão do conceito de

⁵⁸ Entrevista realizada por documento via e-mail em abril de 2020 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

⁵⁹ GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 14º ed. Campinas, SP: Papiros, 2012, p. 36.

⁶⁰ CARVALHO, Ely Bergo de. Uma voz que clama no deserto: minhas experiências de educação ambiental na formação inicial de historiadores. **Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação**, 2017, v. 4, n. 6, p. 15-31.

Natureza dizendo que “Natureza deriva de natural, ou seja, são seres, ou vários reinos (vegetal, mineral e animal) que compõem o mundo e que não foram construídos pelo ser humano”⁶¹.

Natureza seria a composição dos seres dos vários reinos, utilizando então uma classificação do campo da Biologia, presentes no planeta e que não foram construídos pelos humanos. No entanto é de se perceber na resposta a ausência dos animais humanos mesmo no destacado grupo “animal”. A professora se preocupa em realizar a negação da Natureza contra a humanidade ao enfatizar que não são criações humanas, ou nas palavras do Professor C “artificiais”. Caso pensasse na humanidade como parte dessa Natureza teria indicado em sua escrita.

A falta de indicação da humanidade como fazendo parte da Natureza e dessa visão Naturalista compartilhada pelo Professor C e Professora D também aparece na fala da Professora E. Quando descreve sua compreensão de Natureza a professora também não se preocupa em enfatizar a inserção da humanidade na Natureza. Nas palavras da professora “Natura é tudo que tem vida. Animal, vegetal, flora, fauna, mar”⁶².

Nas respostas da Professora E o animal humano também está ausente dessa classificação do reino animal. Isso é indicado quando não se preocupa em enfatizar a humanidade como uma espécie que é parte da Natureza, mas enfatizado quando a professora responde sobre a importância da Natureza nos processos históricos. Na fala a docente deixa evidente a separação entre “homem” e “a Natureza”.

No início do primeiro capítulo a fala dessa professora foi destacada quando ela afirma que o “homem” é muito mais responsável pelos processos históricos do que a Natureza. Em sua argumentação não se preocupou em destacar alguma inter-relação entre humanidade e Natureza. Na representação de Natureza da Professora E “homem” e Natureza são separados.

O outro dos entrevistados que também possui uma representação de Natureza que pode ser categorizada como Naturalista é o Professor F. Em sua descrição esse professor começa realizando uma localização conceitual:

⁶¹ Entrevista realizada, por documento via email, em agosto de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental João XXIII, localizada na BR-316 Km 7, Ananindeua (PA).

⁶² Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

Olha, Natureza, né? Bem, por Natureza, que é um conceito dentro da área da Biologia, né? A gente já aprendeu dentro do Ensino Fundamental, né? Desde nossa época de criança que é aquilo que, eu diria assim, tem uma função natural. Que ela, eu diria assim, é inata, que ela independe da ação do homem.⁶³

O Professor F define primeiramente que Natureza é um conceito de um campo específico do conhecimento, a Biologia. Em seguida afirma que isso algo que se aprende desde o Ensino Fundamental é que a Natureza é “aquilo” que possui uma “função natural”. Acrescenta que a Natureza independe da ação dos humanos, “homem”. Essa classificação de Natureza como um conceito da área da Biologia em um primeiro momento faz parecer que a visão do professor é de um conhecimento fragmentado em que certos campos estudam o mundo no que diz respeito ao que seria o natural e outros campos estudariam o mundo em sua dimensão cultural. Ou seja, novamente a dualidade cultura/Natureza, humanidade/Natureza comentada por Mauro Grun.

No entanto, ao continuar sua argumentação reconhece que várias áreas se interessam em pesquisar a temática. A fala do Professor F dá a entender que ao longo da história foi recente o movimento de atribuir novos significados, como pode ser visto no trecho a seguir o professor utiliza os termos “assumiu vários conceitos”, para algumas áreas do conhecimento. O Professor F acrescenta após afirmar que a Natureza independe da ação do “homem”:

Mas historicamente, né, hoje a Natureza assumiu vários conceitos, né? Até por conta das novas pesquisas que elas vêm trabalhando em cima do tema, né? Na área da História, da Biologia, da Sociologia, né? Principalmente chamando atenção para essa questão da inserção do homem, né?

As áreas citadas pelo professor nas quais a Natureza teria, segundo ele, assumido “vários conceitos” (no sentido de novos significados) seriam a História, a Biologia e a Sociologia. E em sua compreensão a principal mudança que o conceito assume é a “inserção do homem”. Na representação de Natureza do Professor F essa inserção é mais a percepção da humanidade como causadora de destruição e/ou responsável pela conservação da Natureza, e menos a percepção da humanidade como parte da Natureza, como um sujeito biológico.

Como os outros professores que tiveram suas representações categorizadas como “Naturalistas”, o Professor F não se preocupou em enfatizar a humanidade como parte da componente da Natureza. Sua representação do conceito também apresenta Natureza como algo externo à humanidade, mas deixa explícito que existe uma inter-relação entre ambos.

⁶³ Entrevista realizada em abril de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Manoel Saturnino de Andrade Favacho, localizada no Conjunto PAAR em Ananindeua (PA).

Essa relação pode ser vista no trecho da entrevista no qual o Professor F finaliza sua argumentação:

Mas a Natureza, no meu entender, ela envolve, além de todos os seres vivos, mas hoje, ela depende, principalmente, né, da ação do homem para que ela se mantenha intacta, conservada, e que a gente possa preservá-la, né? Para outras gerações. No meu entender isso é Natureza.⁶⁴

Sua argumentação final entra em uma contradição com o início de sua fala. O Professor F inicia dizendo que a Natureza independe da ação do “homem”, mas termina dizendo que ela depende da ação humana. Pela fala do professor a Natureza deve ser conservada para ficar intacta, isso só pode ser feito com a ação do “homem” para preservá-la para outras gerações. A visão do professor não foi aqui categorizada como Utilitarista nem como Romântica por conta de não expressar o sentido dessa preservação para as futuras gerações. Poderia ser uma preservação por conta de fornecimento dos elementos necessários para a sobrevivência humana, definindo a visão como Utilitarista, ou apenas pela conservação da beleza de uma “mãe-natureza”, definindo a visão, dentro da perspectiva de Irineu Tamaio, como Romântica. Poderia até mesmo ser uma conservação do sentido conservador de Roger Scruton⁶⁵, para manter a ordem ecológica atual e a beleza da Natureza por si mesma.

A representação do Professor F aparece então como Naturalista. Uma Natureza que é externa aos humanos e que sua existência é independente e ao mesmo tempo dependente da ação desses animais. O “homem”, sendo externo à Natureza, seria o principal responsável por mantê-la “intacta” e “conservada” para os humanos que ainda irão existir. Ao constatar essa representação de Natureza do Professor F é de se imaginar que sua representação de Educação Ambiental seja de uma educação para preservar árvores, deixando de lado o fator socioambiental que, como exposto no primeiro capítulo, compõe a EA.

Porém quando se acrescenta o termo “ambiental” se torna perceptível que o professor realiza uma diferenciação entre Natureza e Meio Ambiente. Sua leitura sobre a ideia de ambiente é importante para sua representação de EA, na qual o fator social aparece de maneira explícita, mas esse ponto será comentado no próximo capítulo. É de se destacar também que ao argumentar sua definição de Natureza o Professor F não utiliza os termos “Meio” ou “Ambiente” como palavras associadas, mais um apontamento de que compreende diferenças entre os conceitos.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde**: Como pensar seriamente o planeta. São Paulo: É Realizações, 2016.

Diferente desses professores que podem ter suas representações localizadas nessas categorias de Irineu Tamaio, outros apresentaram descrições para as quais foi necessária a construção de novas categorias, assim como a do “Homem Biológico” na qual o Professor B foi situado. Essas outras categorias de representação de Natureza foram: “Meio Ambiente Humano”, “Ambiente Natural-Modificado”, “Relação Mundo” e “Nossa Essência”.

Na categoria da Natureza como “Meio Ambiente Humano” foram definidos dois professores entrevistados, os dois respondendo os questionamentos de forma oral em entrevista presencial. Nas representações definidas como “Meio Ambiente Humano” as descrições dos professores definiram a Natureza como um lugar habitado por humanos em que estão presentes elementos com que os humanos interagem e/ou interagem com os humanos. Nessa representação a Natureza aparece também como o conjunto de elementos, e espaços, externos aos humanos (“climáticos, de vários outros aspectos”⁶⁶), mas que esses humanos necessariamente estão em relação.

Nas argumentações das representações da categoria “Meio Ambiente Humano” não aparece ênfase nos humanos como animais ou a menção desses como parte da Natureza, apenas como sujeitos que se relacionam “dentro dos espaços da Natureza”⁶⁷. Nas argumentações dos professores que foram categorizados nessa perspectiva é destacado que Natureza não é “só aquela ideia de Natureza campo”⁶⁸ ou “Amazônia”⁶⁹.

O Professor G inicia sua descrição sobre o que entende por Natureza afirmando que sua percepção desse conceito é mais ampla. Com isso sugere que a forma que percebe a Natureza é mais complexa do que a maioria das compreensões. Em suas palavras:

Olha, eu tenho uma percepção de Natureza num aspecto um pouco mais amplo, né? Porque acho que criou-se muito uma dicotomia de que o homem dissociado da Natureza, né? Então acho que essas relações humanas com o Meio Ambiente compõe a Natureza como um todo.⁷⁰

É apontada pelo professor em questão a existência de uma dicotomia que coloca o “homem” em uma posição de ser “dissociado” da Natureza. O professor não se aprofunda nesse ponto, mas se refere indiretamente ao processo histórico da humanidade que em muitas

⁶⁶ Entrevista realizada em março de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luís Nunes Direito, localizada na Cidade Nova IV, em Ananindeua (PA).

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, em Ananindeua (PA).

⁷⁰ Entrevista realizada em março de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luís Nunes Direito, localizada na Cidade Nova IV, em Ananindeua (PA).

sociedades rumou para uma separação entre “homem” e “mundo natural”, o que já foi comentado no início deste capítulo. No entanto é de se destacar que não apresentou o problema em uma perspectiva histórica, apenas comenta que em algum momento se criou uma “dicotomia”.

O Professor G indica também que seu olhar sobre o que é a Natureza é “um pouco mais amplo”. A partir disso, o Professor G afirma que são as relações humanas com o Meio Ambiente que compõem a Natureza. Na representação do Professor G a Natureza aparece como um espaço, espaço humano, que ganha significado a partir da ação humana. O “homem” aparece então como um ser que não é dissociado da Natureza, não porque faz parte dela, porque é um animal biológico, mas porque ela é definida a partir das relações humanas. No entanto, “a gente tem que lidar o tempo todo com fenômenos da Natureza” com isso “as relações entre os homens são pautadas também muito por essas intervenções”.

Nas descrições dos professores dessa perspectiva, de Natureza como “Meio Ambiente Humano”, o conceito parece ganhar sentido apenas no Meio Ambiente em que existe presença humana, indicado sempre com o termo “homem”. Isso pode ser observado na fala da Professora H, sua afirmação é de que:

Natureza é tudo aquilo que nos cerca, é tudo aquilo que você convive, não é uma coisa assim ‘Ah, nós vivemos aqui na Amazônia então nós estamos na Natureza’. Eu acho que faz parte do que o homem percebe e do que o homem faz dessa Natureza.⁷¹

Ao continuar sua explanação a professora deixa mais evidente que representa “Natureza” como um Meio Ambiente Humano:

Eu entendo que é uma inter-relação. Se você trabalha bem com essa Natureza você tem um retorno, mas se você não trabalha bem, olha aí nossos alagamentos... São vários fatores que você encontra dentro de uma grande cidade, como nós moramos, pela falta de um bom relacionamento que você possa ter com essa Natureza.⁷²

Na fala da Professora H esse Meio Ambiente Humano seria o espaço no qual habitamos e vivemos em “inter-relação”. Essa interação seria de causa e efeito. Caso o “homem” seja um agente que “trabalha bem” com a Natureza teria necessariamente um “retorno”, mas caso esse mesmo agente “não trabalha bem” sofreria consequências como “nossos alagamentos”.

⁷¹ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, em Ananindeua (PA).

⁷² Ibidem.

O Professor G e a Professora H são então os professores aqui definidos como parte da categoria “Meio Ambiente Humano”. Outra categoria que foi compreendida a partir da análise das fontes foi a, já mencionada, intitulada “Ambiente Natural-Modificado”.

Os professores que foram definidos como fazendo parte dessa categoria apresentam uma representação de uma Natureza dividida em duas. A primeira parte dessa Natureza estaria relacionada com “florestas”, “campo”, “árvores e tal”, mas localizados em um espaço distante do convívio urbano. A segunda parte dessa Natureza é apresentada como os espaços urbanos. Aparecendo também como espaços urbanos que tentam preservar “características originais”.

Um dos professores que representou a Natureza como “Ambiente Natural-Modificado” foi o Professor I. No início de sua articulação, participando da entrevista de forma presencial, demonstra a dificuldade em definir o conceito de Natureza. Além de fazer parecer que nunca havia se voltado à tentativa de organizar uma definição verbalizada sobre esse conceito, principalmente com o trecho da fala que foi destacado anteriormente no capítulo. Após ser questionado o professor diz “O que eu entendo por Natureza, né? Boa pergunta”. Mas prossegue sua fala mobilizando uma explanação. O Professor I comenta, nitidamente ainda em processo de refletir e verbalizar ao mesmo tempo, que:

Rapaz, eu entendo por Natureza o espaço em que nós vivemos. Todo o espaço que nós vivemos, claro que esse espaço natural que foi modificado ao longo do tempo. Mas... é... Quando você pega, por exemplo, onde nós vivemos aqui é um espaço... Porque assim, que na verdade a gente costuma associar a Natureza à verde, campo, floresta, enfim, esse tipo de coisa. Árvores e tal. Se nós formos pensar assim, aqui no espaço onde nós vivemos, embora seja pouco, aqui e acolá a gente encontra alguma coisa assim, né, como parte dessa Natureza. Né? Dessa Natureza que se costuma imaginar.⁷³

No início de sua fala o professor define Natureza com o espaço que habitamos, mas em seguida especifica mais sua compreensão. O entrevistado afirma que algo comum é relacionar Natureza com “verde, campo, floresta”, dando a entender que seria algo distante do convívio urbano. No entanto, em seguida o Professor I destaca que parte dessa Natureza “que se costuma imaginar” ainda está presente no meio urbano, no “espaço em que nós vivemos”.

Com o início da argumentação do professor é possível perceber que ele realiza certo esforço para conseguir definir oralmente sua concepção de Natureza. No início a define como o espaço em que vivemos, mas no momento seguinte concorda com o que “a gente costuma

⁷³ Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, localizada na Cidade Nova VIII, em Ananindeua (PA).

associar a Natureza” e afirma que “aqui e acolá” no meio urbano ainda se é possível encontrar um pouco “dessa Natureza”. A partir desse momento é possível perceber que o Professor I representa uma Natureza dividida em duas: uma distante, de árvores e floresta, e outra mais próxima, preservada e com a qual podemos nos deparar, uma Natureza urbana.

O Professor I continua sua definição sobre essa Natureza “aqui e acolá” dando o exemplo de um local que fica próximo da escola no qual leciona, e em que forneceu a entrevista. O entrevistado segue sua fala:

Por exemplo, se nós formos andar aqui na, até próximo aqui, o complexo. Lá tem um espaço, né, que é um espaço mais natural e tal, aquele negócio todo. Então para mim a Natureza, ela tem, a princípio, é exatamente isso. Ou seja, aquele espaço Natural, como todo mundo diz, não que não tenha sido mexido ainda, né, mas que preserva características originais. Aí, como eu falei: mesmo aqui no espaço urbano você tem alguma coisa de Natureza.⁷⁴

O local indicado pelo professor, próximo ao complexo, se trata de uma Unidade de Conservação “Museu Parque Seringal”, mas que é mais frequentemente chamada apenas de “Parque Seringal”, ou mesmo “Seringal”. Essa Unidade de Conservação foi criada pelo Decreto Municipal Nº 2.560, de 29 de março de 2012⁷⁵, e é reconhecida como “Área de Relevante Interesse Ecológico”. Alguns trabalhos afirmam que essa Unidade de Conservação mantém exemplares de seringueiras datadas do século XIX⁷⁶.

O Professor I então indica esse espaço como um espaço natural que “preserva características originais”. Cabe destacar que quando o professor argumenta que sua visão não é de que esse espaço de Natureza urbana “não tenha sido mexido ainda” possivelmente está articulando para se afastar do chamado mito da Natureza intocada.

Esse mito teria sua ascensão como uma representação simbólica a partir dos naturalistas do século XIX⁷⁷. Teria então se ampliado uma representação de Natureza selvagem totalmente desabitada, ignorando a existência das populações indígenas ou mesmo

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ ANANINDEUA (Município). Lei Municipal Nº 2.560, de 29 março de 2012. Cria a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) denominada “Museu Parque Seringal” e dá outras providências. Disponível em: http://www.ananindeua.pa.gov.br/public/arquivos/legislacao/LEI_No_2.560_DE_29_DE_MARCO_DE_2012..pdf Acesso em: 13/07/2020.

⁷⁶ SOUSA, José Fernando Moreira de; CARVALHO, Kelly Moreira de; BAHIA, Mirleide Chaar. Planejamento, Gestão e uso Público do Museu Parque Seringal em Ananindeua-Pará. In: BAHIA, Mirleide Chaar; FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Planejamento e Gestão Pública do Turismo e do Lazer**. NAEA: Belém. 2016, p. 107-126.

⁷⁷ DIEGUES, Antônio Carlos Sant’Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. Ed 6ª, São Paulo: Editora Hucitec Nupaub, 2008.

das atividades humanas em períodos evolutivos anteriores. Sobre esse mito, Antônio Carlos Diegues, que caracteriza tal representação como parte de “neomitos”, afirma que:

A existência de um mundo natural selvagem, intocado e intocável faz parte, portanto, desses neomitos. Como afirma Ellen (1989), entretanto, a natureza em estado puro não existe, e as regiões naturais apontadas pelos biogeógrafos usualmente correspondem a áreas extensivamente manipuladas pelos homens.⁷⁸

Essa ideia de uma Natureza intocada aparece também nas entrevistas com professores e alunos de outras pesquisas que investigam representações do conceito de Natureza. Em alguns trabalhos o chamado mito da Natureza intocada aparece não apenas quando os entrevistados são questionados sobre o conceito de “Natureza”, mas também quando o assunto é o conceito de “Meio Ambiente”⁷⁹.

Sobre o processo de construção da representação de “Natureza” do Professor I, é necessário acrescentar que está presente em sua articulação um processo de negação de outra visão existente, que segundo a fala do próprio Professor seria aquele que limita sua definição de Natureza a “verde, campo, floresta”. Sua representação se constrói também com a negação de outra representação – a do mito da Natureza intocada. Processo cognitivo semelhante ao do Professor G, já comentado, que apresenta sua ideia de Natureza como “mais ampla” do que outra que seria menos ampla.

Mesmo tentando se distanciar da representação de uma Natureza intocada, o Professor I reconhece a existência de uma Natureza que preserva características “originais” e outra nos meios urbanos que tenta manter “um espaço mais natural”. Em sua visão, esses espaços de conservação seriam então “alguma coisa de Natureza” que ainda se manteria entre a urbanização. A Professora J, por sua vez, também acredita que esses espaços de conservação são parte de uma Natureza que ainda persiste no meio urbano. A professora afirma que:

Por Natureza eu entendo tanto o meio natural... quanto... (no caso o meio natural, vegetação, floresta) quanto os espaços que são modificados, mas que ainda não perdem a questão... a questão... a questão da ligação com o ciclo de vida natural. O ciclo realmente que, tipo...⁸⁰

Sua articulação foi também um processo cognitivo de refletir e verbalizar ao mesmo tempo, organizar em uma fala lógica uma definição para o conceito de “Natureza” que

⁷⁸ Ibidem, p. 17-18

⁷⁹ DOS SANTOS, Joseane Aparecida Euclides; IMBERNON, Rosely Aparecida Liguori. A concepção sobre “natureza” e “meio ambiente” para distintos atores sociais. **Terræ Didática**, 2014, v. 10, n. 2, p. 151-159.

⁸⁰ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA). Duas professores dessa escola foram entrevistadas.

possivelmente não havia se preocupado em realizar anteriormente. As pequenas pausas que a Professora J fez durante a entrevista evidenciam isso. Assim como a forma que terminou sua argumentação, dando a entender que continuaria, mas em seguida termina pronunciando a palavra “tipo” alongando a letra “o”, dando a entender algo como “é isso que consegui definir”.

A professora busca afirmar sua compreensão de Natureza como “tanto o meio natural...”, após uma pequena pausa continua, “quanto...”, e após uma nova pequena pausa a professora busca criar parênteses em sua articulação. Preocupada em definir primeiramente o que entendia como “meio natural”, antes de continuar sua definição sobre “Natureza”, a professora comenta que com isso compreende “meio natural, vegetação, floresta...”. Então prossegue dizendo que compreende a Natureza tanto “vegetação, floresta...” quanto os espaços modificados, mas que não perdem “a questão da ligação com o ciclo de vida natural”. Existiriam então, para a Professora J, nos espaços modificados pelos humanos certos espaços que manteriam ligação com o “meio natural”. Analisando a resposta da professora é possível concluir que os parques ambientais, como o Parque do Seringal indicado pelo Professor I, seriam para ela um desses espaços que não perdem a ligação com o ciclo natural.

A partir da análise das entrevistas, outra professora que foi definida como fazendo parte da categoria de representação “Ambiente Natural/Modificado” foi a Professora K. Quando indagada sobre o que entende por Natureza, comentou:

Bom, Natureza eu entendo o planeta que nos cerca. Tudo que tá ao meu redor. Dessa forma que eu entendo. Que eu vou dividir em meio natural e meio modificado pelo ser humano. Nós vivemos nisso. Poucos espaços estão naturais, né? Muitos modificados pelo ser humano, e bem ruim.⁸¹

Em um primeiro momento caracteriza a Natureza como “o planeta que nos cerca”, em seguida realiza uma cisão entre o “meio natural” e o “meio modificado pelo ser humano”. Mesmo comentando que sua compreensão de Natureza é “Tudo que tá ao meu redor”, a partir do momento de sua fala em que separa essa mesma Natureza em “natural” e “modificada” comenta que poucos espaços se mantêm “naturais”. Os outros espaços seriam “modificados pelo ser humano”.

Os espaços modificados pelo “ser humano” estariam então, na visão da Professora K, em situação “bem ruim”. Essa perspectiva também é apresentada como característica de

⁸¹ Entrevista realizada em maio de 2018, com a docente da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Regina Coeli, localizada no bairro do Maguari em Ananindeua (PA).

pensamento do “mito da Natureza intocada”. Antônio Diegues comenta que essa mentalidade esteve presente na gestão de unidades de conservação, gerando a caracterização até mesmo das populações chamadas “tradicionais” como destruidoras⁸². Ou seja, caracterizando qualquer grupo humano como destruidor do “natural”. Essa visão de humanos se destacando pela destruição do “natural” se repete quando a professora responde sobre como aborda a questão ambiental em suas aulas, ponto que será mais comentado no capítulo seguinte.

A Professora K continua sua argumentação, mas nesse segundo momento de sua fala opta por apresentar como trabalha a temática de Natureza em suas aulas:

Quando eu trabalho com meus alunos esse assunto, isso porque eu trabalho em Estudos Amazônicos. Em Estudos Amazônicos a gente acaba indo por esse lado, né? Até porque tá pedindo pra falar sobre Amazônia. Então eu trabalho com eles a questão do espaço. O que vem a ser a Natureza e o meio que nós vivemos. O meio natural e o meio modificado pelos seres humanos.

Na fonte acima é possível perceber que a professora se preocupa não apenas em comentar a forma que trabalha, mas também cita em qual disciplina aborda a temática da Natureza. A disciplina citada nesse momento não é a História, e a professora se preocupa em enfatizar que discute o tema “em Estudos Amazônicos”. Em sua fala, essa disciplina aparece como um componente curricular no qual normalmente os professores acabam “indo por esse lado”, e acrescenta que isso ocorre também porque seria solicitado “falar sobre Amazônia”. Realizando a associação direta do conceito de Natureza com “Amazônia”, ligação essa que a Professora H tentou afastar em sua argumentação se preocupando em destacar que Natureza “não é uma coisa assim ‘Ah, nós vivemos aqui na Amazônia então nós estamos na Natureza’”.

É de se perceber que a Professora K vê a disciplina de Estudos Amazônicos como privilegiada para tratar sobre o tema. Sua argumentação nesse momento da entrevista enfatiza isso ao não comentar sua abordagem na disciplina de História. Por que comentar sua atuação na de Estudos Amazônicos e não na de História?

A disciplina de Estudos Amazônicos realmente emerge como uma proposta para discutir a temática de Natureza e Meio Ambiente. Gestada no final da década de 1980 (período em que a discussão sobre Educação Ambiental adentra ao Estado do Pará, como já foi apresentado no primeiro capítulo deste trabalho) com uma mentalidade de que “Você só consegue defender uma região, do ponto de vista de agressões ambientais e mesmo agressão

⁸² DIEGUES. Op. Cit. p.23.

de direitos humanos e tudo, se você conhece os problemas da região”⁸³. Esse componente curricular se torna Lei apenas em 1997, pela Resolução nº 630 do Estado do Pará substituindo a disciplina de “Estudos Paraenses” e sua obrigatoriedade chega apenas em 1999⁸⁴.

No recente currículo para a disciplina de Estudos Amazônicos, publicado pelo Estado do Pará em 2019, o uso do conceito de “natureza” aparece frequentemente e o de “meio ambiente” aparece como “concepção” a ser discutida pelo eixo “Espaço/Tempo e suas Transformações”. A visão da Professora K parece ser contrariada pelo documento, já que esse não trata qualquer espaço modificado pelos humanos como “bem ruim”, mas reconhece as diferentes formas de se relacionar com a Natureza quando propõe, como um dos objetivos de aprendizagem, “Analisar os diversos atores sociais da Amazônia com seus respectivos modos de vida para o entendimento das identidades como indígena, ribeirinha, quilombola e outros, bem como a relação com a natureza amazônica”⁸⁵.

É compreensível então o motivo da professora ter se direcionado às suas experiências com a disciplina de Estudos Amazônicos ao argumentar sobre sua compreensão do conceito de Natureza, afinal a disciplina parece possuir certa tradição no debate sobre Natureza e Meio Ambiente⁸⁶. No entanto, é curioso o fato de a professora não ter comentado sobre a disciplina de História.

A Professora K acrescenta que trabalha em Estudos Amazônicos sobre “a questão do espaço” para discutir o “meio natural” e o “meio modificado”. O conceito “espaço” apareceu na fala de todos os professores da categoria “Ambiente Natural/Modificado” e nenhum deles usou o conceito de “Meio Ambiente” ao responderem a indagação “O que você entende por natureza?”. Já nas respostas dos inseridos na categoria “Relação Mundo” para esse mesmo questionamento, o conceito “Meio Ambiente” aparece várias vezes.

É possível interpretar que para os entrevistados que tiveram suas representações definidas na categoria “Relação Mundo”, a Natureza assume a característica de uma inter-relação entre os diversos seres vivos no mundo. Os animais humanos são apresentados como parte dessa Natureza. Diferencia-se da categoria de “Animal Biológico” por conta de não

⁸³ BARROS, Gabriel Renan Neves. **A disciplina de estudos amazônicos e a formação de professores do ensino fundamental**: uma experiência no município de Marabá-PA. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2016, p. 38.

⁸⁴ Ibidem.

⁸⁵ PARÁ (Estado). **Documento Curricular do Estado do Pará**. 2019, p. 269.

⁸⁶ Não é o foco do trabalho discutir de maneira aprofundada a disciplina de Estudos Amazônicos. Para mais, ver o trabalho de Gabriel Renan Barros citado em nota anteriormente.

comentar sobre uma Natureza inerente ao próprio homem, o que o Professor B, definido como dessa categoria, realizou.

Além disso, as representações caracterizadas como “Relação Mundo” evidenciaram uma interação entre os diferentes elementos que, na visão dos professores, compõem a Natureza. Em uma das falas um elemento que aparece é o do humano como mais responsável do que os outros animais e um agente que precisa agir para impedir a destruição e poluição.

O Professor L apresenta que por Natureza “Eu entendo que diga respeito ao mundo em que vivemos. Aos seres vivos, né? E ao próprio ser humano que também faz parte dela, e a interação que há entre todos esses... é... todos esses grupos citados”⁸⁷.

Na fala do professor o ser humano é destacado como parte daquilo que ele entende como Natureza. A interação entre todos os seres vivos é afirmada também como sendo a Natureza. A relação entre o “mundo em que vivemos” e os “seres vivos” seria então a Natureza. Visão essa que foi analisada neste trabalho como semelhante à perspectiva da Professora M. Essa professora afirma que “Eu acredito que na verdade Natureza, a concepção de Natureza, ela tem que ser debatida de forma bem profunda. Na verdade Natureza é todo o Meio Ambiente e toda a relação que o homem tem com o Meio Ambiente”⁸⁸.

A professora começa afirmando que a concepção de Natureza deve ser discutida de forma profunda. Em seguida revelou o que entende como a verdade sobre o que é Natureza. Define então que a verdade é que Natureza é todo o “Meio Ambiente” e a relação que o “homem” tem com o “Meio Ambiente”.

A Professora M trata também em sua fala sobre um movimento de sensibilização que acontecia na escola para gerar nos alunos uma reassociação entre humanidade e Natureza. A professora afirma que:

Os professores de Biologia da escola, nem falo tanto dos de História, mas os de Biologia, eles têm sensibilizado para que haja um relacionamento ser humano e Meio Ambiente, que até então não deveria ser dissociado, mas foi, a sociedade, o mundo, né? Com relação à própria evolução, essa questão do homem acabou dissociando. Parece que o homem vive fora do Meio Ambiente. Ele não tem noção

⁸⁷ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Escola que se localiza na BR 316, Km 8, Ananindeua(PA).

⁸⁸ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com professora de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (Pará).

do Meio Ambiente que ele tá inserido, que ele é parte, que ele é um agente que consegue destruir, mas consegue também reconstruir.⁸⁹

Destaca-se nesse trecho da fonte que a entrevistada apresenta a existência de um movimento dos professores para sensibilizar os alunos, mas dá ênfase que os sujeitos realizadores desse movimento são os “de Biologia” e não “tanto dos de História”. A Professora M indica a “própria evolução”, o processo evolutivo biológico humano ao longo da existência da espécie, como impulsionadora da separação entre “homem” e “Meio Ambiente”. Importante ressaltar que a professora apresenta “Meio Ambiente” como termo associado ao de “Natureza”, o que não ocorre na fala do Professor L.

A docente afirma que a partir do momento que o “homem” pensa estar fora do “Meio Ambiente” ele passa a não ter noção “do Meio Ambiente que ele tá inserido”. Mas para a entrevistada, o “homem” “é parte” da Natureza (para ela sinônimo de Meio Ambiente) e também é um agente ativo nessa mesma Natureza. Como um agente atuante, o “homem” “consegue destruir, mas também reconstruir”.

A Professora M continua sua argumentação, substituindo totalmente o conceito “Natureza” pelo de “Meio Ambiente”, comentando:

Parece que o Meio Ambiente só é Meio Ambiente se ele for uma floresta, um rio, uma praia, aí faz campanhas de conscientização. Meio Ambiente é o todo. Nós somos agentes do Meio Ambiente. Eu até brinco com meus alunos, eu digo assim ‘Olha a gente, nós todos, somos animais. Animais conscientes do que fazemos, mas somos animais, né? A gente tem mais responsabilidade do que os demais animais’. Aí eles ficam meio que assustados. ‘E o Meio Ambiente que vocês sujam vai voltar para vocês. Tenham isso bem claro’.⁹⁰

Em sua fala, discorda de que “Meio Ambiente” seja apenas “floresta, um rio, uma praia”, mas concorda que “Meio Ambiente é o todo”. A entrevistada acrescenta que “brinca” com seus alunos dizendo que “nós todos, somos animais” e acrescenta uma diferença entre os animais humanos e os outros animais: “A gente tem mais responsabilidade do que os demais animais”.

O humano faz, na perspectiva da professora, parte de uma inter-relação com a Natureza em que esse possui grande responsabilidade. Isso se dá porque “é um agente que consegue destruir, mas também reconstruir”. E a partir do momento que nós humanos somos “animais conscientes do que fazemos” devemos agir para “reconstruir” e não poluir o “Meio

⁸⁹ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com professora de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (Pará).

⁹⁰ Ibidem.

Ambiente”. A Professora M afirma que alerta seus alunos dizendo que o Meio Ambiente que eles “sujam” irá “voltar”, uma inter-relação de causa e consequência.

Outro professor que não foi reconhecido como fazendo parte de nenhuma categoria de “concepções” apresentadas por Irineu Tamaio foi o Professor N, caracterizado na categoria de representação intitulada “Nossa Essência”⁹¹.

Sua resposta para a indagação sobre o que entendia por Natureza teve uma resposta curta, mas com elementos diferentes das demais. Em sua escrita o Professor N respondeu que “Natureza para mim é a nossa essência, nossa origem. Afinal de contas, somos um produto dela. Eu entendo que o ser humano e a natureza tem um elo de ligação muito forte”⁹².

Na primeira fonte apresentada neste capítulo a “Natureza” é relacionada com “lugar que a gente vive”, nessa fonte acima a “Natureza” já é descrita como “nossa essência” e não apenas como “lugar” ou “espaço”. A representação do Professor N sobre a Natureza é de que essa é a “origem” de todos nós, e que todos somos seu produto. O professor dá a entender que existe certo distanciamento do “humano” e da “natureza”, mas que existe um elo forte entre esses. Essa representação que reconhece distanciamento, mas ao mesmo tempo uma ligação quase mística entre humanidade e Natureza, foi percebida também a partir da observação de uma aula ministrada por esse professor.

Em uma aula de História ministrada para uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da 3ª Etapa, com alunos entre dos 16 a 20 anos de idade, o Professor N apresentou o tema “Os índios do Brasil”⁹³. Em determinado momento da aula o professor comenta sobre a relação dos indígenas e a Natureza. Comenta que os indígenas possuem uma relação mais próxima da Natureza.

Em contrapartida, afirma que “nós da cidade” não temos “amor pela natureza”. Ou seja, reconhece que existe certo distanciamento entre a humanidade urbana e a Natureza, mas classifica as comunidades indígenas como amantes dessa mesma Natureza. A Natureza seria, para o Professor N, o que comumente é tido como “mundo natural”. No entanto, o mesmo

⁹¹ Esse professor, depois de marcar entrevistas presenciais, teve problemas de horário e resolveu responder o questionário de entrevista pelo e-mail.

⁹² Entrevista realizada via e-mail em maio de 2017 com professor de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Vianna da Silveira. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA)

⁹³ Aula ministrada pelo professor da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Viana da Silveira no dia 22 de outubro de 2018. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA). A aula foi observada para investigação da pesquisa “História e Educação Ambiental nas escolas de Ananindeua”, coordenada pelo Professor Dr. Wesley Oliveira Kettle.

professor reconhece e explicita um “elo” entre os humanos e a Natureza, e o primeiro sendo um produto do segundo.

A seguir é possível ver um quadro que indica os professores apresentados e em quais categorias suas representações sobre o conceito de “Natureza” foram definidas.

Quadro 1: Quadro com a relação dos professores e suas determinadas categorias de representação do conceito de Natureza. Fonte: CORDOVIL, Wendell P. Machado. 2020.

QUADRO COM RELAÇÃO DE PROFESSORES E CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DE NATUREZA	
PROFESSOR	CATEGORIA REPRESENTAÇÃO NATUREZA
PROFESSOR A	UTILITARISTA
PROFESSOR B	HOMEM BIOLÓGICO
PROFESSOR C	NATURALISTA
PROFESSORA D	NATURALISTA
PROFESSORA E	NATURALISTA
PROFESSOR F	NATURALISTA
PROFESSOR G	MEIO AMBIENTE HUMANO
PROFESSORA H	MEIO AMBIENTE HUMANO
PROFESSOR I	AMBIENTE NATURAL-MODIFICADO
PROFESSORA J	AMBIENTE NATURAL-MODIFICADO
PROFESSORA K	AMBIENTE NATURAL-MODIFICADO
PROFESSOR L	RELAÇÃO MUNDO
PROFESSORA M	RELAÇÃO MUNDO
PROFESSOR N	NOSSA ESSÊNCIA

No quadro é possível observar de forma geral em quais categorias as representações de Natureza dos docentes entrevistados foram compreendidas. A pretensão não é definir rigidamente cada professor em um grupo, mas facilitar a percepção do cenário em Ananindeua, comparando com o de outras pesquisas. Permite também auxílio para reflexões para a construção de projetos dentro do campo de formação continuada.

3.3 As disciplinas que devem se importar com meio ambiente na visão dos professores

O questionamento sobre o que esses professores entendem por “Natureza” foi procedido no questionário pela indagação: “Quais disciplinas você acredita que devem se importar com o Meio Ambiente?”. Essa pergunta permitia aos professores realizarem uma articulação para diferenciar os conceitos de “Natureza” e “Meio Ambiente”. Vários professores entrevistados tratam os dois conceitos como sinônimos. No entanto, a reflexão sobre a distinção entre os conceitos é importante, como apontado anteriormente⁹⁴.

A primeira diferença nítida entre os conceitos é que um é definido com apenas uma palavra, no português e nos diversos idiomas. No português temos “Natureza”, no inglês encontramos “*Nature*”, no alemão “*Natur*” e no japonês vemos “*Shizen*” (自然). No caso do conceito de “Meio Ambiente”, temos “*Environment*” em inglês, “*Umwelt*” no alemão e “*Kankyô*” (環境) no japonês.

Na maioria dos idiomas o conceito Meio Ambiente aparece também escrito com apenas uma palavra, mas no português emerge como um pleonasmo. Sobre isso, Luís Sirvinskas afirma:

Ambiente indica o lugar ou área onde habitam seres vivos. Assim, na palavra ambiente está também inserido o conceito de meio. Cuida-se de um vício de linguagem conhecido como pleonasmo, consistente na repetição de palavras ou de ideias com o mesmo sentido simplesmente para dar ênfase.⁹⁵

Por vários autores a expressão é tida dessa forma, como redundante, e consideram que esse pleonasmo seria exclusivo das línguas portuguesa e espanhola, mas outros autores se preocupam em destacar o termo “*monde ambience*”, que tem seu uso popularizado em língua francesa após o século XVI, como o equivalente francês do pleonasmo “meio ambiente”⁹⁶.

O conceito Meio Ambiente não aparece, por exemplo, no “Diccionario da Língua Brasileira” de 1832, por Luiz Maria da Silva Pinto. A palavra “Meio” é apresentada com duas definições. A primeira é como substantivo que teria como significado “O logar entre dous extremos” ou verbo indicativo significando “Modo. Método”⁹⁷. A segunda definição para o

⁹⁴ GERALDINO. Op. Cit.; DULLEY. Op. Cit.

⁹⁵ SIRVINSKAS, Luís Paulo. Manual do Direito Ambiental. 16ª edição. São Paulo: Saraiva Educação, 2018, p. 101.

⁹⁶ Termo que com o tempo é substituído no francês. Ver: RIBEIRO, Job Antonio Garcia; CAVASSAN, Osmar. Um olhar epistemológico sobre o vocábulo ambiente: algumas contribuições para pensarmos a Ecologia e a Educação Ambiental. **Filosofia e História da Biologia**, 2012, v. 7, n. 2, p. 241-261.

⁹⁷ PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Língua Brasileira**. Ouro Preto. 1832, 1154p.

termo é a de adjetivo que significaria algo “que he ametade de huma cousa”. Já o termo “Ambiente” aparece como um adjetivo com sentido de algo “Que cerca os corpos”⁹⁸.

O termo “Natureza”, por sua vez, aparece no mesmo dicionário em uma perspectiva próxima ao sentido da “*physis*” grega, significando “O universo, todas as cousas creadas”. Acrescentando a isso que teria também o significado de “Qualidade, classe, espécie. Os atributos constitutivos de qualquer ser. O Natural de cada hum”⁹⁹. Ou seja, os termos “Meio”, “Ambiente” e “Natureza” não são apresentados como relacionados. Diferente dos dicionários mais recentes, em que uma relação entre os termos comumente aparece, e diferente também das representações da maioria dos docentes entrevistados.

Nas entrevistas com os professores de História de Ananindeua apenas um dos entrevistados indicou em sua fala, ou escrita, sobre a existência de diferenças entre tais conceitos. Como já mencionado anteriormente neste capítulo, o Professor B localiza sua fala enfatizando que “Vamos falar do Meio Ambiente agora”. Quando trata sobre as disciplinas que devem se importar com o Meio Ambiente o Professor B argumenta:

Olha, eu acredito que todas elas. O estudo do Meio... Vamos falar do Meio Ambiente agora, né? Com o estudo do Meio Ambiente propriamente dito, eu acho que todas as disciplinas podem trabalhar, mas precisamente eu acho que as disciplinas da Língua Portuguesa, Biologia, C.F.B no Ensino Fundamental, Geografia. E a História, nesse sentido, pode contribuir, né? Assim como a Matemática, Filosofia, Sociologia. Eu acho que entra mais numa questão de suporte, mais do que em relação a propriamente dito estabelecer ações dentro do currículo que vão trabalhar com os alunos. Mas eu acho que, resumindo, História seria mais no suporte dado a outras disciplinas que eu acho que têm que ter uma ênfase maior.¹⁰⁰

No primeiro momento de sua fala, o docente enfatiza que “todas” as disciplinas devem se importar com “o estudo do Meio”. Em seguida ressalta que a temática da entrevista mudou, não seria mais “Natureza” e sim “Meio Ambiente”, mostrando que o Professor B reconhece diferenças entre os conceitos. Após isso comenta novamente que “todas as disciplinas podem trabalhar”.

No entanto, o professor reconhece que existem algumas áreas que “precisamente” devem se voltar para a temática. Essas seriam “Língua Portuguesa, Biologia, CFB no Ensino Fundamental, Geografia”. A História é apresentada então, junto com Matemática, Filosofia e

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

Sociologia, como uma área de “suporte”. A História, segundo o Professor B, não teria papel de “estabelecer ações dentro do currículo” que será trabalhado com os alunos, mas apenas de dar suporte para as disciplinas que seriam de “ênfase maior” na temática. Com essa perspectiva o professor de História ficaria de fora das decisões do currículo escolar referentes ao tema ambiental.

A fala desse docente pode ser entendida dentro do quadro separador da disciplina de História dos temas como Meio Ambiente, Natureza e Educação Ambiental. Esse quadro, apontado entre outros autores por Circe Maria Bittencourt¹⁰¹ e Ely Bergo de Carvalho¹⁰², colocaria disciplinas como Geografia e Biologia, ou Ciências Físicas e Biológicas (C.F.B), como responsáveis pela discussão. Disciplinas como Filosofia e História seriam classificadas como não tendo com o que contribuir, no caso do Professor B, para além do simples suporte. Como destacado no primeiro capítulo deste trabalho, essa visão se construiu historicamente.

Dos entrevistados, 13 definiram que “Todas” as disciplinas devem se importar com “Meio Ambiente”. A maioria desses não citou nenhuma disciplina em específico e apenas enfatizaram a importância de todas as disciplinas trabalharem com a questão. A Professora D, por exemplo, responde que “Todas. Em todos os níveis de escolaridade, os seres humanos precisam aprender que a destruição do meio ambiente será a destruição de nosso planeta”¹⁰³.

Não se preocupa em destacar disciplinas, apenas em afirmar que é uma temática que deve ser trabalhada em todos os níveis de ensino, pensamento que está de acordo com a Lei 9.795/99 e os PCNs, já citados no primeiro capítulo. A Professora D, que respondeu o questionário de forma escrita, ainda se preocupar em anunciar que os humanos precisam entender a possibilidade de destruição do planeta. Perspectiva que se preocupa com “conservação e preservação” e que está presente na representação sobre Educação Ambiental dessa professora, o que será apresentado no próximo capítulo.

Diferente da Professora D, quatro professores citaram algumas disciplinas em sua fala ou escrita. De forma semelhante ao Professor B, o Professor I citou algumas áreas que devem se importar com o Meio Ambiente: “Sinceramente. A História, de maneira geral, enfim.

¹⁰¹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. **História & Ensino**, 2003, v. 9, p. 37-61.

¹⁰² CARVALHO, Ely Bergo de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História**. 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 215-216.

¹⁰³ Entrevista realizada, por documento via email, em agosto de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental João XXIII, localizada na BR-316 Km 7, Ananindeua (PA).

Porque a História se preocupa com tudo na verdade, né? A História, na verdade, ela mete o bedelho em qualquer lugar. Mas eu acho que Biologia, entendeu, acho que Química, Física, enfim”¹⁰⁴.

Como pode ser observado, o Professor I apresenta que a História pode tratar sobre Meio Ambiente, pois “se preocupa com tudo”, mas em seguida destaca as disciplinas de Biologia, Química e Física. Afirmar ainda que:

Eu acho que na verdade há espaço para esse trabalho relacionado à Natureza relacionado a todos os campos de conhecimento, a questão toda é como você vai fazer essa relação. Como você vai fazer essa ponte, Natureza com uma determinada área de conhecimento.¹⁰⁵

Ou seja, mesmo destacando disciplinas continua sua fala afirmando que todas as áreas podem fazer “esse trabalho relacionado à Natureza”, mas que seria necessário saber como construir a relação em cada disciplina¹⁰⁶.

Diferente do Professor B, e dando mais destaque para a disciplina de História do que o Professor I, o Professor F afirma que “Tanto a Matemática, a Sociologia, a Filosofia, a História, todas elas são fundamentais pra gente poder fazer um trabalho, eu diria, um trabalho qualificado dentro da escola, né?”¹⁰⁷.

Em sua fala o Professor em questão destacou disciplinas que não são as mais lembradas quando o assunto é referente a questões ambientais. O Professor C, por sua vez, não escreveu que “todas” as disciplinas devem trabalhar a temática, mas se preocupou em enfatizar que as responsáveis pelo tema são “Biologia, Química, Física, Matemática, Artes, Geografia, História, Língua Portuguesa, Filosofia e Sociologia”¹⁰⁸, excluindo apenas as disciplinas de Língua Estrangeira e Educação Física.

É válido expor também a resposta do Professor A. Quando questionado, afirmou que todas as disciplinas devem se importar com o Meio Ambiente, pois “De certa forma sempre tem uma relação”. Nesse momento o mesmo docente disse que esse é:

¹⁰⁴ Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, localizada na Cidade Nova VIII, Ananindeua (PA).

¹⁰⁵ Ibidem.

¹⁰⁶ Seria o “saber fazer” que foi comentado no primeiro capítulo.

¹⁰⁷ Entrevista realizada em abril de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Manoel Saturnino de Andrade Favacho, localizada no Conjunto PAAR em Ananindeua (PA).

¹⁰⁸ Entrevista realizada por documento via e-mail em abril de 2020 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

O debate que se faz da pedagogia, né? A interdisciplinaridade. Acho que é fundamental, devia ser um tema transversal. De fato é um tema transversal. Acho que todas deveriam trabalhar de alguma forma a questão de meio ambiente, com certeza.¹⁰⁹

O Professor A apresenta então o conceito de “interdisciplinaridade” para se referir aos temas ambientais. Entende como um debate que se realiza no campo da “pedagogia”. Em seguida afirma que o tema, Meio Ambiente, deveria ser considerado um “tema transversal”, mas instantaneamente volta atrás em sua fala e comenta que “De fato é um tema transversal”. O docente nesse momento provavelmente se lembrou do documento dos PCNs, comentado no capítulo anterior deste trabalho, para embasar sua fala de que o Meio Ambiente é um tema transversal. Termina sua resposta dizendo que todas as disciplinas devem abordar “a questão de meio ambiente”. Isso deve ser feito “de alguma forma”.

Afirmção semelhante é realizada pela Professora M. Essa professora acredita que todas as disciplinas do currículo escolar podem “de alguma forma contribuir” com a temática. Em sua resposta para a indagação, falou:

Todas. Todas as disciplinas podem de alguma forma contribuir para o debate com relação o Meio Ambiente. Eu acho que a gente tem, aqui dentro da escola, alguns professores que trabalham de forma mais acentuada, mas todos poderiam. Nem todos trabalham, até pelo curto tempo de aula que nós temos. Aí focam muito na questão do conteúdo para o vestibular. Mas todos poderiam trabalhar Meio Ambiente.¹¹⁰

Em sua argumentação a professora ainda se preocupa em explicitar um motivo que faz com que alguns professores não insiram o Meio Ambiente em suas aulas, que seria a falta de tempo. Por conta disso, os docentes optariam por privilegiar o “conteúdo para o vestibular”, fazendo referência ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Em conversas, outros professores entrevistados também apontaram o foco nesse exame como motivo de impedimento na inserção do Meio Ambiente nas aulas. O que é intrigante se pensarmos que a temática ambiental também está presente nesse exame. Afinal

No ano de 2013, por exemplo, foram aplicados ao todo 8 cadernos de provas com cores diferentes trazendo os mesmos itens com ordenamento diferenciado. Os assuntos que foram trabalhados com maior destaque foram: os movimentos sociais, a tecnologia e seus impactos, a cidadania, a situação do campo e os problemas urbanos, questões sócio-políticas e meio ambiente.¹¹¹

¹⁰⁹ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

¹¹⁰ Entrevista realizada em outubro de 2016 com discente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II, Ananindeua (PA).

¹¹¹ MORAES, Liciene M. S. As ciências humanas na matriz de referência do ENEM e sua reelaboração: fixação de sentidos por meio dos itens. **Revista Cadernos de Educação Básica**. 2018, V. 3, n. 1, p. 13-28.

Podemos refletir quando observamos o que mais se discute no Enem e a fala em conversa informal da docente citada no capítulo um, que agora é chamada aqui de Professora M, afirmando que os professores não sabem como inserir a temática da Educação Ambiental e do Meio Ambiente no Ensino de História. Movimentos sociais, tecnologia, cidadania e todos os outros temas que mais aparecem no Exame Nacional do Ensino Médio podem ser relacionados com o Meio Ambiente. Isso pode ser realizado também dentro das aulas de História.

O que os resultados da pesquisa apontam é que muitas vezes os professores não possuem o conhecimento sobre como tratar de Meio Ambiente e Educação Ambiental atrelando-os aos conteúdos da disciplina. Surge então o medo comentado pela Professora M ainda no capítulo um, o “receio de falar de meio ambiente e deixar de falar do que tem que ser falado, que é a História”¹¹². Mas a História trata dos processos históricos, não? Qual seria então a importância de elementos como a Natureza ao longo desses processos? O tópico a seguir busca apresentar as articulações dos professores entrevistados para responder o questionamento de “Em que medida a Natureza foi/é importante para os processos históricos?”. Tenta-se verificar se os professores utilizam o Meio Ambiente como palavra associada do conceito de Natureza, assim como atentar para como relacionam ambos com os processos históricos.

¹¹² Conversa com professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (PA), após a entrevista realizada em outubro de 2016.

Quadro 2: Quadro com a relação dos professores e suas respostas sobre disciplinas que devem se importar com o Meio Ambiente. Fonte: CORDOVIL, Wendell P. Machado. 2020.

PROFESSOR	DISCIPLINAS QUE DEVEM SE IMPORTAR COM O MEIO AMBIENTE
PROFESSOR A	TODAS
PROFESSOR B	TODAS – Citou ênfase Língua Portuguesa, Biologia, C.F.B. e Geografia. História, Matemática, Filosofia e Sociologia foram citadas como suportes.
PROFESSOR C	Biologia, Química, Física, Matemática, Artes, Geografia, História, Língua Portuguesa, Filosofia e Sociologia.
PROFESSORA D	TODAS
PROFESSORA E	TODAS
PROFESSOR F	TODAS – Matemática, Sociologia, Filosofia e História como fundamentais.
PROFESSOR G	TODAS
PROFESSORA H	TODAS
PROFESSOR I	TODAS – Citou diretamente História, Química e Física.
PROFESSORA J	TODAS
PROFESSORA K	TODAS
PROFESSOR L	TODAS
PROFESSORA M	TODAS
PROFESSOR N	TODAS

O quadro anterior expõe o panorama das respostas dos professores sobre as disciplinas que consideram como responsáveis pela temática ambiental. Como foi discutido ao longo deste tópico, a maioria dos docentes indica que “Todas” as disciplinas devem abordar a questão ambiental. Poucos realizam a citação de disciplinas específicas. Um fator importante para entender o Meio Ambiente e a Natureza como componentes importantes nas aulas de História é a percepção desses agentes ao longo dos processos históricos.

3.4 A importância da Natureza para os processos históricos na visão dos professores de História

Olha, quando eu trabalho a parte histórica a Natureza não é assim de suma importância. O homem é muito mais responsável pelos processos históricos do que a Natureza.¹¹³

Totalmente. A Natureza ela é a base desde a manutenção da vida, no período anterior, no período paleolítico, neolítico, que a gente chama de pré-história erroneamente, né, mas desde a manutenção da vida até hoje em dia os ciclos econômicos, a Natureza tá pautando aí os processos históricos.¹¹⁴

As duas falas destacadas foram respostas para a indagação sobre a importância da Natureza para o decorrer dos processos históricos. É nítida a diferença na visão das professoras a respeito dessa questão. Enquanto a primeira, Professora E, deixa claro que em sua visão a Natureza não possui tanta importância, a segunda, Professora J, começa sua argumentação dizendo que é “Totalmente” importante para os processos históricos. Essas duas visões estão presentes no mesmo ambiente escolar, pois as duas professoras ministram a disciplina de História na mesma escola.

Como já foi comentado anteriormente, a Professora E explicita que compreende uma separação entre humanidade e Natureza no momento em que afirma que o “homem” é o fundamental para os processos ao longo do tempo enquanto a Natureza não possui um papel tão valioso. Por sua vez, a Professora J afirma que a Natureza é a base da vida e reguladora dos processos históricos desde o período paleolítico. Ou seja, a segunda perspectiva entende a Natureza com um papel de destaque ao longo da história.

Em um pensamento que concorda com a Professora J, o Professor A responde o mesmo questionamento enfatizando a importância da Natureza “totalmente ligada aos processos históricos”. Diferente das duas professoras citadas anteriormente, o Professor A utiliza em sua argumentação o conceito de Meio Ambiente como palavra associada ao conceito de Natureza, da mesma forma que fez quando falou sobre sua definição de Natureza. Inicia sua fala afirmando algo curioso, que a “história e Natureza” foi deixada de lado:

Cara, há muito tempo se deixou de lado a história e Natureza, né? Acho que tem uma corrente hoje, História e Natureza, muito forte. Isso não pode deixar de lado, esse viés do Meio Ambiente. Né? Que tá, totalmente ligado aos processos históricos

¹¹³ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

¹¹⁴ Entrevista realizada em novembro de 2016 com outra professora de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

aí. A maneira como o homem muda o ambiente que vive. A grosso modo, da Revolução Industrial pra cá fica bem mais claro essa relação, né? Como o Meio Ambiente foi sendo modificado aí pelas máquinas, pela indústria. Mas também, se nós olharmos desde a antiguidade a maneira como o homem cria técnicas, né? Tecnologias para lidar com o Meio Ambiente e isso tudo deixa margem para o historiador trabalhar esse processo histórico aí e mais uma vez essa relação homem e Natureza. Se tu fores ver, acho muito bacana trabalhar, e a meninada gosta, é a maneira como o homem pré-histórico tá se relacionando com o Meio Ambiente e como isso vai mudando conforme ele vai modificando a sua maneira de trabalhar, e criando técnica. Lá nas sociedades, nas grandes civilizações, né? Por exemplo, do Oriente a maneira como se vê o uso da água, né? Eu acho que isso é uma base fundamental para se entender o processo histórico. Então não dá pra tu pensar a história sem essa Natureza. Não dá.¹¹⁵

O professor então dá a entender que apenas recentemente surge uma “corrente” no campo da História que se preocupa com a Natureza. Podemos perceber que mesmo com um percurso que remonta da década de 1970, o campo da chamada História Ambiental, que pode ser entendida como essa “História e Natureza” citada pelo docente, parece distante do cabedal teórico dos professores de História em Ananindeua. Realidade que também é existente em outras regiões do país. No entanto, o docente reconhece que existe grande ligação da Natureza com os processos históricos e até mesmo apresenta um momento histórico em que seria possível observar mais nitidamente as modificações humanas no ambiente, que seria um exemplo da interação entre humanos e Natureza. A Revolução Industrial então aparece como um ponto central, as “máquinas e indústria” modificaram o “Meio Ambiente”. Mas o professor também afirma que é “bacana” abordar a modificação que a humanidade da pré-história, nomenclatura apontada pela Professora J como errônea mostrando diferença teórica entre ambos, realiza no “Meio Ambiente” em medida que cria técnicas. Também não deixa de afirmar que “a meninada gosta” desse período histórico em diálogo com esse tema, o que sugere que é uma abordagem realizada pelo professor e que teve bom retorno. Infelizmente não foi possível acompanhar nenhuma de suas aulas para analisar esse ponto.

No fim de sua articulação o docente ainda lembra sobre a relação de sociedades no Oriente, fazendo referências às civilizações como a Mesopotâmica, e o uso da água. Segundo ele, a relação da humanidade com a Natureza seria elemento fundamental sem o qual não é possível entender a história.

Quem também relembra a Revolução Industrial é a Professora H. Inicia sua fala dizendo, aos risos, que nos processos históricos a Natureza “só se ferra”:

¹¹⁵ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

Poxa! Acho que nesse processo histórico a Natureza só se ferra. Se você pegar um exemplo da Revolução Industrial inglesa, né? A partir da Revolução Industrial você vê uma degradação da Natureza, porque... Quando se vai pensar que ‘o que o rio não leva?’ Porque joga tudo no rio que o rio resolve. E esse rio vai desaguar onde? Esse oceano e assim sucessivamente, né? Quando a gente lembra que o ‘jogar fora’ não se joga fora nada além, você mora no planeta. Vai jogar o que? Em Marte, sei lá onde? Então essa relação do processo histórico, ele nunca conjuminou não. Ele sempre depredou. Hoje, a partir dos anos 80, que começou a ter um pouco dessa consciência, né? Que você precisa não depredar o Meio Ambiente. Não precisa também ir lá na Inglaterra não. Anos 60 aqui com os projetos dos militares, nas fronteiras militares aqui na Amazônia, você tinha que devastar, derrubar árvores, pra poder... Homens... ‘Terras sem homens para homens sem terras’. Então por aí você já viu que o negócio não é das mais maravilhosas essa relação progresso e homem.¹¹⁶

O momento da Revolução Industrial é tomado pela professora como um marco para se observar a degradação da Natureza por ação humana, tal como o Professor A destaca. A professora é concisa em afirmar que a relação humana com a Natureza nos processos históricos nunca foi algo além de degradação. Comenta que a tentativa de consciência contra isso emerge apenas na década de 1980, só então se pensaria em “não depredar o Meio Ambiente”. Ao fim de sua argumentação se preocupa em localizar a questão em âmbito regional. Comenta sobre a atuação da Ditadura Militar na Amazônia na década de 1960, com seus projetos de ocupação da região. Faz referência ao suposto lema usado para divulgação do Projeto de Integração Nacional (PIN) de 1970, “Terra sem homens para homens sem terra”. Instituído pelo Decreto-Lei nº 1.106, o PIN era estratégia do governo ditatorial para tentar solucionar o problema de falta de terras para a população da região Nordeste do Brasil e os supostos “espaços vazios” da região amazônica¹¹⁷.

Interessante o fato de a professora ter citado o pensamento do governo militar no Brasil sobre a Amazônia como espaço vazio, enfatizando que era um projeto de ocupação que “tinha que devastar, derrubar árvores”, mas não ter comentado sobre a população indígena da região. Afinal, apresentam outra forma de relação com o seu Meio Ambiente e a Natureza e em muitos momentos entraram em conflito com a ideia de “progresso”, conceito citado pela professora, dos governos brasileiros. Para essa docente a Natureza é objeto de destruição humana.

Alguns docentes se contentam em afirmar apenas que “A relação homem natureza está presente em todos os processos históricos, desde o início dos tempos até hoje. É

¹¹⁶ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, em Ananindeua (PA).

¹¹⁷ NETO, Manoel Aires da Silva. Políticas públicas, propaganda e movimentos sociais na Amazônia do período militar. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social** – Anpuh (RN). 2013, 13p.

indissociável”¹¹⁸. Outros se preocupam em dar exemplos da presença da Natureza ao longo dos processos históricos. Tal como os professores os Professores A e H, o Professor B exemplifica em sua fala momentos em que o papel “fundamental em quase todos os processos” pode ser notado. Em determinado momento de sua resposta diz que:

[...] Quando a gente estuda, por exemplo, na Idade Antiga o surgimento das primeiras civilizações, as que são conhecidas como as civilizações hídricas, né? A gente vê o aproveitamento dos recursos hidráulicos por esses povos como fundamentais para o desenvolvimento dessas civilizações. Mas aí a gente vê, por exemplo, também nas civilizações antigas o potencial que o Mar Mediterrâneo proporcionou para o desenvolvimento do comércio e das relações culturais entre diversos impérios. é necessário falar, é necessário destacar o importante papel da Natureza nesses processos. Que perpassam também, por exemplo, o próprio Mediterrâneo no processo das cruzadas. Até mesmo processos que foram definidos por questões climáticas, como, por exemplo, as chamadas invasões bárbaras que, o... Não sei se foi o Duby. Esqueci o nome do autor. Que fala que as invasões bárbaras, essas pressões dos povos germânicos nas fronteiras romanas, se intensificaram no século III, além de ter o fator da crise, no Império Romano a partir do século III, mas tem também o fator do resfriamento. De um período de invernos rigorosos que fizeram com que eles migrassem pra Europa, né? Intensificando essas pressões nas fronteiras.¹¹⁹

Destaca a relação de sociedades antigas com os rios e o mar, bem como as questões climáticas que teriam definido alguns momentos históricos. Em sua argumentação o docente chega a citar Georges Duby como fonte para sua afirmação, uma preocupação de embasamento que os professores anteriores não tiveram em suas falas.

A perspectiva do Professor B de uma Natureza definidora de processos históricos não aparece em representações como a do Professor C. Na escrita desse docente a Natureza não aparece como definidora, mas como dominada pelos “Homens”, termo que é escrito com a primeira letra em maiúsculo. Também retornando ao período dos humanos “pré-históricos” como outros professores fizeram, o Professor C argumenta que:

Os Homens, desde os tempos pré-históricos, atuavam no sentido de transformar o meio natural em que vivem. Isso desde quando eram nômades e mais ainda a partir do seu sedentarismo. E com o passar dos séculos, essas sociedades desenvolveram técnicas cada vez mais apuradas garantindo assim não só as necessidades de suas populações, mas ampliando o seu comércio com outras localidades e até de outros continentes, levando assim o seu poder e domínio sobre a Natureza.¹²⁰

O docente apresenta então uma perspectiva histórica da humanidade desenvolvendo técnicas, ampliando o comércio e exercendo “domínio sobre a Natureza”. Quem também

¹¹⁸ Entrevista realizada, por documento via email, em agosto de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental João XXIII, localizada na BR-316 Km 7, Ananindeua (PA).

¹¹⁹ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

¹²⁰ Entrevista realizada por documento via e-mail em abril de 2020 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

comenta sobre a expansão da humanidade, mais especificamente dos “portugueses”, e sua relação com a Natureza é o Professor F. Em sua argumentação afirma que a Natureza “é importante para a gente entender essa questão do chamado processo histórico pra tu poder entender a própria história do teu país”. Voltando sua fala para o período de contato entre europeus e nativos brasileiros, o docente afirma que a partir:

Dos primeiros contatos aqui no Brasil, né, ela já começou a passar por todo um processo de depredação. Então as cidades, os rios, os mananciais, as praias passaram a ser contaminadas hoje, que a gente já vê hoje os dejetos, os esgotos que adentram em praias, como a praia de Outeiro, como a praia de Mosqueiro [...] aquela época também era o mesmo processo. [...] Então a partir da Natureza, do homem, dessa relação do homem com o mundo natural, é importante também a gente poder ter uma compreensão melhor, né? De como a gente pode pensar projetos, pensar uma conscientização melhor, trabalhar os valores com os alunos, mas sempre nos reportando também a essa perspectiva histórica, que algumas disciplinas, vamos supor, a área da Biologia não adentra dentro de questões assim mais aprofundadas, né? [...] Já a História quando a gente olha a questão do chamado processo histórico, ela é importante porque ela já te dá uma dimensão, mas ela só te dá uma dimensão também se a Academia estiver produzindo também, se houver pesquisas também dentro dessa área pra gente poder pensar outros conceitos sobre o que nós chamamos de Natureza.¹²¹

Na fala do Professor F a Natureza aparece como objeto de degradação pelos conquistadores portugueses. O docente faz ainda uma conexão direta entre o período histórico do século XV com a realidade regional atual, citando problemas ambientais nas praias de Mosqueiro e Outeiro. Preocupa-se também em ressaltar que a perspectiva histórica é o diferencial do campo da História quando trata dos temas ambientais e da conscientização dos alunos, abordagem que segundo o professor não acontece em outras disciplinas como a da Biologia, campo ao qual o mesmo docente afirmou pertencer o conceito de Natureza, como exposto em tópico anterior. Ainda é possível perceber que o Professor F se preocupa em expor o papel da Academia na produção de historiografia que dê “uma dimensão” para a discussão dessa temática.

A hipótese na pesquisa para essa questão era de que a maioria dos professores entrevistados iria argumentar sobre a destruição da Natureza pela humanidade ao longo do tempo, falas que realmente apareceram. No entanto, os docentes de História do município de Ananindeua apresentaram visões mais diversificadas. É de se notar que o conteúdo de Revolução Industrial se sobressai na fala dos professores que apresentam mais enfaticamente a perspectiva da destruição da Natureza ao longo do tempo. Um exemplo é a Professora H e o

¹²¹ Entrevista realizada em abril de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Manoel Saturnino de Andrade Favacho, localizada no Conjunto PAAR em Ananindeua (PA).

Professor A, com suas falas expostas anteriormente, bem como a Professora M¹²² e o Professor N¹²³. Em outros momentos se afirma que “em alguma medida a história também é como o ser humano vive na Natureza, modifica”¹²⁴, ou que “sob todas as medidas [...] Quando a gente pensa na Natureza... Pensa na história... obviamente a gente vai também ter que pensar no homem, que é um elemento que faz parte dessa Natureza”¹²⁵.

Os professores que tratam a Natureza como de “total” importância ao longo do tempo parecem mudar o foco de apenas a degradação para a complexidade da relação humana com a Natureza, que pode ser realizada de formas diferentes por diferentes sociedades em diferentes períodos. Nenhum dos professores chegou a comentar sobre o conceito de Natureza em si e como ele próprio sofreu e sofre modificações ao longo das épocas. E, como pôde ser observado nas entrevistas expostas, o conceito de Meio Ambiente apareceu em alguns momentos como palavra relacionada na fala dos docentes. É crucial perceber também que alguns professores que reconheceram a existência de um campo na História mais interessado na discussão sobre Natureza, chamado de “História e Natureza”, o entendem como uma proposta nova. O que indica que ainda é muito necessário ajudar esses professores no contato com produções de áreas como a História Ambiental, ou mesmo chamar atenção para outros trabalhos já consagrados na historiografia que apresentam alguma preocupação com a presença ativa da Natureza e das relações diversas da humanidade com seu Meio Ambiente ao longo do tempo e dos espaços.

O próximo capítulo do trabalho pretende analisar as representações desses professores sobre a Educação Ambiental e a relação desse campo com o Ensino de História. A forma que os docentes entendem o conceito de Natureza, assim como a relação dessa Natureza com a humanidade ao longo da história, é útil para entendermos suas compreensões de Educação Ambiental e de como esses a aplicam, ou acreditam aplicar, em suas aulas.

¹²² Entrevista realizada em dezembro de 2016 com professora de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (PA).

¹²³ Entrevista realizada via e-mail em maio de 2017 com professor de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Vianna da Silveira. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA).

¹²⁴ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Escola que se localiza na BR 316, Km 8, Ananindeua(PA).

¹²⁵ Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, localizada na Cidade Nova VIII, Ananindeua (PA).

4. TERCEIRO CAPÍTULO – A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM RELAÇÃO COM O ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE ANANINDEUA (PA)

A questão do Meio Ambiente, que hoje em dia, com a destruição todo mundo é afetado, todo mundo sofre. É de conscientização dos alunos, isso aí a gente tem que fazer, a escola tem que fazer, todas as disciplinas devem fazer. Porque é uma questão mesmo de sobrevivência. Se não preservar vai acabar, tá destruindo tudo.¹

O presente capítulo pretende realizar o que foi apontado como seu objetivo ao fim do capítulo anterior: entender as representações dos professores da disciplina de História em Ananindeua sobre Educação Ambiental. Para isso, serão utilizadas como fontes, tal como no capítulo anterior, as entrevistas realizadas com docentes do referido município.

Pretende-se também em certa medida analisar a noção de Ensino de História desses professores, afinal a inserção da Educação Ambiental na disciplina pode estar relacionada com a representação construída por esses sobre o sentido de ensinar a história.

Ressalta-se a importância dos capítulos anteriores para o que aqui se apresenta. Para a análise é crucial compreender que a discussão ambiental e a Educação Ambiental não são tão recentes e que documentos e discussões teóricas referentes a essa questão já existem há décadas, como exposto no primeiro capítulo, assim como é de grande utilidade refletir sobre as representações de Natureza desses docentes, tema abordado no segundo capítulo.

Também é pretensão observar se as visões dos professores entrevistados podem ser categorizadas dentro das correntes de Educação Ambiental apresentadas por Lucie Sauvé em seu texto “Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental”².

Considerando que o capítulo inicial deste trabalho abordou o histórico da Educação Ambiental cabe aqui agora apresentar brevemente sobre essas diversas formas de pensar a EA que se construíram e hoje ainda persistem, chamadas por Sauvé de “correntes”.

No trabalho da autora é realizada uma divisão das correntes de Educação Ambiental em duas amplas categorias. Emerge a categoria das correntes “tradicionais” e a das correntes “recentes”. A primeira trata sobre as correntes de pensamento que, com “longa tradição”, já

¹ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

² SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Moura. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. São Paulo: Artmed, 2005.

marcam presença no campo. A segunda faz referência às que ainda estão crescendo e se estruturando, “recentes”.

Destaca-se que a sistematização dessas “correntes” se torna, segundo Lucie Sauvé, uma importante ferramenta para analisar a diversidade de propostas pedagógicas em EA e não uma categorização rígida que poderia destoar da realidade existente nesse campo. A seguir é apresentada um quadro que exhibe o “mapa” elaborado por Sauvé³ sobre as abordagens na Educação Ambiental.

Quadro 3: Correntes da Educação Ambiental baseado em Lucie Sauvé. Fonte: CORDOVIL, Wendell P. Machado, baseado em quadro de Lucie Sauvé. 2021.

CORRENTES MAIS TRADICIONAIS EM EA			
CORRENTE	CONCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE	OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	ENFOQUES DOMINANTES
Naturalista	Natureza	Reconstruir uma ligação com a Natureza.	Sensorial, Experiencial, Afetivo, Cognitivo, Criativo/Estético
Conservacionista/recursista	Recurso	Adotar comportamentos de conservação, desenvolver habilidades relativas à gestão ambiental.	Cognitivo, Pragmático
Corrente resolutiva	Problema	Desenvolver habilidades de resolução de problemas diagnóstico à ação.	Cognitivo, Pragmático
Corrente sistêmica	Sistema	Desenvolver o pensamento sistêmico: análise e síntese para uma visão global, compreender realidades ambientais, tendo em vista decisões apropriadas.	Cognitivo,
Corrente científica	Objeto de estudos	Adquirir conhecimentos em ciências ambientais,	Cognitivo, Experimental

³ SAUVÉ, Op. Cit.

		desenvolver habilidades relativas à experiência científica.	
Corrente humanista	Meio de vida	Conhecer seu meio de vida e conhecer-se melhor em relação a ele, desenvolver um sistema de pertença.	Sensorial, Cognitivo, Afetivo, Experimental, Criativo/Estético
Corrente moral/ética	Objeto de valores	Dar prova de ecocivismo, desenvolver um sistema ético.	Cognitivo, Afetivo, Moral
CORRENTES MAIS RECENTES EM EA			
CORRENTE	CONCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE	OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	ENFOQUES DOMINANTES
Corrente holística	Total, Todo, O Ser	Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” de mundo e um atuar participativo com o Meio Ambiente.	Holístico, Orgânico, Intuitivo, Criativo
Corrente biorregionalista	Lugar de pertença, projeto comunitário	Desenvolver competências em ecodesenvolvimento comunitário, local ou regional	Cognitivo, Afetivo, Experimental, Pragmático, Criativo
Corrente praxica	Ação/reflexão	Aprender em, para e pela ação, desenvolver competências de reflexão	Prático
Corrente crítica	Objeto de transformação, lugar de emancipação	Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa problemas.	Prático, Reflexiva, Dialogístico
Corrente feminista	Objeto de solicitude	Integrar os valores feministas à relação	Intuitivo, Afetivo, Simbólico, Espiritual,

		com o Meio Ambiente.	Criativo/Estético
Corrente etnográfica	Território, lugar de identidade, Natureza/Cultura	Reconhecer a estreita ligação entre Natureza e Cultura, aclarar sua própria cosmologia, valorizar a dimensão cultura de sua relação com o Meio Ambiente	Experimental, Intuitivo, Afetivo, Simbólico, Espiritual, Criativo/Estético
Corrente da eco- educação	Polo de interação para a formação pessoal, identidade	Experimentar o meio ambiente para experimentar-se e formar-se em e pelo Meio Ambiente.	Experimental, Sensorial, Intuitivo, Afetivo, Simbólico, Criativo
Corrente da sustentabilidade	Recursos para o desenvolvimento econômico, Recursos compartilhados	Promover um desenvolvimento econômico respeitoso dos aspectos sociais e do Meio Ambiente. Contribuir para esse desenvolvimento	Pragmático, Cognitivo

Como é possível notar, as concepções sobre Educação Ambiental são variadas. Suas formas de entender o Meio Ambiente estão relacionadas com os objetivos concebidos para a realização da EA. Da mesma forma, os objetivos estão diretamente ligados com a abordagem presente na execução de propostas em Educação Ambiental, os “enfoques dominantes”. As concepções de algumas correntes entram em desacordo com outras, se formam então “igrejinhas” pedagógicas que acreditam que suas noções são as mais corretas para educar, que possuem o melhor método e a melhor proposta⁴.

Umas visam conhecimentos mais concretos como objetivos para a Educação Ambiental, como é o caso da corrente “científica” que pretende desenvolver no educando conhecimentos de ciências ambientais e habilidades científicas. Outras correntes apresentam uma proposta mais espiritual em suas propostas, como é o caso da “feminista” que, inclusive, podemos notar seu processo de construção relacionado com os grupos neopagãos como o Wicca⁵.

⁴ SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Moura. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. São Paulo: Artmed, 2005, p 17-45.

⁵ RUSSEL, Jeffrey B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph. 2008.

Para aqueles que atuam no campo ambiental ou conhecem o histórico apresentado no primeiro capítulo é mais possível a escolha consciente por uma corrente de EA que, mais se adapte com suas representações de Natureza e Meio Ambiente. Por outro lado, aqueles que não possuem tanto conhecimento sobre a temática também podem ter suas representações sobre o próprio conceito de Educação Ambiental analisadas. A partir disso, é viável a realização de uma tentativa de categorização dessas representações já existentes com as correntes de EA.

4.1. “Porque é uma questão mesmo de sobrevivência” e outros sentidos e representações da EA na visão dos professores de Ananindeua

Com isso é possível analisar o cenário de Ananindeua no que diz respeito aos professores de História e suas representações sobre o conceito de EA, dessa forma permitindo a construção de formação continuada visando o endossamento ou propostas de substituição de concepções, bem como criação de materiais didáticos que informem sobre pontos que os professores desconhecem.

Também é necessário enfatizar a importância dessa proposta de análise em medida que ela permite a compreensão sobre como está ocorrendo a aplicação das legislações e documentos que apresentam a EA como obrigatória em todas as disciplinas. Da mesma forma que possibilita notar se os professores de História de Ananindeua possuem conhecimento sobre, e citam em suas entrevistas, tais Leis e documentos.

Para iniciar o trabalho com as fontes dentro dessa ótica é viável retomar o trecho destacado no início deste capítulo. Trata-se da fala da Professora E⁶ em determinado momento de sua entrevista. Na visão da docente é importante que os alunos sejam conscientizados de que “com a destruição todo mundo é afetado, todo mundo sofre”. Seria então papel da escola e de todas as disciplinas a realização desse processo de conscientização dos alunos.

A professora ainda enfatiza o grau de necessidade da discussão: “uma questão de sobrevivência”. Ainda acrescenta que se não existir preservação “vai acabar”, permitindo a compreensão de que sem preservação não existirão mais recursos utilizáveis. Esses recursos seriam provavelmente os elementos destacados pela Professora E como “Natureza”, ou seja,

⁶ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

“animal, vegetal, flora, fauna, mar”, como apresentado no segundo capítulo. O sentido da preservação parece estar na manutenção de recursos pensando exclusivamente nos humanos. Quando questionada sobre “O que você entende como Educação Ambiental?” a mesma professora afirmou que:

Conscientizar principalmente, já que tá na área educacional, os alunos de ter consciência de preservação, de Meio Ambiente, de manutenção. Até porque nosso futuro depende disso. Já tá bem degradado o Meio Ambiente. Então o que puder fazer para preservar e tentar reestabelecer pra não haver o esgotamento. Então a educação é pra isso, pra falar de conscientização mesmo pros alunos.⁷

Por “consciência de preservação” se pode notar semelhança com o primeiro objetivo da EA apresentado na Carta de Belgrado, a Tomada de consciência. No entanto, a representação construída pela Professora E sobre o conceito de Educação Ambiental parece diferir, considerando as fontes adquiridas a partir da entrevista, da visão apresentada no documento de Belgrado. O documento reconhece como meta da ação ambiental “Melhorar todas as relações ecológicas, incluindo a relação da humanidade com a natureza e das pessoas entre si”, o que está diretamente ligado aos objetivos da EA presentes no mesmo documento, e expostos no primeiro capítulo deste trabalho.

Ou seja, a Carta de Belgrado reconhece a interação e dependência dos diversos elementos ecológicos como foco de ação e, necessariamente, expõe a importância da manutenção do Meio Ambiente para não humanos, humanos, Natureza e também para a melhoria nas relações dos humanos com sua própria espécie. A docente, por outro lado, parece reconhecer apenas os humanos como o elemento que dá sentido para a “preservação”, afinal “tá destruindo tudo”. Esse “tudo” emerge para se referir aos recursos que devem estar disponíveis para o usufruto humano.

A “questão de sobrevivência” na fala da professora toma uma visão antropocêntrica que parece desconsiderar a importância da preservação das outras espécies e da manutenção da biodiversidade. Então é possível compreender, a partir das fontes apresentadas, que a visão da Professora E toma a Educação Ambiental como uma prática de ensino que visa conscientizar os alunos sobre a iminência do esgotamento de recursos e, a partir disso, iniciar um processo de preservação utilitária.

⁷Ibidem.

É possível então categorizar a representação dessa docente como mais próximo da visão presente na corrente de EA intitulada de “Conservacionista/recursista”. Lucie Sauvé afirma que dentro dessa corrente a conservação é pensada como “gestão ambiental” e alerta, utilizando o trabalho de Wolfgang Sachs, que ao olhar para determinado ser ou elemento como recurso só se reconhece o cumprimento de seu sentido quando esse é transformado em algo útil para o observador⁸. Isso quer dizer que essa visão não conseguiria entender o sentido de determinado elemento na existência dele mesmo. Para dar sentido a uma árvore seria necessário perceber que ela poderia ser transformada em madeira para construção de barcos ou utilizada como lenha para manter o crepitar de uma fogueira.

Outra docente que parece seguir um pensamento semelhante ao da Professora E é a Professora D. No capítulo anterior foi comentado sobre a visão Naturalista do conceito de Natureza dessa professora. Dialogando as fontes que já foram apresentadas com as que agora são expostas é possível caracterizar a representação sobre o conceito de Educação Ambiental da Professora D como “Conservacionista/recursista”. Em sua definição de EA apresenta que “Educação ambiental envolve a construção de valores visando a conservação e preservação da natureza para usufruirmos dela de forma sustentável e com qualidade de vida”⁹.

A professora então entende um caráter de “construção de valores” da Educação Ambiental. Tais valores seriam, em sua visão, direcionados para a gestão de recursos que permitam a melhor maneira de utilizá-los garantindo a qualidade de vida humana. Baseando-se nas fontes colhidas com a Professora D nota-se que o termo “sustentável” é aplicado em sua fala mais com uma noção de manter os elementos necessários para a vida dos humanos – que na fala da docente são referidos ora como “homem” ora como “seres humanos” - e não em uma sustentabilidade ecológica no geral.

Ao se deparar com o termo em questão, no primeiro momento é de se questionar sobre a possibilidade da representação de EA dessa docente ser categorizada dentro da corrente da “Sustentabilidade”. No entanto é de se considerar que:

Segundo os partidários desta corrente, a educação ambiental estaria limitada a um enfoque naturalista e não integraria as preocupações sociais e, em particular, as

⁸ SAUVÉ, Lucie. Op. cit. p. 21,

⁹Entrevista realizada, por documento de texto via email, em agosto de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental João XXIII, localizada na BR-316 Km 7, Ananindeua (PA).

considerações econômicas no tratamento das problemáticas ambientais. A educação para o desenvolvimento sustentável permitiria atenuar esta carência.¹⁰

Já que em suas falas a Professora D não apresenta uma representação de que insira a humanidade como parte da Natureza e como sua descrição de Educação Ambiental não enfatiza nada sobre pesquisa científica e desenvolvimento de tecnologias visando práticas que causem menos danos ao equilíbrio ecológico, mas apenas comenta sobre a importância de “preservar” para “usufruímos”, parece mais adequado compreender a localização de sua representação de EA como “Conservacionista/recursista”. Também é de se notar que o fim de sua fala que destaca a “qualidade de vida” não parece ser suficiente para entender sua visão como integradora das “preocupações sociais”, que é proposta daqueles que defendem a corrente da “Sustentabilidade”.

Do mesmo modo que acontece com as duas docentes citadas anteriormente, o Professor C também teve sua representação do conceito de EA identificada como mais conectada com a corrente “Conservacionista/recursista”. Ao responder, de forma escrita, o que entendia como Educação Ambiental o professor afirma que:

São os processos pelos quais o Homem e a sua comunidade estão a construir valores sociais, conhecimento e habilidades e atitudes voltadas para a manutenção da qualidade de vida, para que haja assim a preservação do meio ambiente, fundamentais para a qualidade de vida na terra.¹¹

A partir de um diálogo dessa fonte com a exposta no capítulo anterior, que permitiu identificar a representação “Naturalista” da visão de Natureza desse docente, é evidente o caráter “Conservacionista/recursista” de sua representação do conceito de Educação Ambiental. O objetivo da formação em EA seria a construção de “conhecimentos, habilidades e atitudes” que viabilizassem a manutenção da qualidade de vida humana, o que significaria, segundo o que é apresentado na escrita do Professor C, a preservação do Meio Ambiente.

Além desses docentes, outros dois entrevistados também tiveram suas descrições sobre o conceito em questão caracterizadas como próxima dessa corrente. Foram esses o Professor B e a Professora K. Quando indagado sobre o que entendiam como Educação Ambiental, o docente inicia dizendo que:

Eu acho que a Educação Ambiental não tá fechada na escola, né? Eu acho que a Educação Ambiental se dá em práticas de formação e de conscientização para preservação do meio ambiente e para cuidado do meio ambiente, mas não

¹⁰SAUVÉ, Lucie. Op. cit. p. 37.

¹¹Entrevista realizada por documento de texto via e-mail em abril de 2020 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

necessariamente dentro dos espaços escolares. A gente tem que verificar como que estão as parcerias dos poderes públicos de fazer a conscientização dos cuidados com o meio ambiente, dos cuidados com o lixo, mas não necessariamente dentro da escola. A escola ela é fundamental nesse processo...¹²

Nesse primeiro momento de sua resposta o professor se preocupa em enfatizar que a EA se trata de “práticas de formação” que não devem ser realizadas apenas dentro do espaço escolar. Destaca a importância dos “poderes públicos” na efetivação da Educação Ambiental. O objetivo seria conscientizar sobre os “cuidados com o meio ambiente” e com o “lixo”. Após ressaltar novamente que não é apenas na escola que se deve fazer EA, o professor também declara que a escola é “fundamental”. Nesse momento da fala o docente teve dificuldades em continuar argumentando. Com isso, interrompeu a verbalização da resposta e perguntou “Até esqueci, qual era a pergunta?”, mas após ouvir a repetição do questionamento o Professor B terminou dizendo “Pois é. Eu acredito que, eu não sou muito conhecedor do assunto, mas ao meu ver são os trabalhos de conscientização e de conhecimento a respeito da preservação ambiental, enfim, cuidados com o lixo...”¹³.

A partir dessas fontes e do comentário de Lucie Sauvé que, quando explica sobre a visão “Conservacionista/recursista, afirma essa corrente como associada com propostas de Educação Ambiental focadas na gestão da água, do lixo e da energia¹⁴ é perceptível uma proximidade da visão de EA desse professor com a corrente em questão¹⁵. No entanto, a visão de Meio Ambiente como recurso a serviço da humanidade não aparece de forma acentuada como nos docentes anteriores.

Por outro lado, na fala da Professora K fica mais possível perceber esse destaque para um Meio Ambiente ganhador de sentido apenas quando está a serviço dos animais humanos. Em sua argumentação sobre o que entende como Educação Ambiental inicia explicando que:

Eu entendo como as crianças serem levadas a compreender ela estar vivendo nesse meio e a necessidade de preservá-lo. Não é pra preservar necessariamente os

¹²Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

¹³Ibidem.

¹⁴SAUVÉ, Lucie. Op. Cit. p. 20.

¹⁵Sobre a ênfase dada pelo professor na questão do tratamento do lixo também é de se mencionar que a concepção predominante de alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas do município de Ananindeua sobre Educação Ambiental está relacionada com o tratamento do lixo. Ver: CORDOVIL, Wendell P. Machado; KETTLE, Wesley Oliveira. As concepções dos alunos do Ensino Básico sobre Educação Ambiental e sua relação com a disciplina de História. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria de Sousa. (Org.). Aprendendo História: Diálogos Transversais. 1ed.União da Vitória: Sobre Ontens, 2019, v. 1, p. 445-454.

animais, mas a relação dela com o meio porque ela precisa da Natureza. Sem a Natureza nós não podemos sobreviver.¹⁶

Reconhece a EA como um processo de ensino que leva as “crianças” a compreender a necessidade de preservar o meio em que ela está vivendo. A docente se preocupa em enfatizar que a preservação não é necessariamente dos “animais”, realizando nesse momento uma separação consciente entre humanos e os outros animais. A preservação seria para a Professora K a preservação de uma boa relação com o “meio” porque as crianças precisam da Natureza, utilizando nesse momento “Natureza” como palavra associada de “meio”. A questão da necessidade de preservação por conta da sobrevivência humana aparece novamente.

Depois de afirmar que sem a “Natureza” não iremos sobreviver a entrevistada descreve o que tem de ser feito:

Então a gente tem que levar nossos alunos a compreender esse uso da Natureza de uma maneira sustentável, pra poder deixar para gerações futuras. Porque é o que tá acontecendo, as pessoas estão explorando demais e o Meio Ambiente está sendo devastado, não só aqui como em todas as partes. Então fazer com que as crianças entendam que esse uso deve ser feito de uma maneira mais que sustentável.¹⁷

Novamente aparece um termo que em um primeiro momento poderia levar a categorizar a representação da docente como na corrente da “Sustentabilidade”, mas nesse caso também ocorre como com a Professora D. O termo não é suficiente, pois é de se notar o caráter recursista da preservação pensada pela docente. A Natureza deve então ter seu “uso” controlado para conseguir servir por mais tempo como recurso da humanidade. As outras espécies animais aparecem como sujeitos que podem ou não ser preservadas - o que deixa evidente que a manutenção de recursos não é pensada com objetivo de um equilíbrio ecológico, mas do não esgotamento de um estoque utilitário unicamente aos humanos.

Diferente dos docentes destacados anteriormente, o Professor I não teve sua representação sobre o conceito de Educação Ambiental reconhecida como mais próxima da corrente “Conservacionista/recursista”. A partir da reflexão sobre as fontes adquiridas em entrevista com o professor foi entendido que sua forma de representar a EA está mais aproximada da corrente “Resolutiva”. Em sua argumentação o Professor I comentou que:

Educação Ambiental eu vejo como aquilo que faz com que você compreenda a sua relação com o ambiente. Eu vejo mais ou menos dessa forma. Digamos assim, é uma

¹⁶Entrevista realizada em maio de 2018, com a docente da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Regina Coeli, localizada no bairro do Maguari em Ananindeua (PA).

¹⁷ Ibidem.

forma de aprendizado, de fato, que estabelece uma relação entre você e o espaço em que você vive. Então essa Educação Ambiental não necessariamente, eu não tô querendo dizer aqui que você tem que aprender como preservar a Natureza, e tal e tudo, não é só disso que eu tô falando.¹⁸

Nesse primeiro trecho da fonte a perspectiva que aparentemente seria apresentada pelo docente era mais aproximada da “Naturalista” com foco em uma conexão com a Natureza, nas palavras de Sauvé “centrada na relação com a natureza” e apresentando um enfoque educativo que “pode ser cognitivo (aprender com coisas sobre a natureza), experi ncial (viver na natureza e aprender com ela), afetivo, espiritual ou artístico (associando a criatividade humana   da natureza)”¹⁹. Porém, quando se observa a continuação do pensamento do docente essa hipótese aparentemente enfraquece:

Eu falo na verdade assim, quando você se relaciona com o espaço em que você vive num dado momento, por alguma razão, o cara vai precisar derrubar uma  rvore. Mas dependendo da relação que ele tiver com esse espaço que ele vive ele, por exemplo, ele vai ter a consciência que se ele derrubar essa árvore ele pode ter uma série de problemas mais na frente. Então se ele derrubar uma ele pode ter a consciência de plantar duas, três, sei lá quantas mais forem necessárias, entendeu? Então acho que essa relação   mais ou menos por aí.²⁰

Com isso, no segundo momento da fonte   de se notar que o fim do trecho anterior, que enfatiza que Educação Ambiental não é apenas sobre aprender a preservar a Natureza, não se referia a construir uma conexão entre humanos e Natureza com o reconhecimento do sujeito humano como pertencente a essa mesma Natureza. Sua perspectiva está mais relacionada com uma dinâmica de construção de relação em que o humano que interage com o “espaço em que você vive” saiba calcular e resolver os problemas que possam emergir a partir das interferências nesse “espaço”.

O exemplo que o Professor I menciona é o de que em determinado momento será necessariamente preciso que “o cara” realize a derrubada de uma  rvore. A partir disso esse sujeito teria que possuir a capacidade de perceber os prováveis prejuízos que seriam causados em decorrência dessa derrubada. Com a “consciência” dos “problemas mais na frente” o sujeito deveria então ser capaz de solucionar esses problemas. No exemplo da árvore, exposto pelo professor, a resolução dos problemas iminentes seria “plantar duas, três, sei lá quantas mais forem necessárias”.

¹⁸ Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, localizada na Cidade Nova VIII, em Ananindeua (PA).

¹⁹ SAUVÉ, Lucie. Op. Cit. p. 18-19.

²⁰ Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, localizada na Cidade Nova VIII, em Ananindeua (PA).

Na descrição de Lucie Sauvé essa corrente tem frequentes relações com a “Conservacionista/recursista”, mas seu foco está na informação sobre os problemas ambientais e no desenvolvimentos de habilidades para a solução de tais problemas. Na fala do docente não é possível identificar uma noção de “problemas ambientais” que incluam demais problemas sociais, mas Sauvé destaca que em algumas proposições da corrente “Resolutiva” esse elemento também está presente na reflexão.

Outra corrente em que a representação dos professores foi categorizada como próxima foi a “Humanista”. Três docentes tiveram suas falas identificadas como relacionadas com essa perspectiva de Educação Ambiental. O , por exemplo, enfatizou o “ser humano” como um dos objetivos da preservação da EA. Relacionando sua representação de Natureza que reconhece os humanos como parte dela, que foi apresentada no capítulo anterior, com a fonte apresentada a seguir é de se reconhecer aproximação de sua visão com a proposta “Humanista”. Mesmo com a pouca argumentação realizada pelo docente para responder o questionamento, a localização do Professor L com a corrente “Humanista” se sustenta com o diálogo entre as fontes. O professor afirma “Eu entendo que Educação Ambiental é uma educação pra levar o nosso aluno a compreender o ambiente que ele vive e viver bem nele né? Preservando o espaço, os animais e o próprio ser humano”²¹.

Em outras falas a identificação com a corrente humanista é mais evidente, como é o caso da Professora J. Ao iniciar sua fala se preocupa em enfatizar sua especialização em Patrimônio Cultural que, segundo a fala da professora, influencia na forma que compreende o Meio Ambiente e em consequência a Educação Ambientação:

É meio suspeito eu falar um pouco sobre Educação Ambiental porque eu trabalho com isso e eu sou especialista em Patrimônio Cultural. Então o Meio Ambiente pra mim é tanto o natural quanto o modificado pelo homem. Então Meio Ambiente, Educação Ambiental em geral, é tratar sobre o espaço em que o homem vive e as alterações que esse espaço sofre em decorrência ou não da ação do homem.²²

Sua definição se considera possuidora de uma representação menos frequente sobre Educação Ambiental e Meio Ambiente. A diferença seria reconhecer como Meio Ambiente tanto o “natural quanto o modificado pelo homem”. Com isso, a Professora J afirma que a Educação Ambiental trata sobre o espaço em que o “homem” vive e as alterações sofridas por

²¹ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Escola que se localiza na BR 316, Km 8, Ananindeua(PA).

²² Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA). Duas professoras dessa escola foram entrevistadas.

esse espaço. Ressalta ainda que essas alterações podem ou não serem provocadas pelo “homem”. O ambiente a ser trabalhado pela EA seria então para essa professora tanto florestas e suas flores quanto as cidades e seus monumentos. As florestas poderiam até mesmo ganhar, na visão da professora, título de monumento considerando a ênfase em sua especialização em Patrimônio Cultural.

Afinal, no mesmo cenário de efervescência das questões ambientais na década de 1970, que foi descrito no primeiro capítulo, se aprofunda no campo de Patrimônio a discussão a respeito da presença do “ambiente como cenário natural ou construído pela ação humana”²³ no conjunto dos patrimônios históricos. Na chamada Carta de Nairobi, documento de 1976 direcionado a salvaguarda de conjuntos históricos patrimoniais, uma tentativa de aproximação entre Cultura e Natureza aparece em destaques como o que trata dos “enquadramentos dos conjuntos históricos” que leva em consideração “o meio envolvente, natural ou construído, que influencia a percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou que a eles se associa, por relações espaciais directas ou por laços sociais, econômicos ou culturais”²⁴.

Percepções como essa no campo patrimonial, e focos do próprio campo do Patrimônio Ambiental, podem realmente ter influenciado na construção cognitiva da representação de Educação Ambiental, e de Meio Ambiente, da Professora J. Uma formação que talvez tenha ajudado a transformar a leitura de mundo da docente – o que enfatiza a importância de materiais de formação continuada para professores - que gerou a aproximação de sua representação da corrente “Humanista”.

É importante se destacar o que Lucie Sauvé apresenta sobre essa corrente:

Esta corrente dá ênfase à dimensão humana do meio ambiente, construído no cruzamento da natureza e da cultura. O ambiente não é somente apreendido como um conjunto de elementos biofísicos, que basta ser abordado com objetividade e rigor para ser melhor compreendido, para interagir melhor. Corresponde a um meio de vida, com suas dimensões históricas, culturais, políticas, econômicas, estéticas, etc. Não pode ser abordado sem se levar em conta sua significação, seu valor simbólico. O “patrimônio” não é somente natural, é igualmente cultural: as construções e os ordenamentos humanos são testemunhos da aliança entre a criação humana e os materiais e as possibilidades da natureza. A arquitetura, entre outros

²³ PELEGRINI, Sandra CA. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista brasileira de história**, 2006, v. 26, n. 51, p. 123.

²⁴ UNESCO, Nairobi (Quênia). **Recomendação sobre a salvaguarda dos conjuntos históricos e da sua função na vida contemporânea**. 1976, p. 2. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/> Acesso em 08/03/2021.

elementos, se encontra no centro desta interação. O meio ambiente é também o da cidade, da praça pública, dos jardins cultivados, etc.²⁵

Uma caracterização da Educação Ambiental que também pode ser identificada dentro dessa corrente é a encontrada nas respostas da Professora M. Quando argumenta sobre o que entende como EA, a docente começa afirmando que acredita em uma Educação Ambiental que se preocupe em ter focos pensados para as diferentes faixas etárias. Em seguida inicia a tratar sobre sua definição:

Conseguir fazer com que os alunos tenham a noção de que eles estão inseridos no Meio Ambiente. Então Educação Ambiental, pra mim, hoje, dentro das escolas, seria na verdade deixar bem claro, deixar esses alunos conscientes do trabalho deles dentro do Meio Ambiente em que vivem. Qualquer Meio Ambiente.²⁶

Quando a Professora M fala de “qualquer Meio Ambiente” também amplia sua visão para inserir o espaço urbano e o próprio espaço escolar como Meio Ambiente. Ao continuar sua resposta a docente expõe justamente o exemplo do ambiente da escola. Afirmando que o espaço é “bem abrangente” defende que esse deveria ser também um espaço de “Educação Ambiental” e poderia estar “mais bem cuidado”. No entanto, a professora reconhece que por conta de os alunos não se sentirem parte desse ambiente “que rodeia eles” não mantém cuidado por ele e acabam o “deteriorando”.

Preocupa-se também em apresentar a escola como “um espaço bonito” que é possuidor de “muita área verde” no qual, segundo a docente, os alunos não têm um contato muito próximo. Cita também a existência de dois cães que são descritos como “cachorros da escola” que são mantidos com o objetivo de “sensibilizar os alunos com relação ao respeito à vida, ao Meio Ambiente, a vida animal, que todos têm importância, todos têm o seu papel, o seu componente”²⁷. Também se preocupa em citar “outra coisa muito interessante aqui da nossa escola” que é a “grande quantidade de pássaros” que nascem, criam ninhinhos e geram outros pássaros entre as árvores do ambiente da escola.

A docente comenta, como foi exposto também no capítulo anterior, que os professores de Biologia têm sensibilizado para a reconstrução de uma sensibilidade entre humanidade e “Meio Ambiente [...] que ele é parte”. Termina dizendo que:

²⁵ SAUVÉ, Lucie. Op. Cit. p. 25.

²⁶ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com professora de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (Pará).

²⁷ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com professora de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (Pará).

Eu acho que Educação Ambiental deveria focar nisso hoje. Conseguir fazer com que o ser humano volte, consiga se colocar dentro do Meio Ambiente em que ele vive, que ele tenha condições de realmente ver ‘olha eu sou parte disso’. Seja onde ele esteja, a escola... Sabe? [...] Eu até brinco com meus alunos, eu digo assim ‘Olha a gente, nós todos, somos animais. Animais conscientes do que fazemos, mas somos animais, né? A gente tem mais responsabilidade do que os demais animais’.²⁸

É possível perceber que o ambiente escolar, considerando todas as espécies que convivem no espaço, desempenha papel na construção da representação sobre Educação Ambiental da Professora. No entanto, não parece ser definidor para as formas de pensar a EA dos professores entrevistados, pois o ambiente em que o Professor C ministra aulas é bastante semelhante ao da Professora M. As duas escolas são localizadas em amplos espaços com bastante área verde, pássaros e outras espécies de animais circulando no ambiente, de formigas e abelhas a calangos. É possível que o envolvimento da escola com projetos de Educação Ambiental envolvendo toda a comunidade escolar também ajude na construção da perspectiva da Professora M.

A escola na qual a docente leciona possuía projetos de EA como coleta seletiva e horta. Segundo a professora, o projeto de coleta funcionou por algum tempo, mas depois ocorreram complicações com o grupo de coletores que recolhiam o material separado. Por conta disso o programa de coleta, que visava conscientizar na prática os alunos sobre a importância da reciclagem, não continuou. O espaço que servia para armazenamento do material separado foi transformado em depósito de cadeiras quebradas, como pode ser observado na Imagem 1. Já o projeto de horta mantinha uma professora específica para tratar sobre os cuidados e importância do cultivo de alimentos orgânicos. Mas por conta do corte de recursos da Secretaria da Educação, segundo a professora, não foi mais possível investir na proposta. A educadora que trabalhava no projeto teve de ser dispensada e depois que os alunos retornaram de férias a horta tinha sofrido uma infestação de caracóis. No período em que a entrevista foi realizada os alunos e professores estavam tentando continuar com a horta, que pode ser observada nas imagens 2 e 3, utilizando seus próprios recursos financeiros.

²⁸ Ibidem.



Imagem 1: Local que servia para armazenar os resíduos para coleta seletiva na Escola Estadual Dr. Agostinho Monteiro, mas que se transformou em depósito de cadeiras quebradas. Fonte: CORDOVIL, Wendell P. Machado. 2016.



Imagem 2: Cobertura improvisada para a horta na Escola Estadual Dr. Agostinho Monteiro. Fonte: CORDOVIL, Wendell P. Machado. 2016.



Imagem 3: Cultivo de abacaxis na horta da Escola Estadual Dr. Agostinho Monteiro. Fonte: CORDOVIL, Wendell P. Machado. 2016.

Como pode ser observado na Imagem 1 o local que era usado para armazenar o lixo separado, uma pequena área coberta e colorida com as cores que remetem ao sistema de cores da reciclagem (vermelho para plástico, verde para vidro, azul para papel e amarelo para metal), foi transformado em depósito para cadeiras que não são mais usadas e o projeto não teve continuação. Na área também se encontravam cestos de lixo e baldes quebrados, o que indica que o espaço estava funcionando como recipiente de materiais supostamente sem valor, lixo que não seria reciclado.

A Imagem 2 mostra o interesse de alunos e professores na manutenção da pequena horta escolar. O esforço de construir uma proteção contra a chuva forte em áreas que estavam produzindo alimentos. É possível observar os resultados desses cuidados na imagem 3, que exibe alguns abacaxis cultivados pela comunidade escolar. É visível certo esforço em manter alguns projetos e a aparente impossibilidade na continuidade de outros.

O interesse da escola por projetos com essas perspectivas parecem influenciar na representação que a Professora M. Destaca-se também a participação que a escola teve na revisão do Programa Estadual de Educação Ambiental (PEAM) no ano de 2008. Uma das noções apresentadas pelo programa é a “Humanista”, mas também em uma abordagem de

gestão ambiental e socioambiental²⁹. O PEAM apresenta uma visão mais ampla que a da docente, já que trata sobre uma ótica

[...] ecológica, social, ética, cultural, econômica, espacial e política – e o desenvolvimento sustentável comprometido com os anseios dos agentes locais e com a ampla participação social na preservação, proteção, recuperação e controle do uso dos recursos ambientais; na valorização e preservação dos conhecimentos tradicionais e da diversidade cultural local.³⁰

Mesmo que a argumentação da Professora M não seja tão ampla quanto a presente no Programa Estadual de Educação Ambiental consegue ser bastante bem elaborada. Diferente de outros entrevistados, a docente não teve dificuldades para realizar a verbalização sobre suas compreensões a respeito do conceito de Educação Ambiental. Com uma fala muito fluida e consideravelmente bem organizada não foi perceptível inexperiência para elaborar respostas dentro da temática, algo que é notável em entrevistas como, por exemplo, a da Professora J, que mesmo com a sua experiência no campo de Patrimônio Cultural, com possível contato com a temática ambiental, teve dificuldades para expressar suas compreensões.

A Professora M, como já foi possível observar, reconhece tanto “florestas, rios” quanto as ruas e os próprios espaços escolares como ambientes que devem ser de preocupação da Educação Ambiental. Preocupa-se ainda em enfatizar que fala para seus alunos que todos somos “Animais conscientes do que fazemos, mas somos animais”. Na visão da docente a EA toma caráter de conscientizar os animais humanos sobre o seu pertencimento ao Meio Ambiente em que vivem para a preservação de um equilíbrio entre todas as espécies, pois segundo a professora “todos têm sua importância, todos têm o seu papel”.

Com uma argumentação diferente e levantando outros pontos, a Professora H teve sua representação sobre o conceito de EA identificado como mais conectado a outra corrente apresentada por Lucie Sauvé. No primeiro momento a fala da Professora H se diferencia de falas como a da Professora M, afinal não descreve a Educação Ambiental como um processo educativo, mas como algo intrínseco do indivíduo. A docente afirma que:

Educação Ambiental é o seu dia a dia.    o que você vive, o que você trabalha, o que você respira. Se você é uma pessoa m   educada ambientalmente, a sua relação com o meio é muito difícil de você... Quer ver uma coisa?   leo de cozinha! Quão pernicioso ele é pro Meio Ambiente?³¹

²⁹ Sobre esse conceito mais ainda será abordado nesse t  pico.

³⁰ PARÁ – Secretaria de Estado de Meio Ambiente. Programa Estadual de Educação Ambiental: diretrizes e políticas. 2 ed. Belém: SEMA, 2008, p. 21.

³¹ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com docente de H  st  ria da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, em Ananindeua (PA).

Ressaltando que a forma cotidiana de lidar com o ambiente que está ao redor do sujeito – lembrando que a representação de Natureza da professora é o “Meio Ambiente Humano” - e o próprio respirar é Educação Ambiental, a docente parece afirmar que o conceito faz referência ao ser do próprio sujeito. Com o trecho da fonte destacada é possível entender que na visão da professora o interior do próprio sujeito define se ele é ou não uma pessoa “má educada ambientalmente”.

No entanto, após uma mudança de raciocínio realizada pela Professora H, que inicia a falar sobre uma prática que considera má educação ambiental, é possível realizar uma aproximação de sua representação da corrente “Moral/Ética” da Educação Ambiental. Quando termina o seu exemplo do descarte incorreto do óleo de cozinha, a docente revela que uma “formação” em Educação Ambiental não nasceria apenas de forma interior no indivíduo. Em sua fala aparece:

E como você descarta esse óleo de cozinha? No ralo lá e acabou. Então se você não tem esse cuidado como é que se faz? Então essa Educação Ambiental é de berço mesmo, é de família. É uma formação mesmo de família. Agora se essa família não tem essa consciência fica difícil.³²

Ou seja, a Educação Ambiental “que você respira” não nasceria espontaneamente no interior do sujeito. Uma instituição formadora é destacada pela docente como a maior responsável pela boa ou má Educação Ambiental de cada pessoa. Essa instituição, como pode ser visto na fonte, é a família. Categoricamente a Professora H define que a Educação Ambiental “é de berço mesmo”. Seria então uma responsabilidade da família. Por conta disso seria um problema se a família não fosse possuidora de uma “consciência” referente a uma boa educação direcionado ao Meio Ambiente. A Educação Ambiental seria então o processo de desenvolvimento de uma moral e uma ética que o indivíduo “respira” no “dia a dia”. Uma visão consideravelmente próxima do que Lucie Sauvé descreve da corrente “Moral/ética”:

Muitos educadores consideram que o fundamento da relação com o meio ambiente é de ordem ética: é, pois, neste nível que se deve intervir de maneira prioritária. O atuar se baseia num conjunto de valores, mais ou menos conscientes e coerentes entre eles. Assim, diversas proposições de educação ambiental dão ênfase ao desenvolvimento dos valores ambientais. Alguns convidam para a adoção de uma “moral” ambiental, prescrevendo um código de comportamentos socialmente desejáveis (como os que o ecocivismo propõe); mas, mais fundamentalmente ainda, pode se tratar de desenvolver uma verdadeira “competência ética”, e de construir seu próprio sistema de valores.³³

No entanto é curioso o fato de a mesma professora ter apontado que “todas” as disciplinas deveriam se importar com o Meio Ambiente, como expostos no quadro do

³² Ibidem.

³³ SAUVÉ, Lucie. Op. Cit. p. 26.

segundo capítulo, “porque o homem faz parte desse meio, se ele não preserva, se ele não trabalha esse Meio Ambiente nas várias habilidades de todas as disciplinas, então como você tá fazendo uma formação educacional com esse aluno?”³⁴. Afinal, a docente aponta como única e a maior responsável para essa formação a família do determinado sujeito.

Uma contradição que se torna mais interessante por conta de a Professora H não ter realizado pausas para refletir sobre os questionamentos, como ocorreu com outros professores, o que exibía uma imagem aparente de que a docente já havia refletido sobre o tema e havia construído suas representações após essas reflexões anteriores. Isso indicaria, possivelmente, coerência em sua compreensão sobre a questão da Educação Ambiental, mas existe certo conflito entre as ideias expostas.

Diferente da Professora H, dois professores acreditam que a Educação Ambiental é uma formação para além da família, assim como seu objetivo ultrapassa “apenas a preservação do Meio Ambiente”. Nas respostas desses docentes emerge mais enfaticamente uma crítica aos problemas sociais econômicos, relacionando-os com a questão ambiental.

A partir da análise das fontes recolhidas é possível compreender que os dois professores em questão possuem representações sobre o conceito de EA que podem ser caracterizadas como pertencentes à mesma corrente. Esta seria a corrente “Crítica”. Nas palavras de Lucie Sauvé:

Esta corrente insiste, essencialmente, na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais: análise de intenções, de posições, de argumentos, de valores explícitos e implícitos, de decisões e de ações dos diferentes protagonistas de uma situação. Existe coerência entre os fundamentos anunciados e os projetos empreendidos? Há ruptura entre a palavra e a ação? Em particular, as relações de poder são identificadas e denunciadas: quem decide o quê? Para quem? Por quê? Como a relação com o ambiente se submete ao jogo dos valores dominantes?³⁵

Na perspectiva dessa corrente emerge então uma crítica aos problemas sociais como totalmente relacionados às problemáticas ambientais. Essa abordagem crítica apresenta necessariamente um pressuposto político que “aponta para a transformação de realidades”³⁶. Tal pressuposto está inserido nas representações de Educação Ambiental do Professor F e do Professor N. Ambos possuem em seus discursos certo grau de crítica a “sociedade capitalista”. No caso do Professor N, uma aversão a esse modelo de sociedade.

³⁴ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, em Ananindeua (PA).

³⁵ SAUVÉ, Lucie. Op. Cit. p. 30.

³⁶ Ibidem. p. 31.

É de se reconhecer também que essa corrente rejeita os “preceitos liberais clássicos” que seriam o do individualismo e da concorrência e realmente apresenta aversão ao modelo “capitalista”. As propostas teóricas da Educação Ambiental crítica na maioria das vezes possuem uma expectativa direcionada ao alcance de uma sociedade socialista de bases marxistas³⁷. Com isso usam autores e conceitos influenciados por essa corrente de pensamento na construção de suas teorias e práticas, Paulo Freire é um exemplo de autor que frequentemente é utilizado³⁸.

Observa-se a conexão com a corrente “Crítica” quando o Professor F responde que:

Olha a Educação Ambiental é um conceito recente, né? É um conceito que tem ganhado um grande impulso principalmente já a partir da década de 90 pra cá, né? Quando as disciplinas de um modo geral, vão passar a ser vistas dentro daquilo que nós denominamos de interdisciplinaridade. [...] Então a Educação Ambiental, no meu entender, ela vem contribuir bastante para que o aluno respeite, não apenas a preservação do meio ambiente, mas a preservação da relação com o outro. As relações dos valores, tipo amizade, a família, elas estão todas inclusas dentro do Meio Ambiente. Conforme o Leonardo Boff, que é um teórico, um dos grandes estudiosos dentro dessa área do Meio Ambiente, da Educação Ambiental [...] ³⁹

A partir da primeira frase apresentada na fonte é importante ressaltar que o primeiro capítulo deste trabalho esteve direcionado a levar à reflexão sobre a ideia de que Educação Ambiental é “um conceito recente”, pois há décadas já está em discussão. Em um segundo momento se pode notar que esse foi o único docente que citou algum teórico para sustentar sua visão de Educação Ambiental, demonstrando certo conhecimento da temática⁴⁰. O Professor F relaciona a Educação Ambiental com o suposto emergir da interdisciplinaridade. Como comentado no primeiro capítulo, realmente são conceitos que se constroem de forma relacionada, mas desde pelo menos a década de 1970 e não de 1990 como o docente menciona.

Quando explicita sua forma de compreender a EA ressalta que ela deve se preocupar em construir respeito pela preservação da “relação com o outro” além da “preservação do

³⁷ LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, 2012, v. 7, n. 14, p. 388-411.

³⁸ COSTA, César Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica. *Revista Katálisis*, 2017, v. 20, n. 1, p. 111-121.

³⁹ Entrevista realizada em abril de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Manoel Saturnino de Andrade Favacho, localizada no Conjunto PAAR em Ananindeua (PA).

⁴⁰ Deve constar que no dia em que esse professor marcou sua entrevista solicitou um breve diálogo sobre a temática que seria abordada. É possível que tenha se interessado pelo tema e pesquisado antes da efetiva realização da entrevista, que ocorreu dias depois. Isso seria sinal de que a pesquisa em si já conseguiu despertar interesse nos docentes que participaram.

Meio Ambiente”. A Educação Ambiental deve também, na visão do Professor F, se focar na preservação de valores como “amizade” e “família” que estão “dentro do Meio Ambiente”. Para dar mais embasamento em sua perspectiva, o docente cita o filósofo e escritor Leonardo Boff. Esse pensador é um dos principais nomes da chamada “Teologia da Libertação”, movimento que se denomina católico⁴¹ e utiliza conceitos cristãos com a lógica do pensamento socialista marxista como chave de leitura para tais⁴². A Teologia da Libertação possui relação com o campo da Educação Ambiental “Crítica” de visão marxista, como é evidenciada por Carlos Walter Porto-Gonçalves:

Muito embora correntes hegemônicas da esquerda marxista tivessem, de início, criticado o ecologismo, o fato é que diferentes movimentos sociais, sobretudo na América Latina, começaram a assimilar a questão ambiental à sua agenda política. Junto com esses movimentos se desenvolveram importantes correntes teórico-políticas no campo ambiental: a “ecologia popular”, o “ecologismo dos pobres” e o eco-socialismo - onde se destacaram intelectuais como o líder seringueiro Chico Mendes, assim como o epistemólogo mexicano Enrique Leff, o economista catalão Joan Martínez Alier que tem fortes ligações com movimentos sociais latino-americanos, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, o biólogo e antropólogo mexicano Victor Toledo, o sociólogo marxista brasileiro Michel Löwy, entre tantos. Essa contribuição teórica-política é tão importante para compreender os complexos processos sócio-históricos que estão curso como são, ainda hoje, as teses de José Carlos Mariátegui elaboradas nos anos vinte do século passado, a Teoria da Dependência, sobretudo em sua vertente marxista (Rui Mauro Marini e Theotonio dos Santos), a Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire), a Teologia da Libertação (Frei Beto, Leonardo Boff, Enrique Dussel)⁴³

O Professor F ainda sustentando sua visão a partir de Leonardo Boff acrescenta em sua resposta que:

[...] ele coloca assim umas coisas importantes. Que é justamente entender a Natureza a partir do homem. Então o equilíbrio ambiental só pode ser possível a partir do momento em que a sociedade possa [...] buscar uma distribuição de riquezas. Pensar o homem dentro de uma projeção melhor e, principalmente, como o professor Leonardo Boff chama atenção, que ele diz assim. A partir do momento em que você vê pela ruas pessoas em regime de mendicância, pedintes, e quando você vê hoje essa degradação do meio ambiente, tem alguma coisa que está fora do equilíbrio. Então o equilíbrio que ele diz não é só um equilíbrio ambiental, não é só uma preservação daquilo que hoje é muito colocado, como a flora, a fauna, o meio ambiente, as florestas, mas ele é um equilíbrio onde o homem é peça fundamental para manter um equilíbrio em que todos possam viver bem, né?⁴⁴

⁴¹ Sobre as contradições que a Igreja Católica apresenta sobre a lógica de pensamento adotada pela “Teologia da Libertação”, que se relaciona com sua forma de propor soluções contra os problemas ambientais, ver: RATZINGER, Joseph. Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação. Santa Sé, 1985, v. 6.

⁴² NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, 2012, v. 22, n. 2, p. 185-191.

⁴³ PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis, 2012, v. 9, n. 1, p. 28.

⁴⁴ Entrevista realizada em abril de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Manoel Saturnino de Andrade Favacho, localizada no Conjunto PAAR em Ananindeua (PA).

Utilizando do pensador em questão o docente insere em sua visão a preocupação com os problemas sociais econômicos definindo “o homem” como um elemento de grande importância para o alcance de um “equilíbrio” ambiental e social. Na representação de Educação Ambiental do Professor F o equilíbrio ambiental é necessariamente atrelado a uma “distribuição de riquezas”. Destaca-se que a partir da categorização da representação de Natureza desse docente, que foi definida no segundo capítulo como “Naturalista”, se acreditava que sua perspectiva de EA seria mais próxima da “Conservacionista/recursista”. Diferente do Professor N, que teve sua representação de Natureza definida na categoria “Nossa Essência”.

Realizando o diálogo entre as fontes colhidas com o Professor N, expostas no segundo capítulo e as que são exibidas a seguir, é possível perceber que na perspectiva do docente a “ligação” entre os humanos e a Natureza - comentada por ele e exposta no capítulo anterior - estaria sendo ameaçada desde “Principalmente a partir do advento do capitalismo”. Na visão desse professor:

“[...] a natureza serviu como instrumento para a geração de riqueza. De uns tempos para cá, temos visto uma reversão na lógica perversa que o capitalismo tem tratado a natureza. Programas de preservação da natureza estão espalhados no mundo todo, principalmente na Europa. Porém, por trás dessa suposta preocupação, está o objetivo de continuar o lucro com tal preservação, que serve a projetos ambiciosos”.⁴⁵

Quando o Professor N foi indagado sobre o que entende por Educação Ambiental escreveu:

Fico muito inquieto quando se fala em Educação Ambiental. Poderíamos ter um meio ambiente melhor se tivéssemos dentro e fora da escola educação para que as pessoas não maltratassem o meio em que vivem. É importante educar as pessoas sobre a importância de preservar a natureza, não sujar o local onde se transita diariamente. Infelizmente vivemos em uma sociedade capitalista, onde o dinheiro é o que importa. Acredito que merecemos governantes progressistas, que queira o bem da população, fazendo cumprir as leis ambientais. Mas as escolas também devem ter responsabilidade com a educação ambiental. Somos educadores, então temos um papel a cumprir também. Se persistirem as práticas que muitos estudantes trazem de seu meio, não superaremos a falta de educação ambiental. Eu sou da opinião de que as escolas deveriam fazer muito mais a respeito, a partir das séries iniciais. Encontros, palestras, debates, gincanas, programações variadas são fundamentais para os estudantes se familiarizarem com o tema.⁴⁶

Como é possível observar o docente apresenta uma visão de que “o meio” está sendo maltratado, exibindo uma percepção desse “meio” como possuidor de sentido em si mesmo, o

⁴⁵ Entrevista realizada via e-mail em maio de 2017 com professor de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Vianna da Silveira. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA).

⁴⁶ Ibidem.

que não aparece em correntes como a “Conservacionista/recursista”. O Professor N apresenta a noção de que é necessário “preservar a natureza” e também “não sujar o local onde se transita”, mas acrescenta em alguns momentos a aversão ao modelo chamado por ele de “capitalista”. A partir das fontes apresentadas se percebe que o docente reconhece no “capitalismo” as causas dos problemas ambientais. Então a “lógica perversa” desse modelo de sociedade construiria programas de preservação falsos. Afinal o professor afirma que na realidade não existiria o interesse de “preservação”, mas apenas o “lucro” de projetos “ambiciosos”.

O professor se preocupa em demonstrar tristeza por conta de vivermos em uma “sociedade capitalista” e propõe uma solução contra o modelo que ele identifica como gerador de problemas na relação da humanidade com a Natureza. Sua defesa é que seria preciso “governantes progressistas”, pois esses seriam sujeitos preocupados com o “bem” da população e que cumpririam as “leis ambientais”.

Diferente da Professora H, o Professor N não acredita que a Educação Ambiental “é de berço” e explana a importância da escola nessa formação. Enfatiza que as escolas deveriam “fazer muito mais” por uma formação preocupada com a questão ambiental. Seria sua função realizar palestras e outras programações apresentando a temática. Entende-se que na visão do docente esses projetos teriam que apresentar a crítica ao “capitalismo” em seu conteúdo⁴⁷.

Para além desses professores que tiveram suas representações classificadas como próximas das correntes de Educação Ambiental apresentadas por Lucie Sauvé, dois docentes não foram definidos em nenhuma das correntes. A análise das articulações argumentativas desses professores, para responder o que entendem como EA, reconheceu que seria necessário e importante elaborar outra categoria de entendimento para essas duas visões. Necessário em medida que as representações dos docentes em questão não aparentam estarem contidas nas correntes expostas por Sauvé. Importante por conta de que a partir dessa nova categoria é possível refletir sobre caminhos para apresentar meios aos professores de História para a abordagem da temática ambiental e a Educação Ambiental em uma perspectiva que alguns deles já apresentam explicitamente.

⁴⁷ É válido comentar que o Professor N em uma conversa após a entrevista afirmou que se reconhece como marxista. Em uma de suas aulas observadas foi discutido o tema “Liberalismo”. O docente focou seus minutos de aula na abordagem crítica a essa corrente de pensamento. Apresentando os pensamentos socialistas e anarquistas como melhores opções para os “trabalhadores”. Tal observação cabe para reafirmar a representação desse docente como parte da corrente “Crítica” e mais próxima da lógica socialista marxista.

A categoria na qual os dois professores, Professor A e Professor G, foram definidos é a da “História Ambiental”. Essa categoria de representação sobre Educação Ambiental é denominada dessa forma por conta da visão dos docentes apresentarem conexões com as definições mais conhecidas sobre o campo histórico da História Ambiental.

Nas falas desses professores a interação entre humanos e “Natureza” e “Meio Ambiente” (conceitos que ambos utilizam como palavras associadas com mesmo sentido) ao longo dos processos históricos aparece não apenas como realidade, mas como um conhecimento que é objetivo principal da Educação Ambiental. Para esses docentes a Educação Ambiental deve “trabalhar” e “trazer reflexões” sobre a relação humana perante a Natureza “no tempo e na sociedade”.

O conhecimento sobre o “correr do processo histórico” com a “destruição” e “preservação” que os humanos desenvolveram com a Natureza emerge na fala dos docentes como o objetivo final da Educação Ambiental. A conscientização para a construção de uma melhor relação com o Meio Ambiente e a Natureza são omitidos nas respostas dos professores. Em seu lugar aparece justamente a conscientização sobre como a humanidade preservou ou destruiu a Natureza ao longo do tempo.

Tal perspectiva pode ser observada na argumentação do Professor A quando em sua fala afirma:

Educação ambiental é você trabalhar essas questões de como a Natureza, o Meio Ambiente vem se transformando. No caso da história, né? No correr do processo histórico, Antiguidade até a contemporaneidade, como é que a Natureza vem respondendo a intervenção humana, essa relação homem Meio Ambiente. Acho que a Educação Ambiental é trazer isso para a sala de aula. Para a educação como um todo, para ser homologada aí. Vejo dessa maneira.⁴⁸

Preocupa-se em destacar o movimento histórico da Antiguidade até os tempos contemporâneos. É possível perceber também outra noção que se relaciona com a História Ambiental, pois em sua fala reconhece uma participação ativa da Natureza ao longo do tempo. Para a “intervenção humana” a Natureza apresentaria respostas. Em certa medida essa Natureza na representação de Educação Ambiental do Professor A deve ser vista como um sujeito na história. No entanto, é intrigante que sua representação sobre o conceito de Natureza tenha seguido uma lógica totalmente “Utilitarista”, como exposto no capítulo anterior. A hipótese era de que sua visão seria mais próxima da corrente

⁴⁸ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

“Conservacionista/recursista”, mas como é possível observar a partir do diálogo das fontes emerge certa contradição entre as respostas. De uma argumentação que defende uma Natureza como simples recurso a ser utilizado sua fala começa a reconhecer uma Natureza viva. Mesmo que ainda não possuidora de um sentido em si mesma, ganha um papel ativo nos processos ao longo do tempo.

Cabe mencionar que na abordagem da História Ambiental, campo que emerge na década de 1970, tal como comentado no primeiro capítulo, os historiadores que se reconhecem nesse campo defendem que é possível aprofundar a análise histórica ao ponto de reconhecer a própria terra como um agente ativo ao longo dos diversos períodos históricos⁴⁹.

Na História Ambiental da década de 70 emerge, após trabalhos que se direcionavam à essa visão da história, um campo consciente de si mesmo⁵⁰ e com muito a contribuir para a Educação Ambiental. A representação do Professor A sobre Educação Ambiental pode ser relacionada com as definições desse campo da pesquisa histórica, no entanto se distancia das definições sobre EA que são construídas ao longo do tempo nos encontros e documentos, abordados no primeiro capítulo, e no Brasil toma sustentação com a Lei que dispõe sobre a Educação Ambiental no país⁵¹.

Esse distanciamento ocorre na visão do Professor A e Professor G quando não mencionam em suas argumentações a necessidade de formação que vise minimamente a “Tomada de Consciência”, o desenvolvimento de “Atitudes” e “Aptidões”, que são importantes objetivos da Educação Ambiental⁵². Na fala do Professor G é de se notar também essa não presença:

Eu acredito que seja uma educação no sentido da consciência, né? De construir consciências críticas em relação à relação que o ser humano tem estabelecido com a Natureza nessa perspectiva mesmo de destruição, de preservação... desse momento dos impactos que a sociedade industrial trouxe nas relações com a Natureza. Acho

⁴⁹ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, 1991, v. 4, n. 8, p. 198-215.

⁵⁰ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, 2010, v. 24, n. 68, p. 81-101.

⁵¹ BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1999.

⁵² Na fala da Professora J essa omissão também existe, mas a partir da análise das respostas dessa docente se entendeu como mais adequado classificá-la na corrente “Humanista”. Sustentando essa interpretação com base na compreensão da docente que inclui o ambiente humano como motivo de preocupação da EA. Na corrente “Humanista” tal compreensão é caminho para conhecer melhor o ambiente e intervir da melhor forma possível com as melhores propostas.

que a Educação Ambiental tem que trazer todas essas reflexões pra gente perceber a nossa ação no tempo e na sociedade.⁵³

A representação desse docente reconhece uma “relação” da humanidade e Natureza em dinâmicas de destruição e preservação. A consciência que a EA deveria visar seria justamente a percepção crítica⁵⁴ da “ação no tempo e na sociedade”. Perspectiva essa que pode facilmente ser relacionada com as pretensões da História Ambiental, pois quando emerge “Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e [...] como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”⁵⁵. Enfatiza-se que a representação do Professor A expõe mais, em comparação com o Professor G, a Natureza⁵⁶ como agente que afeta os humanos ao longo da história.

Dos professores entrevistados, a maioria foi categorizada em uma das correntes de Educação Ambiental definidas por Lucie Sauvé por conta das possibilidades de conexão em suas representações com tais correntes. Tal como as próprias correntes não são aprisionamentos com pretensões de “classificar tudo em categorias rígidas, com o risco de deformar a realidade”⁵⁷, as análises realizadas aqui sobre as representações de EA desses professores de História do município de Ananindeua não pretendem taxar de forma rígida a visão dos professores como pertencente a determinada categoria. As correntes de EA em alguns momentos possuem características semelhantes, assim como as falas de docentes que foram classificadas em correntes diferentes. Mas mesmo com isso ainda é possível observar conexões mais próximas com categorias específicas. No entanto, a análise qualitativa também permite o não reconhecimento de algumas representações com nenhuma das “igrejinhas” de Educação Ambiental.

Contradições entre as respostas de alguns entrevistados também são compreensíveis. Afinal, é possível que muitos tenham realizado o processo cognitivo e verbalização sobre suas definições, para os conceitos em questão, pela primeira vez enquanto participavam da entrevista. Quando elaboram suas reflexões sobre as indagações da pesquisa, os docentes

⁵³ Entrevista realizada em março de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luís Nunes Direito, localizada na Cidade Nova IV, em Ananindeua (PA).

⁵⁴ A partir da análise se entendeu que o docente utiliza o termo “crítica” no sentido de uma observação que percebe o impacto prejudicial gerado pela humanidade e não em uma lógica da corrente “Crítica”.

⁵⁵ WORSTER, Donald. Op. Cit. p. 199-200.

⁵⁶ Usando o conceito aqui como sinônimo do termo “ambiente natural” usado por Donald Worster.

⁵⁷ SAUVÉ, Lucie. Op. Cit. p.

estão também se auto avaliando e se auto afirmando⁵⁸, a preocupação sobre essa auto afirmação perante a sociedade e comunidade talvez seja um elemento que provoque alguma influência na ocorrência de incoerências de uma fala para outra.

Já sobre as categorias em que suas representações foram classificadas é válido considerar certa diversificação das visões. Comparando com trabalhos que investigaram as concepções de docentes de Matemática, Geografia, Ciências, Artes, História, Português e qualificam que a maioria desses possui uma visão da corrente “Naturalista”⁵⁹. As representações dos professores de Ananindeua que foram entrevistados não seguem o mesmo cenário. Nenhum docente foi considerado como possuidor de uma visão “Naturalista” de Educação Ambiental e a presença de visões aproximadas de algumas outras correntes foi mais frequente.

Pelas falas, e escritas, dos entrevistados também é possível identificar que se diferenciam da visão de professores que não têm muita confiança na capacidade de os alunos compreenderem a problemática ambiental e se formarem como sujeitos ativos contra essas, uma característica de professores de diversas disciplinas que participaram de investigações sobre a temática⁶⁰. Os entrevistados de Ananindeua, em sua maioria, apresentam em suas falas uma expectativa de que os alunos podem se tornar agentes ativos na sociedade nos temas relacionados à Natureza e ao Meio Ambiente e já possuem capacidade de entender a complexidade da temática.

Por outro lado, apenas um professor citou algum teórico em sua argumentação sobre Educação Ambiental. É fator importante o conhecimento sobre o histórico da Educação Ambiental para conhecer sobre teóricos e ambientalistas ligados a esse campo. Crucial para a construção de uma leitura mais profunda sobre a temática e também para conseguir aplicar a Educação Ambiental da forma que as legislações nacionais, estaduais e municipais solicitam. Legislações essas que também não aparecem nas falas dos entrevistados, mas que segundo a própria Lei do município devem ser objeto de conhecimento nos projetos pedagógicos das

⁵⁸ Processo que ocorre aos participantes das pesquisas que utilizam a entrevista como método de adquirir fontes, como foi comentado no Capítulo 2. Ver: DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, 2004, n. 24, p. 220.

⁵⁹ BEZERRA, Tatiana Marcela de Oliveira; FELICIANO, Ana Lícia Patriota; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés–Região Metropolitana do Recife-PE. *Biotemas*, 2008, v. 21, n. 1, p. 147-160.

⁶⁰ Ver: BIZERRIL, Marcelo; FARIA, Dóris S. Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 2001, v. 82, n. 200-01-02.

escolas de Ananindeua⁶¹. Ou seja, os docentes devem ter conhecimento sobre essas Leis, movimentos ambientalistas, teóricos e o histórico da Educação Ambiental para realizar a formação mais completa dos seus alunos.

É de se questionar se o não conhecimento desses professores sobre o processo histórico de desenvolvimento da EA e dos movimentos ambientalistas gera a dificuldade em tratar sobre o tema e realizar a Educação Ambiental nas aulas de História. Os próximos tópicos deste capítulo refletem um pouco mais sobre esse ponto.

4.2. A importância da Educação Ambiental nas aulas de História na visão dos docentes entrevistados

Olha, na aula propriamente de História eu dificilmente trabalho Educação Ambiental. Eu trabalho Educação Ambiental com a minha filha em casa. Isso eu já faço com ela. Que eu acho que é um trabalho de educação em casa, de valores que ela já tem que obter desde pequena. Na aula de História eu não abordo a Educação Ambiental em si. [...] As minhas aulas são mais voltadas à parte de criticidade, de governo, de política, de exigir seus direitos, é mais criticidade em relação a Revolução Francesa, o povo se manifestante, exigindo igualdade, liberdade. É mais nesse sentido do que Meio Ambiente.⁶²

A primeira parte da fonte destacada é a resposta da Professora E para a indagação de “Qual a importância da Educação Ambiental nas aulas de História?”. Com essa fala a professora entra em certa contradição com o que afirmou quando apresentou sua definição de EA, exposta no início deste capítulo. Após defender que essa conscientização é dever da escola e que todas as disciplinas do currículo escolar também devem cumprir, a docente revela que em suas aulas de História “dificilmente” aborda a temática. Com base nas respostas da Professora E, ela mesma está em desacordo com o papel que a educação escolar deveria efetivar para algo que seria “uma questão mesmo de sobrevivência”.

Nesse momento a docente aproxima sua visão da perspectiva presente na representação de Educação Ambiental da Professora H. Ambas explicitam o ambiente familiar como responsável pela educação relacionada com a temática. A Professora E não afirma que a EA é uma “é de berço mesmo”, mas destaca que são valores que ela passa para

⁶¹ ANANINDEUA (Município). Lei Municipal nº 2.510, de 23 de maio de 2011. Institui a Política Municipal de Educação Ambiental, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.ananindeua.pa.gov.br/public/arquivos/legislacao/LEI No. 2.510 DE 23 DE MAIO DE 2011.pdf](http://www.ananindeua.pa.gov.br/public/arquivos/legislacao/LEI%20No.%202.510%20DE%2023%20DE%20MAIO%20DE%202011.pdf)> Acesso em 01/10/2019.

⁶² Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA).

sua filha “em casa”. Mas em suas aulas da disciplina de História não aborda a “Educação Ambiental em si”.

A noção sobre a História e o Ensino de História dessa professora de Ananindeua aparece explicitamente no segundo trecho destacado de sua fala. Esse trecho é a resposta da Professora quando questionada sobre como insere a discussão ambiental em seu material didático. Antes dessa pergunta a entrevista pretendia saber “Como você incorpora a Educação Ambiental nas aulas de História”, mas a docente não respondeu por conta de já ter anteriormente afirmado que esse tema não aparece em seu Ensino de História.

Por sua vez, a Professora E entende que sua forma de compreender o Ensino de História é totalmente incompatível a qualquer discussão ambiental e por conta disso impede a realização da Educação Ambiental. O seu ensino da disciplina seria mais voltado para “críticidade”, “governo”, “política”, “povo se manifestando”. O trabalho com todas essas visões impediria uma abordagem sobre “Meio Ambiente”. Temática que nas aulas de História da docente não aparece como algo menos relevante, mas como questão incompatível com a disciplina.

Diferente da Professora E, o Professor L afirma que existem temáticas que possibilitam mais diretamente a realização da Educação Ambiental nas aulas de História. Enquanto a professora acredita na impossibilidade de discutir sobre Meio Ambiente e fazer Educação Ambiental quando trata de Revolução Francesa, o Professor L comenta que vê na Revolução Industrial e na abordagem sobre a questão do trabalho conteúdos que necessitam da EA:

Em alguns temas a importância é fundamental. Quando a gente aborda, por exemplo, Revolução Industrial ou trabalho. A Educação Ambiental acaba entrando de forma direta. E a gente acha conexão em quase todos os assuntos. [...] Em relação às aulas de História eu trabalho com projetos. [...] A gente leva às vezes alunos ao Parque do Utinga [...] para ter um contato com a Natureza, para aprender a preservá-la.⁶³

Levando em consideração que o docente possui uma representação de Educação Ambiental “Humanista”, como apresentado anteriormente, os conteúdos levantados por ele se relacionam com o objetivo de “compreender o ambiente” e “viver bem nele”. Talvez em uma perspectiva de mostrar aos alunos experiências de sociedades humanas com o seu determinado Meio Ambiente ao longo do tempo, seja para se espelhar nessas ou evitá-las.

⁶³ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Escola que se localiza na BR 316, Km 8, Ananindeua (PA).

Dessa forma estaria tomando de certa forma uma noção que dialoga com as definições de História Ambiental e a relacionando com o fazer Educação Ambiental. Após acrescentar ainda que uma conexão com a temática pode ser encontrada em “quase todos” os conteúdos, afirma que realiza Educação Ambiental quando realiza projetos. Esses seriam organizados pela escola e com outros professores. Em alguns casos um ambiente externo ao da escola é o espaço utilizado, a Unidade de Conservação Estadual do Parque do Utinga. Um espaço de conservação localizado em Belém e não em Ananindeua. Nesse espaço a pretensão seria de permitir aos alunos um espaço de maior contato com a “Natureza” para aprenderem a preservá-la. Perspectiva que em certa medida se relaciona com a corrente “Naturalista” da Educação Ambiental, o que mostra que a visão “Humanista” do Professor L também abarca aspectos dessa outra corrente⁶⁴.

Outra perspectiva que levanta a possibilidade de trabalhar com o tema nas aulas de História é a Professora K. Mesmo possuindo uma representação “Conservacionista/recursista” quando define Educação Ambiental, a docente comenta que tratar das modificações ocorridas “na paisagem” no período de queda do Império Romano seria uma forma de fazer EA no Ensino de História.

Tentar fazer... a Educação Ambiental, ela perpassa por todas as disciplinas, inclusive por História. Por exemplo, as mudanças que ocorreram na paisagem nesse processo de feudalização, das invasões germânicas, ocorrendo a ruralização.[...] Então a gente tá o tempo todo passando por isso, porque a gente tá construindo o tempo todo o nosso Meio Ambiente. Então aí está a educação, trabalhar a questão ambiental.⁶⁵

Outra perspectiva que levanta a possibilidade de trabalhar com o tema nas aulas de História é a Professora K. Mesmo possuindo uma representação “Conservacionista/recursista” quando define Educação Ambiental, a docente comenta que tratar das modificações ocorridas “na paisagem” no período de queda do Império Romano seria uma forma de fazer EA no Ensino de História. A visão da professora segue a lógica de que a formação em EA na disciplina de História é entender que as sociedades estão sempre “construindo” o seu Meio Ambiente. No entanto, em sua fala não aparece o fator “preservação”. O que é contraditório com sua definição de Educação Ambiental que apresenta como objetivo dessa educação a formação para a preservação da “Natureza” da qual os humanos precisam para sobreviver.

⁶⁴ Relações entre as visões de diferentes correntes de Educação Ambiental que Lucie Sauvé indica que podem ocorrer. Ver: SAUVÉ, Lucie. Op. Cit.

⁶⁵ Entrevista realizada em maio de 2018, com a docente da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Regina Coeli, localizada no bairro do Maguari em Ananindeua (PA).

Com isso ficaria substituído pelo conhecimento sobre as mudanças que ocorrem ao longo do tempo na paisagem, mas sem explicitar a atuação no tempo presente⁶⁶.

Ressaltando a importância de uma EA que pretenda gerar mudanças nos alunos, o Professor N não omite esse tempo presente de sua resposta escrita, pois acredita que “a Educação Ambiental é importante a partir do momento em que educamos os estudantes para um novo olhar sobre o meio ambiente”⁶⁷. Dando importância não apenas ao tempo atual, mas ao cotidiano dos alunos ele dá ênfase para que:

Devemos como historiadores passar uma visão do que acontece no cotidiano dos estudantes. O importante é que eles saibam o porquê acontecem determinadas coisas. Você falar sobre a captura de gás carbônico pela floresta, por exemplo, torna-se importante para que eles possam entender a respeito do aumento do calor que toma conta de nossos ambientes no dia a dia. Assim eu posso falar do desmatamento, das queimadas e de que forma os seres humanos são responsáveis por isso. Isso não é só um tema da Geografia, das Ciências e dos Estudos Amazônicos. É da História também, a medida em que incentivamos os estudantes a pensar, ter curiosidade sobre os acontecimentos. E é aí que entra a interdisciplinaridade. Um encontro entre as disciplinas que citei acima é de fundamental importância para que os estudantes possam analisar a visão de cada área do conhecimento a respeito de determinado tema.⁶⁸

Questões cotidianas e os motivos para determinados acontecimentos relacionados com a temática ambiental tomam destaque na leitura sobre a relação entre EA e Ensino de História do Professor N. Mas não apenas isso, a perspectiva apontada pelo docente é a de que os humanos são causadores de destruição e por conta disso devem desenvolver tecnologias de reversão dos danos, como a captura de carbono. Essa noção possivelmente se relaciona com a interpretação anticapitalista desse mesmo docente. A degradação provocada pelos humanos seria gerada pelo “capitalismo” e as tecnologias não seriam apenas para reverter danos, mas principalmente para obtenção de lucro. A Educação Ambiental na disciplina de História, segundo o professor, deveria mudar esse olhar. O objetivo seria estabelecer novamente a conexão da humanidade com sua “essência”, a Natureza. Algo que seria impossibilitado pela “lógica perversa” do “capitalismo”.

Para alcançar esse objetivo todas as disciplinas seriam fundamentais, a partir disso “é aí que entra a interdisciplinaridade”. A responsabilidade não seria apenas de áreas que

⁶⁶ É válido mencionar a dificuldade inicial que a Professora K teve em responder o questionamento. No primeiro momento começou a falar, mas em seguida parou e solicitou que a pergunta fosse lida novamente. Após a releitura da indagação a docente argumentou o que está exposto na fonte apresentada. Isso pode indicar que a professora não tenha refletido anteriormente sobre sua prática de ensino dentro dessa temática.

⁶⁷ Entrevista realizada via e-mail em maio de 2017 com professor de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaolino Vianna da Silveira. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA).

⁶⁸ Ibidem.

frequentemente são vistas como possuidoras de exclusividade para abordar o tema nas aulas do Ensino Básico, como Geografia e Ciências. A História deveria também tratar da Educação Ambiental realizando o “encontro” entre diferentes disciplinas. Mas essa interdisciplinaridade, segundo o Professor N, só ocorre “quando há interesse de professores em se disporem a inovar e apresentar uma boa proposta para os estudantes”. A partir dessa disposição de professores seria viável “colocar professores de História, Geografia, Estudos Amazônicos, Filosofia, Sociologia para fazer uma aula conjunta”. Não omite o tempo presente, mas não comenta de que forma relaciona com os conteúdos de História e se existe algum assunto mais propício para a realização da EA.

Cabe comentar que em uma de suas aulas observadas⁶⁹, ministrada para uma turma de sexto ano, o professor apresentou com auxílio do livro didático conteúdo sobre Mesopotâmia que indicava diretamente possibilidades de relacionar com a questão ambiental. O docente realizou a leitura de uma página do livro sobre aquela determinada sociedade e em seguida solicitou que os alunos realizassem as três questões que o material continha. O texto do livro comentava que a formação daquela sociedade se deu entre rios e em região de solo fértil, mas o professor não se focou em comentar sobre essa realidade e não tecia muitos comentários sobre a leitura. Com a finalização da leitura do texto, o Professor N solicitou que os alunos realizassem as três questões que o livro apresentava e em uma delas relacionava diretamente o tempo presente do aluno com a sociedade mesopotâmica. A atividade citava a importância da água para aquela sociedade e questionava sobre a existência de poluição nos rios da região do aluno. Em determinado momento um aluno se pronunciou dizendo que não conhecia nenhuma poluição na água da região e o docente apenas respondeu que “Tem sim. Pensa de novo e responde”.

Esse docente, quando questionado sobre como inseria a discussão ambiental, afirmou que “eu não mudo o material de história para fazer a discussão ambiental. Eu apenas aproveito os tópicos que estão detalhados no material para abordar questões do cotidiano dos estudantes”. No entanto, quando se observa a sua metodologia ao se deparar com o conteúdo e atividade do livro didático que permitia justamente uma reflexão junto aos alunos sobre problemas ambientais e a relação da humanidade com o Meio Ambiente e a Natureza,

⁶⁹ Aula ministrada pelo professor da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Viana da Silveira em 30 de outubro de 2018. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA). A aula foi observada para investigação da pesquisa “História e Educação Ambiental nas escolas de Ananindeua”, coordenada pelo Professor Dr. Wesley Oliveira Kettle.

levantando diretamente o diálogo com a realidade local e regional, o Professor N ou não vê a possibilidade ou a ignora.

As duas hipóteses são preocupantes. Afinal, caso o professor não consiga perceber a abertura em meio aos conteúdos da disciplina de História que nitidamente direcionam para a questão ambiental, é de se supor que também não apresente certa sensibilidade para dialogar essa temática com conteúdos menos evidentemente relacionados. Com isso, o trabalho de Ensino de História com a Educação Ambiental ficaria relegado às aulas “conjuntas” com professores de mais de três disciplinas.

Por outro lado, caso o professor apenas ignore as possibilidades expressas no material em dialogar a temática ambiental com os conteúdos de História estaria não apenas perdendo a oportunidade de contribuir com a formação cidadã dos alunos realizando EA, mas estaria conscientemente ignorando as orientações dos Planos Curriculares Nacionais, da Base Nacional Comum Curricular e das legislações que apresentam a obrigatoriedade da inserção dessa discussão nas disciplinas. Afinal seria viável supor que se o Professor N não utiliza os momentos que explicitamente permitem o aprofundamento no tema também não realizaria a criação de situações oportunas para tal abordagem. Os outros conteúdos de História poderiam ser compreendidos pelo Professor N da mesma forma que a Professora E os entende. Ou seja, tratados como incompatíveis com o debate sobre Meio Ambiente ou Natureza.

Por sua vez, a Professora H ressalta a importância da temática citando dois conteúdos em que discute Meio Ambiente. Preocupa-se em ser sincera e dizer que a Educação Ambiental não é realmente realizada nas aulas de História, mas que tenta abordar pequenos “links” relacionados em alguns momentos:

A importância deve ser grande, mas na realidade não é usada. Se você for olhar a coisa bem no raso... você termina dando ênfase ao conteúdo histórico propriamente dito, a repassar. Porque você lembra que você só tem 90 minutos em sala de aula por semana. Aí quando você olha pra isso, que dentro desses 90 minutos tem que explicar a matéria, passar exercício, fazer chamada [...] Você pega um “linkzinho”. Então, por exemplo, quando eu trabalho muito a questão ambiental. Principalmente quando eu começo a trabalhar a colonização do Brasil. Então sempre um exemplo sobre o que fizeram com o pau Brasil... Quando eu trabalho a Revolução Industrial, eu sempre mostro a questão de como as cidades na Inglaterra ficaram e como a devastação de todo o processo na África, o que foi que fizeram por causa da Revolução Industrial. Eu sempre faço essas abordagens, mas não é uma preocupação maior. Termina que o conteúdo histórico prevalece. De vez em quando umas

pinceladas. Mas isso não é dizer assim: “No meu projeto...”. Não tem. Se eu te disser isso é só mesmo pra te agradar.⁷⁰

Nota-se que a Revolução Industrial e a colonização no Brasil são conteúdos nos quais a docente afirma que consegue realizar algumas conexões com a discussão ambiental. Aponta como problema para a realização da Educação Ambiental em suas aulas de História o pouco tempo semanal com as turmas. Os comentários relacionados com o tema ambiental seriam frequentes, mas não ganhariam “uma preocupação maior”. Em sua fala a docente afirma que “o conteúdo histórico prevalece”. Esse aparece como um empecilho que impede a Educação Ambiental. O que demonstra a dificuldade em relacionar conteúdos históricos, Meio Ambiente, Natureza e Educação Ambiental. Ressalta-se que a Professora H possui uma representação de EA próxima da corrente “Moral/ética”. Com isso, entende que fazer EA vai além de comentar sobre “o que fizeram com o pau Brasil” e possui a pretensão de formar uma pessoa que não seja “má educada ambientalmente”.

Mesmo definindo que essa formação é papel da família, reconhece que sua importância nas aulas de História “deve ser grande”, afinal é algo que deve estar presente em “Todas as disciplinas”. No entanto, o pouco tempo em sala faz com que o conteúdo seja foco de toda a aula, em todas as aulas, que questões ambientais sejam apenas “pinceladas”, em perspectiva de devastação, e que a Educação Ambiental não esteja realmente no plano de aula. Acrescenta-se a isso o fato de a visão da Professora H possuir uma noção de que falar sobre Meio Ambiente na História seria tratar somente sobre a destruição causada pelos humanos ao longo do tempo.

Esse tipo de perspectiva sobre a História acaba por construir uma narrativa sobre o processo das sociedades humanas ao longo do tempo como uma experiência exclusivamente de destruição. Em muitos casos a história do Brasil é narrada como um período de mais de quinhentos anos de destruição do Meio Ambiente e da Natureza por uma humanidade gananciosa, mas essa visão simplifica a história e desconsidera as diversas práticas de diferentes grupos humanos⁷¹.

Omitindo então a heterogeneidade na relação das sociedades com o Meio Ambiente e a Natureza, acabam por excluir da narrativa histórica grupos que possam ter atuado com

⁷⁰ Entrevista realizada em dezembro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, em Ananindeua (PA).

⁷¹ CARVALHO, Ely Bergo de. Uma história para o futuro: o desafio da educação ambiental para o ensino de história. **História Hoje**, 2011, v. 5, p. 7.

práticas consideradas como mais sustentáveis⁷². Na fala de vários professores de Ananindeua entrevistados toma lugar a percepção de uma história construída por humanos que, independente do lugar e do tempo, são naturalmente destruidores e:

Tal forma de conceber a natureza humana é fruto do pensamento ocidental que separa seres humanos e natureza. Uma abordagem processual, ou seja atenta para a dinâmica da história da interação natureza e sociedade desfaz a visão de que tais elementos podem ser entendidos de formas separadas e estanques.⁷³

A separação entre humanidade e Natureza é o dualismo que muitos reconhecem como principal propagador no ocidente o filósofo René Descartes. Nas disciplinas esse dualismo teria criado raízes e mesmo em produções mais recentes do campo de História preocupados com a temática ambiental e uma concepção disjuntiva teria prevalecido⁷⁴, algo comentado no primeiro capítulo. Com essa separação se constroem perspectivas como a da Professora K, exposta no início deste tópico. Assim, a História é vista como uma área de conhecimento que nada tem a contribuir com a discussão sobre Meio Ambiente e muito menos possuidora de competência para realizar Educação Ambiental.

Seus conteúdos seriam temas políticos e econômicos apenas. No entanto, essa disjunção entre humanidade e Natureza dificulta até mesmo a compreensão de que tratando de política e economia é totalmente cabível relacionar a discussão com Meio Ambiente e Natureza. Na realidade, não apresentar o tema ambiental quando se trata dos conteúdos políticos e econômicos é omitir parte importante da história desses próprios conteúdos. Os documentos voltados a orientar os docentes sobre o ensino a ser executado nas escolas de nível básico chamam atenção para a relação do Meio Ambiente e temas como movimentos sociais, que a Professora K concebe em suas aulas como incompatíveis.

É possível encontrar já nos Planos Curriculares Nacionais a indicação da ação na história de mobilizações sociais de cunho ambiental. Enfatizando inclusive que para que os alunos se envolvam com a temática ambiental, dessa forma assegurando os espaços democráticos e participativos, devem receber informação sobre o movimento ambientalista.

⁷² Ibidem.

⁷³ Ibidem.

⁷⁴ CARVALHO, Ely Berço de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História**. 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 209.

Conhecer o movimento ambientalista, entre outros movimentos, ajudaria na construção de algo que os PCNs chamam de “espírito coletivo”⁷⁵.

O ensino deveria se preocupar então com que esse espírito coletivo seja possuidor de conhecimentos sobre o histórico do movimento ambientalista, impedindo distorções que podem “minimizar os problemas e/ou banalizar princípios e valores ambientais, assim como depreciar os movimentos ambientalistas”⁷⁶. Também ser conhecedor dos principais interlocutores e representantes desse movimento⁷⁷, como a bióloga Rachel Carson comentada no primeiro capítulo, e suas ações concretas na dinâmica da sociedade, como a proibição do pesticida DDT conquistada por Rachel Carson. Os Planos Curriculares Nacionais indicam também a importância de Organizações Não Governamentais no embate contra setores poluidores da indústria e pressão por atuações mais sustentáveis. O que dialoga diretamente a economia com a política em perspectiva ambiental, dinâmica relacional que docentes como a Professora K parecem não perceber ainda.

A reflexão sobre a produção e o consumo que os PCNs apresentam também pode ser inserida em perspectiva histórica na disciplina de História. Momento que os professores poderiam expor que é um tema com importância tão grande que autores acreditam que deveria causar união política daqueles que se reconhecem como “esquerda” e aqueles da “direita”⁷⁸, o que já foi citado no primeiro capítulo deste trabalho. E ao reconhecer isso seria notável que não se pode discutir política nas aulas de História apagando totalmente o Meio Ambiente e a Natureza. Realizando esse apagamento o docente está construindo uma narrativa histórica incompleta, além de uma formação deficitária para cerca de trinta ou quarenta alunos por turma. Os trabalhos do historiador e do professor ficam igualmente comprometidos.

O professor de História, e de qualquer disciplina, deve necessariamente ter a preocupação ambiental no momento de reflexão para a montagem de suas aulas. A responsabilidade de efetivação da Educação Ambiental também deve ser considerada pelos docentes ao pensarem sobre suas práticas e sobre o sentido do Ensino de História. Uma formação em EA deve ser um dos objetivos da escola, pois “toda (o) aluna (o) na escola

⁷⁵ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Caderno Meio Ambiente, Brasília, DF, 1998, p. 217.

⁷⁶ Ibidem. p. 182.

⁷⁷ Ibidem. p. 217.

⁷⁸ SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde**: Como pensar seriamente o planeta. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 221.

brasileira tem garantido esse direito, durante todo o seu período de escolaridade”⁷⁹. Com essa formação se atenta para a necessidade de um ensino preocupado com o tempo presente, e futuro, além de cumprir um processo educativo onde o professor realiza o papel de articulador de conhecimentos específicos de seu campo com a formação cidadã. E “Esse papel chama pelo domínio de um saber que alia conhecimento de conteúdos à didática e às condições de aprendizagem para segmentos diferenciados, associados a posturas éticas e estéticas”⁸⁰. Nota-se que:

O processo educativo está, então, vocacionado à formação do pensamento e de valores e atitudes, quanto ao saber, ao sentido social dos saberes, às responsabilidades que temos uns com os outros, na compreensão de contextos variados, ambientais e culturais, constituindo um pensar que possa distinguir fatos e questões, com sentido crítico na direção de uma autonomia de escolhas.⁸¹

Quando essa formação, que se atenta para a conscientização sobre problemáticas ambientais e que busca oferecer ao aluno a possibilidade de reflexão sobre nossa relação com o Meio Ambiente e a Natureza, não ocorre, o processo de ensino pode ficar prejudicado. Essas discussões são importante na formação dos alunos em medida que permitem uma maior consciência quando esses tiverem de executar sua autonomia de escolhas, seja em âmbito micro, como coleta seletiva e gestão ambiental em ambiente familiar, ou no âmbito macro com decisões políticas como o ato de votar, se mobilizar coletivamente, ou mesmo de atuarem politicamente como sujeitos a serem votados no processo democrático.

É necessário ao docente perceber que o processo educativo escolar ajuda na formação de indivíduos que atuarão em diferentes realidades da sociedade e que uma conscientização de Educação Ambiental contribui diretamente com os rumos que o país toma em seu futuro de médio e longo prazo.

O ofício do historiador também fica incompleto sem a sensibilidade para a temática ambiental. A visão de uma história que foi definida apenas pelos humanos e que não se atenta para a presença dos outros seres vivos e não vivos, seja nos discursos de sujeitos humanos ou

⁷⁹ LIPAI, Eneida Maekawa; LAYRARGUES, Philippe Pomier; PEDRO, Viviane Vazzi. Educação ambiental na escola: tá na lei.... In: **Vamos cuidar do Brasil: Conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO. 2007, p. 31.

⁸⁰ GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Revista Diálogo Educacional**, 2017, v. 17, n. 53, p. 732.

⁸¹ Ibidem.

como um próprio sujeito ativo em determinado processo histórico, desconsidera o fator biológico humano.

Os humanos também são animais biológicos, como falou a Professora M. E, além disso, vivem em determinado espaço e tempo. Seres agrupados que se fixam em um local e constroem diferentes interações com esse Meio Ambiente. Esse agrupamento ganha o nome de sociedade e não é independente de outros seres vivos, pelo contrário, depende até mesmo de elementos não vivos, que atuaram, e atuam, ao longo do tempo. Os animais humanos necessitam de comer e beber, suas sociedades ficam cada vez mais complexas, sua forma de lidar com o solo e com outras espécies muda de grupo para grupo, o que para alguns autores geraria até mesmo uma “marca” daquela civilização, a “paisagem”⁸².

Todo esse movimento e essas dinâmicas de interação devem ser considerados pelos historiadores. Com isso, outras forças não humanas começam a ser percebidas como atuantes no tempo. Então:

Aí descobrimos forças ainda mais fundamentais atuando sobre o tempo. E para apreciar essas forças, devemos de vez em quando deixar os parlamentos, as salas de parto e as fábricas, abrir todas as portas e vagar pelos campos e florestas, ao ar livre. Chegou a hora de comprarmos um par de sapatos resistentes para caminhadas, e não podemos evitar sujá-los com a lama dos caminhos.⁸³

No entanto, o historiador também deve se atentar que não se pode sair de um extremo para cair em outro. Afinal, não é correto sair da afirmação de que apenas os humanos definem a história para a argumentação de que a história é definida totalmente por forças não humanas. Deve-se ter consciência de que “As visões fechadas e reducionistas não mais se sustentam”⁸⁴. Considerar um determinismo da Natureza sobre todo o social, ou controle total do social sobre a Natureza, é uma visão que “não nos leva muito longe”. Deve-se estar atento para que em determinados casos os fatores naturais são decisivos, mas em outros as tecnologias e concepções podem tomar esse papel. Além de notar que a interação entre esses fatores está sempre presente no decorrer da História. Dessa forma:

Nos diferentes casos, o que se percebe são sistemas abertos e que se modificam no andamento da história. Os próprios relacionamentos entre todos os componentes da interação – onde todos são relevantes, mesmo que em diferentes níveis – constroem, destroem e reconstróem inúmeras formas materiais e culturais. No sentido mais profundo, o desafio analítico é o de superar as divisões rígidas e dualistas entre

⁸² BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**, 2012, v. 1, p. 239-243.

⁸³ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, 1991, v. 4, n. 8, p. 199.

⁸⁴ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, 2010, v. 24, n. 68, p. 97.

natureza e sociedade, em favor de uma leitura dinâmica e integrativa, fundada na observação do mundo que se constrói no rio do tempo.⁸⁵

A superação dessa visão dualista deve ser objetivo quando o historiador analisa suas fontes, mas também do professor que realiza a formação de seus alunos. Então o diálogo entre a História Ambiental e a Educação Ambiental é crucial para que o Professor Historiador consiga construir em si mesmo uma visão menos disjuntiva da humanidade e Natureza ao longo da história e no tempo presente.

Com isso é importante atentar para a necessidade de articular didaticamente os conhecimentos e produções de seu campo de estudos com a prática docente. Só ao refletir sobre suas próprias visões será possível caminhar juntamente com os alunos para auxiliar a construção das reflexões desses sujeitos em formação. Quando o professor de História percebe a escola como um Meio Ambiente propício para “auxiliar na transformação da sociedade e para aqueles que lutam por um futuro mais digno para as gerações futuras”⁸⁶, toma a inserção da Educação Ambiental no Ensino de História como “trabalho difícil, mas desafiador e estimulante”⁸⁷. A atenção deve ser em cenário global, mas também nacional, regional e local.

“As relações homem/natureza historicamente constituídas no espaço onde vive o aluno não podem ser ignoradas na inserção do campo educação ambiental. Deve-se, portanto, antes de mais nada, refletir como se deu historicamente a relação e o processo de apropriação do entorno [...]”. Mas um problema para isso, quando tratamos sobre professores de Ananindeua, é encontrar produções que se dediquem para essa temática. A historiografia sobre a região é ainda escassa, poucos ou nenhum trabalhos que tratem sobre a relação das comunidades humanas com a Natureza ao longo da ocupação que historicamente se desenvolve no local⁸⁸. O que enfatiza a necessidade de o trabalho dos professores de História do município ser realizado com inter-relação entre a prática do pesquisador e do pesquisador. Algo que é

⁸⁵ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, 2010, v. 24, n. 68, p. 97.

⁸⁶ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. **História & Ensino**, 2003, v. 9, p. 59.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ É de se notar que os processos históricos ocorridos no município não foram citados nas falas ou escritas dos professores entrevistados. Em uma aula observada do Professor N os alunos tinham que pesquisar sobre algumas informações relacionadas ao município, como primeiros prefeitos e primeira escola. Ao acompanhar a execução do trabalho com alguns alunos foi possível constatar que apenas alguns blogs, principalmente em um específico, apresentava alguma informação sobre o que precisavam saber sobre a história da cidade. O próprio docente não tinha conhecimento sobre os dados que havia solicitado. Em alguns momentos a história da cidade de Belém substitui a de Ananindeua por conta de existirem mais produções.

dificultado por questões como falta de tempo destinado a essa prática na carga horária dos docentes.

Então o contato com essas produções historiográficas que se aproximam de uma História Ambiental é fundamental para o trabalho em sala de aula, e não apenas para o debate local. A partir do contato com esses textos é possível que professores, como a Professora K (que não vê tanta importância na Natureza e no Meio Ambiente para os processos históricos e suas aulas de História), mudem totalmente a forma de olhar para os conteúdos que abordam. Como já foi afirmado anteriormente, ao tratar de política e economia também cabe a temática ambiental.

Para o docente notar que ele pode tratar o Meio Ambiente e a Natureza tanto no conteúdo de Revolução Industrial quanto no de Segunda Guerra Mundial é basilar que exista o contato com historiografia que apresente essa perspectiva. E a produção historiográfica já permite introduzir a discussão em muitos conteúdos. No entanto, como mostram as fontes colhidas com os professores de Ananindeua, muitas vezes apenas temas que parecem ser a exaltação condenatória do “Homo devastans” são tidos como relacionáveis com Meio Ambiente e Natureza. Uma visão equivocada sobre a história⁸⁹.

Compreender que as diferentes sociedades ao longo do tempo tiveram práticas diferentes com seu Meio Ambiente e não entendiam a Natureza da mesma forma. Reconhecer isso é um passo para enriquecer a narrativa histórica nas aulas da disciplina e um caminho para fazer Educação Ambiental no Ensino de História. Com a História Ambiental o professor percebe que até o próprio conceito de Natureza possui história e muda de uma sociedade para outra, fato que por si só já pode acrescentar muito em suas aulas. Ressalta-se que:

A História tem, dessa forma, a potencialidade de mostrar as consequências das atitudes dos homens em relação à natureza, ao passo que demonstra que essa interação possui uma historicidade, ou seja, a ideia de natureza perpassa por mudanças históricas.⁹⁰

Poucos entrevistados comentaram sobre a existência, indicando sempre como algo recente, de uma “linha de pesquisa História e Natureza”⁹¹, não citando diretamente o termo História Ambiental. A necessidade dessas produções aparece quando se afirma que “nem toda

⁸⁹ CARVALHO, Ely. Op. Cit. 2011, p. 7.

⁹⁰ VASCONCELOS, Bruna Montor. História Ambiental e Ensino de História através da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – ProfHistória, Universidade Estadual de Maringá. Paraná. 2018, p.116-117.

⁹¹ Entrevista realizada em março de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luís Nunes Direito, localizada na Cidade Nova IV, em Ananindeua (PA).

vez tem essa base para a questão ambiental, lógico sempre cabe algum tipo de relação só que a gente tem que aprofundar mais a pesquisa. Coisa que na correria no dia a dia a gente sempre tem um pouquinho mais de dificuldade”⁹². Muitas vezes a História Ambiental é uma bibliografia intocada desde a graduação⁹³, como foi apontado por alguns docentes entrevistados ao afirmarem que a temática ambiental não foi abordada na Faculdade, e o encontro entre esse campo e os docentes continua sem ocorrer depois da formação, o que indica a necessidade de projetos com foco em professoras já em atuação.

4.3. Ausência de bases para a discussão ambiental no Ensino de História

No entanto, mesmo com as dificuldades de contato entre bibliografia contendo perspectiva de História Ambiental o que resultaria na não existência de “bases” um dos docentes entrevistados, Professor A, afirmou que:

Ultimamente eu venho dando uma importância maior, desde que eu percebi essa relação História e Natureza, uma relação bem próxima, uma relação bem importante. Daí que a Educação Ambiental é fundamental para se compreender a maneira que o homem vem dilapidando o Meio Ambiente. Acho que como profissional de História é fundamental você perceber esse olhar do processo histórico, do passado para os dias atuais. Até mesmo para você mostrar para o aluno como essas transformações vêm ocorrendo de maneira gradativa e trazendo sérios problemas para o dia de hoje. Daí a História com esse olhar, passado e presente nessa relação, então cabe perfeitamente dentro desse viés da Natureza, do Meio Ambiente, então a educação é fundamental. Ultimamente venho apostando mais nos meus conteúdos, até mesmo por conta do debate que vem, não recordo a Lei ambiental, as escolas e secretarias já vem trabalhando essa questão ambiental. Os temas anuais nas secretarias muitas vezes vêm com o tema Meio Ambiente. A gente até brinca em algumas escolas que o tema só é Meio Ambiente, Meio Ambiente, Meio Ambiente.⁹⁴

A relação da História com a Educação Ambiental aparece na visão do Professor A no momento em que as aulas do “profissional de História” abordam as transformações que ocorrem no Meio Ambiente ao longo dos processos históricos “trazendo sérios problemas para os dias de hoje”. O docente destaca ainda que a atenção para o tema também está relacionado com a solicitação das secretarias de educação, baseados em uma Lei que o professor comenta não lembrar, para que a questão do Meio Ambiente seja abordada nas escolas. Ainda destaca que com as solicitações das secretarias algumas vezes o tema parece

⁹² Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

⁹³ Como foi comentado no primeiro capítulo, a formação de professores possui muita responsabilidade em ajudar o graduando no desenvolvimento de seu saber fazer. A didática e a metodologia de como inserir a questão ambiental e a execução da Educação Ambiental no Ensino de História também devem ser preocupação no Ensino Superior. No entanto, não é objetivo deste trabalho se aprofundar na discussão sobre o Ensino Superior.

⁹⁴ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

que “só é Meio Ambiente, Meio Ambiente, Meio Ambiente”. Mas mesmo dessa forma se apresenta nas aulas de História “não de forma principal”, e relacionando em muitos casos com “aquelas civilizações como Mesopotâmia... Egito, que tem uma relação muito forte com os rios”⁹⁵. Destaca-se que a região amazônica não aparece na fala desse professor para se referir a sociedades que possuem nítida relação com rios.

A história regional e local não emerge nas argumentações da maioria dos entrevistados. Com as fontes é de se perceber uma lógica de observação dos processos históricos que reconhece apenas em tempos distantes, e espaços distantes, a possibilidade de tratar sobre Meio Ambiente e Natureza, e consequentemente realizar a Educação Ambiental. O período mais próximo dos dias atuais destacado pelos entrevistados, que se relaciona diretamente com os conteúdos da disciplina de História, aparentemente é encontrado na fala da Professora H quando essa responde sobre a Natureza nos processos históricos e comenta dos “projetos militares” na Amazônia da década de 1960, como foi exposto no segundo capítulo.

Em muitos momentos a interpretação dos docentes de História do município de Ananindeua entende que fazer Educação Ambiental em suas aulas seria tratar sobre uma história da destruição ambiental, afinal “nesse processo histórico a Natureza só se ferra”. Fazer EA em História seria mostrar como a humanidade chegou nos problemas ambientais existentes hoje.

Uma visão que, além de excluir a complexidade histórica, acaba por resumir a Educação Ambiental em um acúmulo de conhecimento sobre a história da destruição do Meio Ambiente e da Natureza. Na EA é importante conhecer os seus objetivos expostos em documentos como a Carta de Belgrado, pois dessa forma é possível perceber que a História pode contribuir muito na “Tomada de Consciência” e no adquirir de “Conhecimentos” dos alunos, mas o professor da disciplina também deve se importar com as “Atitudes”, “Aptidões” e “Participação”.

Para isso, incluir o próprio movimento ambientalista nas narrativas históricas de suas aulas já torna mais viável o alcance desses pontos destacados. Expor que as relações com o Meio Ambiente e a Natureza não se dão da mesma forma em todas as sociedades e algumas podem ser vistas como mais sustentáveis, com isso convidar os alunos para uma reflexão

⁹⁵ Ibidem.

sobre suas próprias práticas, de sua família, do governo municipal, estadual, etc. Uma contribuição importante para a Educação Ambiental e para o processo educativo como um todo.

Talvez tomar conhecimento sobre essas possibilidades, bem como sobre o próprio percurso histórico da EA, possibilite aos professores articularem os conteúdos com os objetivos da EA em seus conteúdos do Ensino de História. Reconhecer a importância da Natureza e Meio Ambiente para a narrativa histórica é um passo, mas o papel do docente ainda precisa usar seu saber fazer para incluir os outros objetivos da EA em suas discussões de História. Essa realidade é exposta na argumentação do Professor B quando responde sobre a importância da Educação Ambiental nas aulas de História:

Agora tu me deixou um pouco sem fala. Eu apesar de reconhecer a importância da Educação Ambiental, em momento anterior eu já reconheci que não sou muito conhecedor dessa temática no Ensino da História. Eu dou pouquíssima ênfase durante as aulas, a não ser na questão de reconhecer a importância da Natureza, do Meio Ambiente, nos processos históricos. Mas a própria Educação Ambiental, no sentido de trabalhar a conscientização, os cuidados com o Meio Ambiente eu pouco faço durante as minhas aulas. A não ser durante as ações dos projetos interdisciplinares da escola, onde eu pego momentos da minha aula para falar a respeito, mas não necessariamente relacionar nos conteúdos, ações que visem o cuidado com o Meio Ambiente ou como foram as experiências humanas ao longo do tempo nesse sentido. Eu venho pecando muito nisso, venho dando pouca ênfase.⁹⁶

Como já foi possível observar com as análises expostas neste capítulo, não existe consenso entre os professores sobre a definição de Educação Ambiental. As representações criadas pelos docentes sobre esse conceito parecem partir em sua maioria de uma perspectiva bastante particular. Um cenário que ocorre também nos resultados de outras pesquisas como de Marilena Loureiro Silva⁹⁷. Quando se preocupou em perceber a forma que professores do Estado do Pará que trabalhavam em projetos governamentais focadas em EA, percebeu que não existia uma definição em comum dos professores sobre esse conceito.

A partir das fontes se pode considerar que grande parte dos professores de História de Ananindeua entrevistados não utiliza autores, nem cita legislações ou documentos que ajudem a construir e sustentar suas visões sobre EA. A forma que entendem a Educação Ambiental em alguns momentos parece estar relacionada com a maneira que acreditam realizar essa formação em suas aulas de História. No entanto, em alguns momentos a própria definição

⁹⁶ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

⁹⁷ SILVA, Marilena Loureiro. **Construindo a história da Educação Ambiental no Estado do Pará na década de 90**: das escolas de Belém às escolas da Floresta de Caxiuanã. Dissertação (Mestrado). Belém: PLADES/NAEA/UFPA, 2000, 126p.

desses professores sobre tal conceito entra em contradição com a forma que eles afirmam trabalhá-lo no ensino. As representações dos entrevistados sobre os conceitos de Natureza e Meio Ambiente em alguns momentos direciona o entendimento sobre uma definição de EA, mas em outros momentos parece não ser definidora. A própria definição de EA entra em contradições de uma pergunta para a outra. Um exemplo é o do Professor C que define a Educação Ambiental em uma perspectiva “Conservacionista/recursista”, mas quando trata sobre a importância dessa formação nas aulas de História escreve que:

A educação ambiental tem como propósito na formação de cidadãos aptos na atuação política, capazes de reivindicar uma melhor justiça social e cidadã tanto a nível local, nacional e internacional, visando uma atitude ética nas relações sociais com a natureza E a História passou, a incorporar o estudo sobre as interações entre os seres humanos com a natureza. Já que, se ela, está a interferir na vida humana, então para nós historiadores interessa o seu estudo.⁹⁸

Acrescentando fatores como participação social e até mesmo a reivindicação de uma “justiça social” apenas quando a ideia de EA se relaciona com o Ensino de História, enfatizando que o campo passou a “incorporar o estudo” sobre humanidade e Natureza. A escrita do docente pode sugerir uma compreensão de que a Educação Ambiental é algo que pretende construir valores de conservação do “meio ambiente”, enquanto a História se preocupa com a sociedade e setores como política. Então, uma preocupação com a sociedade só seria adicionada à EA com a disciplina de História. Além disso, afirma que nas suas aulas insere a Educação Ambiental:

Procurando mostrar em certos assuntos, a relação Homem-Natureza, e onde ele ao impor o seu domínio sobre ela, acabou sofrendo consequências, em sua maioria negativas, como injustiça social, levando ao aumento da miséria, desemprego e violência, como: Revolta da Vacina”, ocorrida no Rio de Janeiro, a “Belle Époque” na Amazônia, “Canudos” (sertão da Bahia) e o “Contestado” (no sul do país), são alguns exemplos de assuntos, os quais abordo em sala de aula, tal temática.⁹⁹

Essa aparente separação entre uma Educação Ambiental que não trata sobre questões da sociedade e uma História “sendo o Homem o protagonista”¹⁰⁰ pode dificultar a articulação entre a temática ambiental, o fazer EA e os conteúdos de História. O que poderia gerar um apagamento da Educação Ambiental nas aulas “A não ser durante as ações dos projetos interdisciplinares”¹⁰¹. O Professor C destaca conteúdos em que aborda a EA e um deles é a “Revolta da Vacina”. Em uma aula observada que foi ministrada por esse docente em uma

⁹⁸ Entrevista realizada por documento de texto via e-mail em abril de 2020 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

turma de terceiro ano do Ensino Médio o conteúdo principal foi justamente esse. Em determinado momento o professor cita que em regiões pobres do Rio de Janeiro a situação era “insalubre” e propícia a doenças¹⁰². Na aula não existiram articulações que se aprofundassem sobre a questão ambiental ou buscassem realizar Educação Ambiental com foco nos dias atuais, seja em âmbito local ou global.

No geral é perceptível a dificuldade de muitos dos entrevistados em verbalizar sobre sua prática no que tange a inserção da EA nas aulas. Uma história da destruição muitas vezes ganha todo o espaço do debate ambiental na fala e escrita dos professores. Alguns reconhecem a dificuldade em conseguir metodologias de articulação entre conteúdos e Educação Ambiental com o medo de “deixar de falar do que tem que ser falado, que é a História”¹⁰³. Para iniciar uma superação dessa problemática a História Ambiental é uma ferramenta indispensável. Um maior conhecimento sobre a legislação e documentos que apresentam a Educação Ambiental também é importante, pois além de apresentarem definições permitem a compreensão pelo Professor Historiador de que o próprio conceito de EA surge ao longo do processo histórico.

Existe também um reconhecimento por parte dos professores de que os materiais didáticos precisam visar uma maior articulação entre os conteúdos, a questão ambiental e a realização da EA, pois alguns professores apontam que quando os materiais didáticos apresentam algo sobre Meio Ambiente “debatem um textozinho lá no final”¹⁰⁴ ou “o livro didático às vezes tal temática ambiental não está a contemplar”¹⁰⁵. A temática surgiria nos materiais, segundo a visão de alguns docentes, como um apêndice¹⁰⁶. Materiais que articulam melhor a temática contribuem com o melhor saber fazer dos professores referentes a essa questão.

¹⁰² Aula ministrada em novembro de 2019 pelo docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA). A aula foi observada na realização do Estágio Supervisionado III (com orientação da Prof. Dr. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo na Universidade Federal do Pará – Campus Ananindeua) e possibilitou coleta de material para investigação da pesquisa “História e Educação Ambiental nas escolas de Ananindeua”, coordenada pelo Professor Dr. Wesley Oliveira Kettle.

¹⁰³ Conversa com professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (PA), após a entrevista realizada em outubro de 2016.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Entrevista realizada por documento de texto via e-mail em abril de 2020 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

¹⁰⁶ Um aprofundamento sobre a questão do material didático não é objetivo deste trabalho. Propostas para a inserção nos livros didáticos de uma perspectiva mais atenta para questões ambientais e da Natureza ao longo da História já podem ser vistas há bastante tempo. Ver: SOFFIATI, Arthur. A ausência da natureza nos livros didáticos de História. Revista Brasileira de História, 1989, v. 9, n. 19, p. 43-56.

Mesmo com as dificuldades, e em alguns momentos admitindo que a Educação Ambiental não aparece em suas aulas, os professores reconhecem que o docente da disciplina de História é possuidor de algum papel dentro da discussão sobre questões ambientais. O próximo e último tópico deste capítulo comenta sobre as respostas de alguns entrevistados quando questionados “Qual a importância do professor de História em discutir esse assunto?”. Nesse tópico também se comentará brevemente da importância do contato com o núcleo pedagógico¹⁰⁷ das escolas, bem como com toda a comunidade escolar, para a inserção da EA nas aulas de História.

4.4. A importância do professor de História na discussão da temática ambiental na visão dos entrevistados

Como já foi demonstrado anteriormente, os professores do Ensino Básico possuem responsabilidades na formação dos alunos para a cidadania. A discussão ambiental é um dos elementos que deve ser trabalhado para tal processo formativo. Os docentes da disciplina de História teriam, como todos os outros do Ensino Básico, papel nas abordagens sobre Meio Ambiente, Natureza e realização da Educação Ambiental. O Professor Historiador seria então importante na realização de pesquisas preocupadas com uma ótica mais aproximada da História Ambiental. Mas seria também um sujeito com capacidades de inserir a perspectiva histórica na Educação Ambiental, tanto nas aulas quanto nos projetos pedagógicos escolares. No entanto alguns professores ainda acreditam que a disciplina de História não tem capacidade de “estabelecer ações dentro do currículo que vão trabalhar com os alunos”¹⁰⁸ relacionadas à temática ambiental. Para os professores dessa disciplina caberia apenas o papel de “suporte dado a outras disciplinas”.

O reconhecimento de que o docente de História é um sujeito capaz de contribuir com a discussão ambiental, tanto no debate sobre experiências passadas quanto propostas para os dias atuais, é fator que contribui para a inserção da EA nas aulas dessa disciplina. Para analisar a percepção dos professores de Ananindeua sobre isso, nas entrevistas realizadas foi levantado o questionamento de “Qual a importância do professor de História em discutir esse assunto?”. Todos os professores confirmaram a importância, mas suas argumentações expressam compreensões diferentes. Em alguns momentos comentam sobre a capacidade de

¹⁰⁷ Termo utilizado aqui como sinônimo de coordenação pedagógica.

¹⁰⁸ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

expor aos alunos os impactos históricos da humanidade na Natureza, em outros casos destacam a contribuição para “formação de cidadãos críticos e conscientes”.

As respostas do Professor A e do Professor C caracterizam bem essas duas perspectivas. O primeiro docente expõe que a importância do professor de História para a discussão da temática ambiental é:

Para você perceber e mostrar para o aluno como a Natureza vem sofrendo todo um impacto com a intervenção do homem, até mesmo pela questão do capitalismo mesmo, essa necessidade toda de tecnologia, industrialização e isso tudo acarreta impactos para a Natureza. No processo histórico isso fica um pouco mais claro se trabalhado em sala de aula, mostrando para o aluno essas mudanças no decorrer da história, no decorrer do processo histórico. Acho fundamental nesse sentido, com certeza.¹⁰⁹

Na visão do docente, que se conecta com sua definição de Educação Ambiental, o papel do professor de História seria fundamental a partir do momento em que ele próprio percebe o processo histórico da “intervenção do homem” na Natureza, que por consequência do “capitalismo” geraria “impactos”. O papel estaria na inserção dessa perspectiva nas aulas da disciplina de História. O Professor C, por sua vez, comenta que o “Homem” é protagonista da história e que os alunos são os sujeitos que devem ser formados “como cidadãos críticos e conscientes” para atuarem da melhor forma na realidade – noção que está de acordo com a escrita do docente sobre a importância da EA nas aulas de História. A partir do debate sobre Meio Ambiente os alunos seriam formados para atuarem tomando melhores decisões no campo “socioambiental”. Estariam aptos para serem protagonistas na história:

Tem uma importância grande, haja vista que sendo o Homem o protagonista da História e ,que a principal função de se trabalhar em sala de aula com a temática meio ambiente ,e está a contribuir na formação de nossos alunos, como cidadãos críticos e conscientes ,e preparados para atuarem e decidirem sobre a realidade socioambiental em que vivem, seja a nível, local, regional, nacional e internacional, ajudando a preservar a natureza e a melhorar o mundo em que vivemos.¹¹⁰

Semelhante a esses dois docentes o Professor L acredita que a importância do professor de História está em mostrar aos alunos como “nós” afetamos o “Ambiente” ao longo do tempo, mas acrescenta também ênfase em educar para “procurar diminuir essa degradação que acontece cotidianamente”¹¹¹.

¹⁰⁹ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

¹¹⁰ Entrevista realizada por documento de texto via e-mail em abril de 2020 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA).

¹¹¹ Entrevista realizada em maio de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Escola que se localiza na BR 316, Km 8, Ananindeua(PA).

Já a Professora H enfatiza em sua argumentação que acredita que o professor de História pode oferecer “conscientização”¹¹² e ferramentas para fazer com que o aluno reflita sobre sua realidade e construa práticas melhores com o Meio Ambiente, mas destaca que apenas o tempo é capaz de confirmar se o aluno aplica ou não tais reflexões em sua vida - uma noção que dialoga diretamente com a perspectiva de Educação Ambiental da corrente “Moral/ética” dessa professora.

Um entrevistado que destoa de suas argumentações quando trata sobre essa questão é o Professor N. Quando expressa de forma escrita sua compreensão de Educação Ambiental e Natureza apresenta uma representação na qual as questões sociais são muito enfatizadas. Porém, quando escreve sobre a importância do professor de História na discussão ambiental reduz a problemática para o trato com o ambiente escolar, omitindo possibilidades mais amplas de ação e apagando nesse momento suas críticas ao “capitalismo”. Realizando o comentário de que os alunos devem ser informados de que precisam mudar seus possíveis hábitos “depreciativos” o Professor N escreve que:

Tenho certeza que o professor de história tem muito a contribuir com a Educação Ambiental. A educação ambiental começa nos pequenos gestos, em sala de aula, quando pedimos para os estudantes colocar o lixo na lixeira. Tem gente que chega na escola e traz hábitos ruins de casa ou do meio em que vivem. É importante dar as boas vindas aos estudantes e afirmar que ali é um ambiente educacional e portanto, dar a notícia de que deverão mudar determinados hábitos para construir juntos um ambiente socialmente livre de iniciativas depreciativas ao meio em que estamos inseridos.¹¹³

Aprofundando sua visão sobre a indagação, o Professor G afirma que a importância do docente de História na discussão dessa temática está em “dar significado para a vida dos alunos”¹¹⁴. Também na fala da Professora J emerge um sentido mais profundo sobre o papel do docente de História. Para ela seria importante tratar de Natureza e Educação Ambiental com os alunos na disciplina, pois “A gente tem que fazer uma ligação com a vida que eles vivem, porque se não a gente não ensina história pra vida a gente ensina história para a prova”¹¹⁵.

¹¹² Entrevista realizada em dezembro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, em Ananindeua (PA).

¹¹³ Entrevista realizada via e-mail em maio de 2017 com professor de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Vianna da Silveira. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA).

¹¹⁴ Entrevista realizada em março de 2017 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luís Nunes Direito, localizada na Cidade Nova IV, em Ananindeua (PA).

¹¹⁵ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal Prof. Benedito Maia, localizada no Conjunto Abelardo Conduru em Ananindeua (PA). Duas professoras dessa escola foram entrevistadas.

Em uma argumentação que concorda com a Professora J no que diz respeito a um ensino “para a vida”, o Professor I lembra de que a temática está presente fora da escola e afirma que quando se trata do papel do docente de História nessa questão “a importância é da maior possível. [...] Até porque quando o aluno sai da escola essa discussão ela tem em vários lugares. O professor precisa fazer da sala de aula em momento importante para esse debate”¹¹⁶.

No entanto, existem professores que acreditam que para o docente de História o momento de atuar é quando a escola apresenta projetos focados no tema do Meio Ambiente, pois “Se a escola tá com esse projeto dá pra fazer. Modifica o teu conteúdo, o teu programa, pra atender essa necessidade”¹¹⁷. O conteúdo teria que ser modificado para conseguir abordar esse assunto e apenas em ocasiões especiais isso ocorreria. Uma visão que com auxílio de bibliografias do campo de História Ambiental, aliadas ao conhecimento do percurso histórico da Educação Ambiental, pode ser ampliada para uma perspectiva que consiga notar as possibilidades de tratar do tema ambiental, e de fazer EA, nos diversos conteúdos já trabalhados na disciplina.

Sobre o papel atuante do docente de História nessa discussão, cabe destacar que a “Importância está na relevância da problemática deste tema para o bem da humanidade”¹¹⁸, mas não apenas da humanidade. Afinal, as outras espécies também compartilham o mesmo planeta ao longo dos mais de 350 mil anos de existência dos humanos. Algumas já existiam no planeta mesmo antes dos animais humanos. Não é apenas “uma questão mesmo de sobrevivência” humana, mas de vários outros seres vivos e não vivos. É preciso compreender o valor intrínseco do mundo tido como Natural e conectar isso com as motivações humanas¹¹⁹. Respeito pela vida dos antepassados, também dos que aqui estão e dos que ainda virão, apreço pela vida de outros seres, pela beleza e pelo *oikos*¹²⁰.

¹¹⁶ Entrevista realizada em outubro de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, localizada na Cidade Nova VIII, em Ananindeua (PA).

¹¹⁷ Entrevista realizada em maio de 2018, com a docente da disciplina de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Regina Coeli, localizada no bairro do Maguari em Ananindeua (PA).

¹¹⁸ Entrevista realizada, por documento de texto via email, em agosto de 2016 com docente de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental João XXIII, localizada na BR-316 Km 7, Ananindeua (PA).

¹¹⁹ SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde**: Como pensar seriamente o planeta. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 178.

¹²⁰ Utilizando aqui o conceito como Scruton apresenta no trabalho citado na nota anterior, p. 204: que “não significa somente a morada, mas incorpora pessoas e o conjunto das moradas ali fixadas; ou seja, um conjunto humano que dota aquele lar de contornos duradouros [...] Oikos é um lugar que não é apenas meu e seu, mas nosso”. A noção de beleza citada no parágrafo também se baseia nesse trabalho do autor.

A partir disso executando os objetivos da Educação Ambiental, da “Tomada de Consciência” a “Participação”. Possibilitando a construção de uma melhor relação da humanidade com os vários Meios Ambientes e a Natureza em geral, da qual a espécie humana faz parte. O educador ambiental precisa se importar com a construção de uma melhor relação da humanidade com a sua e com as outras espécies, bem como na relação humana com o mundo ao redor.

Na tentativa de alcançar tudo isso, cada escola deve trabalhar em constante interação entre todos os sujeitos que a compõem. Alguns autores se preocupam em acentuar que um dos pontos que precisam de foco e aprofundamento para uma melhor realização da Educação Ambiental no Ensino Básico é o de:

Ampliar e fomentar o envolvimento de professores, direção, funcionários e alunos em espaços de participação (Agenda 21, Coletivos Educadores, COM-VIDA, conselhos, gestão colegiada etc.), como forma de se construir democraticamente as práticas ambientais escolares e favorecer a relação escola-comunidade.¹²¹

Para a execução desse processo de EA, a Professora M enfatiza que o professor de História possui “tanta responsabilidade quanto os demais professores”. Deve auxiliar em uma formação que ajude os alunos a se relacionarem melhor com o “seu Meio”¹²². Além disso, ainda se preocupa em enfatizar que não apenas os professores são sujeitos que devem se preocupar com o tema, mas setores como a “coordenação pedagógica, a direção da escola” devem estar atuantes ativamente na escola. De fato sobre o papel do núcleo pedagógico é possível afirmar que:

É função de coordenação pedagógica a organização das atividades escolares em torno do sentido e significado propostos pelo Projeto Político Pedagógico para a educação que se deseja implementar na escola. Trata-se de uma tarefa que se realiza por meio do trabalho coletivo, que deve articular os interesses dos diferentes setores da escola, buscando formas de integração pedagógica entre alunos, docentes e comunidade escolar, sem deixar de considerar a cultura local e os problemas enfrentados pela comunidade escolar.¹²³

Esse trabalho coletivo deve ter maior interação entre professores, coordenadores pedagógicos, alunos, familiares desses alunos e a comunidade ao redor. No entanto, essa

¹²¹ LOUREIRO, Carlos Frederico B.; COSSÍO, Mauricio F. Blanco. Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?”. In: **Vamos cuidar do Brasil: Conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO. 2007, p. 62.

¹²² Entrevista realizada em dezembro de 2016 com professora de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II em Ananindeua (Pará).

¹²³ RISCAL, Sandra Aparecida; RISCAL, José Reinaldo; STABELINI, Ana Maria. O papel da coordenação pedagógica no processo de democratização da escola pública. Cadernos da Pedagogia, 2020, v. 14, n. 27, p. 5.

prática de conexão entre os diferentes sujeitos que, direta ou indiretamente, fazem parte da escola, muitas vezes é dificultada por conta de condições precárias que o ambiente escolar se encontra.

Em alguns casos existe “falta de material didático, espaço físico impróprio para suas funções, móveis e equipamentos deteriorados, formação inadequada do corpo docente, escassez de professores e demais funcionários”¹²⁴. No entanto:

É preciso, todavia, tomar cuidado para não se erigir essas dificuldades materiais em mera desculpa para nada fazer na escola em prol da participação. Isto parece acontecer com certa frequência na escola pública e se evidencia quando, ao lado das reclamações a respeito da falta de recursos e da precariedade das condições de trabalho, não se desenvolve qualquer tentativa de superar tal condição ou de pressionar o Estado no sentido dessa superação.¹²⁵

O papel da coordenação pedagógica está também relacionado com a interação entre os docentes das várias disciplinas, prática com capacidade de contribuir para a realização da Educação Ambiental. Levanta-se em determinados momentos por professores entrevistados que ainda é necessário mais participação do núcleo pedagógico, pois:

Não existe um bom trabalho do professor sem um bom trabalho da coordenação pedagógica, um complementa o outro. Ainda bem que aqui temos um bom diálogo com a coordenação. Porém, acredito que essa coordenação ainda não separa um pensamento de que deve apenas supervisionar o trabalho do professor. Nesse sentido, precisa ainda serem pontuadas algumas questões, afinal acredito que pedagogos e professores são educadores e como tal devem estar antenados com o serviço que é oferecido por aqueles os quais temos que nos preocupar diariamente: os estudantes.¹²⁶

Essa aparente pouca proximidade da coordenação pedagógica com os professores - que mesmo em momentos nos quais os temas “geradores” como Meio Ambiente são solicitados “a coordenação deixa aberto”¹²⁷ e os docentes das disciplinas se mobilizam sozinhos para a execução da solicitação - prejudica outra necessidade para a melhoria no processo de educação, que é a formação continuada.

Anteriormente neste trabalho já foi comentado sobre a importância da formação continuada para que os professores de História na ativa atualizem seus conhecimentos teóricos e práticas metodológicas. Dessa forma, possibilitando uma inserção melhor da

¹²⁴ PARO, Vitor. Gestão da escola pública: a participação da comunidade. Revista brasileira de estudos pedagógicos, 1992, v. 73, n. 174, p 259.

¹²⁵ Ibidem, p. 261.

¹²⁶ Entrevista realizada via e-mail em maio de 2017 com professor de História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Vianna da Silveira. Escola localizada na Cidade Nova IV em Ananindeua (PA).

¹²⁷ Entrevista realizada em novembro de 2016 com docente de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil, localizada na Cidade Nova III, em Ananindeua (PA).

questão ambiental em suas aulas e, conseqüentemente, permitindo que o docente consiga mais facilmente articular a Educação Ambiental em seus conteúdos curriculares. O coordenador pedagógico também possui o papel de auxiliar os docentes na formação continuada preocupada em refletir sobre o espaço escolar, além de incentivar a auto análise sobre as dificuldades que encontra na sua prática e a partir disso buscar por soluções. No auxílio a essa formação contínua:

[...] cabe ao coordenador a difícil tarefa de auxiliar o professor no desenvolvimento do trabalho pedagógico de modo a contribuir com a melhoria da qualidade do ensino [...] Subsidiar a reflexão dos professores em serviço, problematizando as razões que justificam suas opções pedagógicas e suas dificuldades, pode favorecer a tomada de consciência dos professores sobre suas ações e estimular a pesquisa em torno dos conhecimentos que os levem a superar essas circunstâncias.¹²⁸

Essa interação com a coordenação pedagógica é também importante na realização de práticas fundamentais para a execução da Educação Ambiental. Como, por exemplo, as aulas realizadas em ambientes externos aos limites da escola. A aula de campo é uma estratégia bastante significativa para a EA, pois:

De fato, o processo ensino-aprendizagem pode ser potencializado quando desenvolvido a partir de uma visita de campo, considerando as sensações, as surpresas, o bem estar e as relações interpessoais que surgem durante a visita, seja entre a própria turma, seja desta com o professor e/ou ainda com o profissional que os recebe em áreas naturais cuja programação está vinculada à visita orientada.¹²⁹

No entanto, dos professores entrevistados apenas 28,47%¹³⁰ afirmaram realizar aulas de campo. Outros 71,43%¹³¹ comentaram que não realizam essa prática. Como empecilho para as aulas de campo, alguns professores citam a falta de recursos para as saídas, a responsabilidade que é retirar os alunos do espaço escolar e a falta de tempo para conseguir efetivar atividades fora do ambiente da escola. Porém, uma das docentes que afirmou não realizar aulas em ambientes externos ao da escola, Professora M, destacou que o próprio espaço escolar já possuía capacidade para discussões relacionadas com a temática de Natureza, Meio Ambiente e realização da Educação Ambiental.

Como sustentação de sua argumentação, a Professora M cita o caso ocorrido no período de abandono do projeto que a escola desenvolvia com a horta, que foi comentado

¹²⁸ DOMINGUES, Isaneide. **O coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola**. Cortez Editora, 2015, p. 68.

¹²⁹ TISCHNER, Angela Bárbara. **A saída de campo como estratégia metodológica para desenvolver educação ambiental no ensino formal**. Monografia (Especialização) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Medianeira, 2018, p. 22.

¹³⁰ Porcentagem que corresponde a quatro dos entrevistados.

¹³¹ Correspondente a dez dos docentes entrevistados.

anteriormente. Sem os recursos para a continuidade da técnica que cuidava do espaço e ensinava os alunos, após retornarem de um recesso de quinze dias a comunidade escolar teve problemas com infestação de caracóis e mosquitos, incluindo o *Aedes aegypti* que é transmissor da dengue e febre amarela urbana. Segundo a docente, quando os professores e alunos pesquisaram a causa da infestação perceberam que a horta havia se tornado o criadouro, o que foi confirmado pelo agente de saúde municipal que visitou a escola. A partir disso se mobilizaram para retornar os cuidados com aquele espaço. Essa experiência é usada pela Professora M para afirmar que o espaço da escola em que trabalha pode ser ferramenta útil na discussão e conscientização sobre a temática ambiental.

Escolas como as do Professor C e Professora K possuem espaços que viabilizam aulas fora da sala assim como citado pela Professora M, mantendo contato com um ambiente diferente, mas ainda dentro dos limites da escola. Outros docentes não teriam essa opção, pois as escolas se mantêm em espaços pequenos e apenas com área cimentada. A maioria dos entrevistados teria que necessariamente levar os alunos para fora dos muros da escola. O que, segundo alguns, é uma prática dificultada pela falta de recursos.

No entanto, espaços como as praças e os pequenos complexos esportivos, que são muito comuns no município - e existem próximo das escolas da maioria dos entrevistados - podem ser utilizados juntamente com as Unidades de Conservação localizadas nas proximidades de algumas escolas são opções viáveis, a custo zero, de ambientes para além da sala de aula.

Espaços como o Parque Ambiental Danúbio¹³² e o Museu Parque Seringal que existem na cidade são muitas vezes ignorados, ou mesmo desconhecidos, e os espaços que emergem na memória como únicas opções para aulas de campo se tornam as Unidades de Conservação de Belém, capital do Estado e mais distante das escolas - o que ocasionaria maior necessidade de recursos e mais responsabilidade por parte de professores e coordenadores pedagógicos.

Maior interação entre o núcleo pedagógico e os professores de História é um elemento importante para a reflexão sobre essas questões e na busca por soluções. Os fatores (a), (b) e

¹³² Parque Ambiental do município de Ananindeua localizado na BR-316, criado em 2010. Uma escola de Ensino Fundamental existe atrás do Parque e aparentemente pouco utiliza o Parque Ambiental para aulas. A professora de História da escola não retornou os contatos para participar de uma entrevista. Para mais detalhes sobre o Parque Antônio Danúbio, ver: VIDIGAL, Victória Emi Murakami. **Patrimônio ambiental urbano: uma história sobre o Parque Ambiental de Ananindeua Antônio Danúbio.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Licenciatura em História – Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, 2021.

(c) apontados por Ely Bergo de Carvalho como geradores da pouca presença da Educação Ambiental nas escolas, citados no primeiro capítulo¹³³, são temas que os coordenadores pedagógicos devem estar atentos e em constante diálogo com os docentes.

A maioria dos professores entrevistados reconhece, em menor ou maior grau, a presença da Natureza ao longo dos processos históricos. Esses estão dispostos a inserir esse elemento em suas narrativas nas aulas de História. Alguns até mesmo acreditam que fazer Educação Ambiental é apenas apresentar essa forma de olhar para a História. A maioria dos docentes possui interesse na inserção da temática ambiental e da EA no Ensino de História. Mas emergem dificuldades para a realização de tais pretensões. Pouco ou nenhum conhecimento de bibliografias com a ótica da História Ambiental - conceito que nenhum dos professores entrevistados citou -, desconhecimento sobre metodologias que permitam a realização da Educação Ambiental nas aulas de História incorporada aos conteúdos, falta de recursos na escola, preocupação com a responsabilidade de levar os alunos para fora da escola e materiais didáticos que pouco ou nada apresentam a temática ambiental articulada com os conhecimentos históricos são alguns dos problemas que surgem para os professores de História de Ananindeua. A fragmentação do conhecimento, fator (c) de Ely de Carvalho, também é um empecilho que faz alguns docentes acreditarem que a História nada tem a contribuir com a discussão ambiental.

É possível sugerir a pouca presença de “consciência ambiental” em muitos dos professores entrevistados - fator que também dificultaria a presença da Educação Ambiental nas escolas¹³⁴. Essa falta de consciência pode ser considerada quando se percebe o pouco conhecimento teórico dos docentes entrevistados sobre os conceitos importantes na realização da EA e sobre a própria EA. Também quando alguns professores omitem a necessidade de contribuir com uma formação que vise preparar os alunos para a participação nos dias atuais em questões referentes a essa temática.

Fazer Educação Ambiental não se trata de apresentar uma história simplificada na qual em todo o tempo e lugar existiu apenas a destruição da Natureza pelo “Homem”, mas de

¹³³ Em resumo: (a) a falta de uma “consciência ambiental” por parte de gestores e educadores; (b) a crônica carência material e de condições de trabalho; (c) a estrutura fragmentada do conhecimento moderno. Ver: CARVALHO, Ely Bergo de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História**. 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 215-216.

¹³⁴ CARVALHO, Ely Bergo de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História**. 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 215-216.

tomada de consciência e incentivo a uma participação que entenda a complexidade da questão ambiental. Para discutir essa perspectiva com os alunos é importante que o professor também a compreenda.

As representações dos professores da disciplina de História do município Ananindeua para os conceitos de Natureza e Educação Ambiental não seguem um padrão único de pensamento. Os docentes não entendem a Natureza da mesma forma, o que pode refletir na sua forma de observar a Natureza ao longo dos processos históricos. Da mesma forma, não existe uma singularidade na definição de Educação Ambiental desses professores, o que reverbera na forma de entender a inserção da EA no Ensino de História.

Legislações, documentos oficiais voltados ao ensino e teóricos do campo ambiental quase não aparecem nas falas e escritas dos entrevistados. O cenário encontrado a partir dos resultados da investigação parece exibir que os professores de História do município partem de interpretações particulares a respeito do mundo para definir os conceitos de Natureza, Meio Ambiente e Educação Ambiental. É possível considerar, com tudo que já foi exposto anteriormente, que alguns professores não haviam se preocupado em definir tais conceitos antes de participarem da pesquisa, o que em alguns momentos parece causar contradições entre as visões apresentadas de uma pergunta para outra do questionário.

Poucos docentes entrevistados parecem reconhecer a importância do professor de História para o tema ambiental em um cenário amplo. Não comentam sobre o seu papel na pesquisa dentro desse tema, em alguns momentos é citado até mesmo como um sujeito que deve cumprir o que o currículo estipula sobre Meio Ambiente, mas nada tem a contribuir para a melhoria desse mesmo currículo. Investigar as representações de professores de História é um dos caminhos para a construção de projetos que visem os conscientizar da importância do Professor Historiador na formação dos cidadãos atuantes na sociedade. Sujeitos com capacidade de lutar contra a repetição de dias como o 6 de agosto de 1945. Atuar contra “bombas” de diversos tipos que destruam o equilíbrio socioambiental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto e comentado ao longo dos capítulos, nota-se a dificuldade de alguns professores entrevistados na verbalização de suas compreensões do conceito de Natureza, o que ocorre também em argumentações de entrevistas escritas. Na maioria das vezes sempre utilizando o conceito de Meio Ambiente como palavra associada. Natureza e Meio Ambiente aparecem então como conceitos sinônimos para a maioria dos docentes que participaram da pesquisa. Quando o conceito em questão é o de Educação Ambiental, a maioria das argumentações, faladas e escritas, se utilizam tanto dos conceitos de “Natureza” como de “Meio Ambiente”.

Os docentes participantes apresentaram representações que, aparentemente, são construídas, na maioria dos casos, a partir de entendimentos bastante individuais. Articulam suas visões sobre o mundo e sobre a Educação, sem necessariamente recorrer a autores, Leis, ou documentos oficiais, para discorrer sobre Natureza e Educação Ambiental. Em muitos casos foi possível relacionar as representações que aparecem nas fontes com categorias apresentadas por Irineu Tamaio¹, para Natureza, e Lucie Sauvé², para Educação Ambiental. Mas em alguns momentos foi necessário pensar na possibilidade de novas categorizações.

As representações dos professores são diversificadas, não seguindo um padrão específico para todos. A categoria de Natureza que apareceu mais vezes foi a que Irineu Tamaio nomeia como “Naturalista” (4 vezes), seguida pela categoria, elaborada a partir da análise das fontes, “Ambiente Natural-Modificado” (3 vezes)³. A maior parte dos professores percebe e indica importância da Natureza no decorrer dos processos históricos, com apenas uma docente afirmando que a Natureza não seria de “suma importância” para tais processos.

Para o conceito de Educação Ambiental, a “corrente” mais frequente na qual os docentes tiveram suas representações consideradas como próximas foi a que Lucie Sauvé

¹ TAMAIO, Irineu. **A mediação do professor na construção do conceito de natureza**: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo-São Paulo/SP. Dissertação (Mestre em Educação Aplicada às Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. 2000.

² SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Moura. **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. São Paulo: Artmed, 2005, p. 17-44.

³ Além de: (1) “Utilitarista”; (1) “Homem Biológico” – construída a partir da análise das fontes; (1) “Nossa Essência” - construída a partir da análise das fontes; (2) “Meio Ambiente Humano” - construída a partir da análise das fontes; (2) “Relação Mundo” - construída a partir da análise das fontes.

chama de “Conservacionista/recursista” (5). A corrente “Humanista” foi considerada como próxima das representações de 3 dos entrevistados. A corrente “Crítica” foi considerada para classificar as representações de 2 professores. Um docente teve sua representação entendida como próxima da corrente “Moral/Ética”, assim como outro teve a sua representação comparada com a “Resolutiva”. Dois professores que participaram da pesquisa apresentaram representações para o conceito de EA definidas com a categoria “História Ambiental”. Essa categoria foi construída a partir do momento que se verificou a semelhança das representações de ambos docentes com as definições que caracterizam o campo da História Ambiental.

A maior parte dos entrevistados afirmou reconhecer a importância da Natureza para o decorrer dos processos históricos. No entanto, é de se notar que isso não necessariamente implica em uma maior presença de discussões sobre Natureza e Meio Ambiente nas narrativas das aulas de História. A questão ambiental foi descrita pelos professores como de responsabilidade de todas as disciplinas do currículo escolar (alguns professores citaram diretamente algumas e outros apenas indicaram “Todas”). O papel do professor de História na discussão ambiental foi apresentado nas argumentações dos entrevistados como importante. As justificativas dessa importância variam, e vão de “ajudar a preservar a natureza e o mundo em que vivemos” ou mostrar como a “Natureza vem sofrendo todo um impacto com a intervenção do homem [...] No processo histórico” à de desenvolver nos alunos a consciência de “colocar o lixo na lixeira”.

Ressalta-se que a existência de contradições entre as respostas de um mesmo docente é compreensível. Principalmente quando se considera a possibilidade de estarem refletindo sobre as questões, e precisando realizar definições, pela primeira vez. É possível que, anteriormente à realização das entrevistas com os 14 professores de Ananindeua, muitos desses docentes nunca tenham precisado refletir e verbalizar, ou escrever, sobre algumas das 12 indagações propostas pelo questionário semiestruturado aplicado pela pesquisa.

Nenhum docente em suas ponderações comentou sobre a historicidade dos conceitos que estavam em questão. Não trataram da Natureza, Meio Ambiente e Educação Ambiental como conceitos que possuem processos de construção e reconstrução ao longo da história. Isso pode ocasionar perdas para a construção das aulas, pois o processo histórico desses conceitos permite perceber as diferentes formas que, ao longo do tempo, as diferentes sociedades se relacionaram e definiram Natureza e Meio Ambiente. Da mesma forma, com o histórico do conceito de Educação Ambiental os professores têm um conhecimento que pode

ser articulado com os conteúdos obrigatórios da disciplina, exibindo o percurso das preocupações em âmbito global da questão ambiental.

Alguns entrevistados reconheceram a existência de um campo na História interessado na relação da humanidade com a Natureza ao longo do tempo, mas trataram como uma proposta ainda recente. O pouco conhecimento sobre o campo e as produções da História Ambiental pode ser prejudicial para a execução da Educação Ambiental no Ensino de História. Em medida que a História Ambiental é uma ferramenta de muita importância para articular os conhecimentos históricos, e os conteúdos que devem ser estudados na disciplina escolar de História, com os objetivos da Educação Ambiental propostos em documentos como a Carta de Belgrado e a Constituição Federal do Brasil.

O histórico exposto no primeiro capítulo deste trabalho, sobre a EA e um pouco da relação do Ensino de História com a temática ambiental, pode ser usado como mais uma fonte de consulta para ajudar professores a entrarem em contato com conhecimento sobre esses processos históricos. O que pode se tornar um caminho para a busca de produções dentro do campo da História Ambiental. As outras discussões sobre a historicidade do conceito de Natureza e reflexões sobre o conceito de Meio Ambiente também podem contribuir nesse sentido.

Com os resultados obtidos, também se percebe a importância do fornecimento de oportunidades para formação continuada dos professores de História. Um considerável número de docentes entrevistados comentou, em contatos para a realização das entrevistas, sobre a ausência de discussões sobre a temática ambiental e Educação Ambiental em suas formações como professores. Demonstram interesse em conhecer mais sobre como realizar a Educação Ambiental em suas aulas da disciplina.

Minicursos como o intitulado “Cartografia e Meio Ambiente no estudo da história”, que foi realizado no ano de 2017 pelo autor deste trabalho em parceria com o Bolsista Edimar Ribeiro dos Santos Junior (com coordenação dos Professores Doutores Wesley Oliveira Kettle e Carlos de Castro Bastos), voltados a apresentar formas de inserir a Cartografia e a temática ambiental na pesquisa e Ensino de História são iniciativas úteis para ajudar na formação continuada. Cursos realizados de forma virtual, como o “Meio Ambiente para Ensinar História” (organizado e realizado em 2021 pelo Grupo de Pesquisa História e Natureza, foi coordenado pelos Doutores Wesley Kettle e Gabriel Pereira de Oliveira),

também são importantes por conta de conseguirem alcançar um público de diversas regiões. No curso citado, que contou com mais de oitenta inscitos, o autor deste trabalho ministrou o Módulo “Educação Ambiental no Ensino de História”. O Módulo se preocupou com a necessidade de apresentar o histórico da EA e apresentar como realizar de fato a Educação Ambiental no Ensino de História utilizando a História Ambiental como ferramenta.

Iniciativas para produções de materiais didáticos também devem ser incentivadas. Afinal, alguns entrevistados comentaram sobre a carência de materiais de História que apresentem a temática ambiental em seu conteúdo. As Universidades e o Ensino Básico devem estar em constante contato para juntas contribuírem com essas produções – a simples visita para a realização das entrevistas com os docentes de Ananindeua já foi descrita por alguns deles como um contato que deveria ocorrer mais vezes.

Políticas públicas que invistam em EA são igualmente necessárias. Afinal, a maioria dos professores que participaram da pesquisa indicou que um dos empecilhos para não realizarem aulas de campo é a falta de investimentos para realização desse tipo de atividade.

A questão ambiental é uma temática que não pode estar fora das disciplinas do currículo escolar, pois é algo previsto em Lei. É importante que os professores se interessem pela questão e compreendam que a Educação Ambiental é uma ferramenta, obrigatória, para discutir esse tema em suas aulas de História. Além de cumprirem com a obrigatoriedade da Educação Ambiental no ensino, estarão enriquecendo a narrativa histórica das aulas de História. Para efetivamente fazer EA devem entender os objetivos de tal Educação, além de compreender a presença da Natureza e a importância do Meio Ambiente no decorrer dos processos históricos. O campo da História Ambiental pode então ser o elemento de ligação entre aulas de História e EA.

No entanto, os resultados aqui expostos permitem compreender que ainda é necessária a preocupação com o saber fazer da Educação Ambiental no Ensino de História. Alguns docentes se preocupam em afirmar que os livros didáticos da disciplina não apresentam a temática do Meio Ambiente articulada com os conteúdos. Unindo isso aos comentários que revelam a não realização da discussão ambiental e da EA no período de Graduação, o campo do Ensino de História se apresenta para esses docentes como uma área distante, que pouco tem a contribuir com a temática. Na realização do processo de elaboração e execução das aulas ocorre então a falta do saber fazer. Sem esse, que é a habilidade que permite o professor

ou professora articular o campo da História e do Meio Ambiente para fazer um Ensino de História que faz também Educação Ambiental, a questão ambiental fica afastada das aulas. E, em muitos momentos, faz com que o docente de História não seja visto como sujeito de destaque nem mesmo nos projetos anuais de Meio Ambiente nas escolas.

Mas a partir do momento que toma conhecimento da grande relação entre História com a temática do Meio Ambiente, conhecendo e utilizando de ferramentas como a História Ambiental, e aprende a realizar essa relação nas narrativas das aulas, o Professor Historiador se torna um dos sujeitos de grande importância no ambiente escolar para a temática. Incorporando a discussão ambiental em suas aulas, discutindo esse tema no Projeto Político Pedagógico, nos projetos anuais, e onde quer que o tema se apresente. Pesquisar as representações dos docentes sobre o assunto é um dos passos para ajudá-los a compreender a importância da temática para sua atuação na Educação.

O presente trabalho não esgota a temática, e não teve esse objetivo, mas abre caminho para novas pesquisas que relacionem Educação Ambiental e Ensino de História tendo os professores de História do município de Ananindeua como principais personagens. Pesquisas investigando a compreensão dos alunos de escolas do Ensino Básico no município sobre conceitos relacionados à EA⁴ também são importantes. Os resultados dessas investigações, articulados com de outras pesquisas sobre os professores, permitem uma análise tanto sobre a forma que a temática ambiental em geral está sendo ministrada, quanto sobre a forma que está sendo recebida pelos alunos. Este trabalho emerge como contribuição para pesquisas sobre EA e Ensino de História em Ananindeua, enfatizando a importância de outras.

⁴ CORDOVIL, Wendell P. Machado; KETTLE, Wesley Oliveira. As concepções dos alunos do ensino básico sobre Educação Ambiental e sua relação com a disciplina de História. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria de Sousa. (Org.). Aprendendo História: Diálogos Transversais. 1ed.União da Vitória: Sobre Ontens, 2019, v. 1, p. 445-454.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANANINDEUA (Município). Lei Municipal nº 2.510, de 23 de maio de 2011. **Institui a Política Municipal de Educação Ambiental, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.ananindeua.pa.gov.brpublicarquivoslegislacaoLEI_No._2.510_DE_23_DE_MAI_O_DE_2011.pdf Acesso em 01/10/2019.
- ANANINDEUA (Município). Lei Municipal Nº 2.560, de 29 de março de 2012. **Cria a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) denominada “Museu Parque Seringal” e dá outras providências**. Disponível em: http://www.ananindeua.pa.gov.br/public/arquivos/legislacao/LEI_No._2.560_DE_29_DE_MARCO_DE_2012..pdf Acesso em: 13/07/2020.
- ANDRADE, Maria Carolina Pires de; PICCININI, Cláudia Lino. **Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular: retrocessos e contradições e o apagamento do debate socioambiental**. In: **IX Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017, 13p.
- BARROS, Gabriel Renan Neves. **A disciplina de estudos amazônicos e a formação de professores do ensino fundamental: uma experiência no município de Marabá-PA**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2016, p. 38.
- BARROS, José D’Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia história**, 2006, v. 22, n. 36, p. 462.
- BATTISTI, César Augusto. Descartes: da unidade originária da razão e seus desdobramentos. **Revista Diaphonía**, 2015, v. 1, n. 1, p. 116-137.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**, 2012, v. 1, p. 239-243.
- BEZERRA, Tatiana Marcela de Oliveira; FELICIANO, Ana Lícia Patriota; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés–Região Metropolitana do Recife-PE. **Biotemas**, 2008, v. 21, n. 1, p. 147-160.
- BINDER, Jeffrey R. et al. Distinct brain systems for processing concrete and abstract concepts. **Journal of cognitive neuroscience**, 2005, v. 17, n. 6, p. 905-917.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. **História & Ensino**, 2003, v. 9, p. 37-61.
- BIZERRIL, Marcelo; FARIA, Dóris S. Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 2001, v. 82, n. 200, p. 57-69.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.55.

BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm Acesso em: 11/06/2021.

BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** Introdução. Brasília: DF. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** Caderno Meio Ambiente. Brasília: DF. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** a educação é à base. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 14/10/2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Formando Com-Vida:** Construindo a Agenda 21 na Escola. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/FormandoComVida.pdf Acesso em: 02/10/2019.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa.** 2 ed. (Tradução: Raul de Polillo). São Paulo: Melhoramentos, 1969.

CARVALHO, Ely Bergo de. “A natureza não aparecia nas aulas de História”: lições de educação ambiental aprendidas a partir das memórias de professores de História. **História oral**, 2012, v. 1, n. 15, p. 107-129.

CARVALHO, Ely Bergo de. A história ambiental e a crise ambiental contemporânea: um desafio político para o historiador. **ESBOÇOS (UFSC)**, Florianópolis-SC, 2014, v. 11, p. 105-116.

CARVALHO, Ely Bergo de. História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, João Edson de Arruda; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Ronilson Rosa. (Org.). **Escrita da História.** 1ed. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010, p. 215-216.

CARVALHO, Ely Bergo de. Uma história para o futuro: o desafio da educação ambiental para o ensino de história. **História Hoje**, 2011, v. 5, p. 1-10.

CARVALHO, Ely Bergo de. Uma voz que clama no deserto: minhas experiências de educação ambiental na formação inicial de historiadores. **Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação**, 2017, v. 4, n. 6, p. 15-31.

CARVALHO, Ely Bergo de; COSTA, Jamerson de Sousa. Ensino de história e meio ambiente: uma difícil aproximação. **História & Ensino**, 2016, v. 22, n. 2, p. 49-71.

CARVALHO, Isabel Moura. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. São Paulo: Artmed, 2005, p. 17-48.

CARVALHO, Joaquim Francisco de. A gênese da bomba. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 84, 2015, p. 197-208.

CERI/OECD. **Interdisciplinarity: problems of teaching and research in universities**. 1972, p.17. Disponível em: <https://archive.org/> Acesso em: 02/04/2020.

COHEN, Sandra. **ANÁLISE: a bomba relógio que explode em 12 anos**. G1. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/08/analise-a-bomba-relogio-que-explode-em-12-anos.ghtml> Acesso em 11/06/2021.

CORDOVIL, Wendell P. Machado; KETTLE, Wesley Oliveira. As concepções dos alunos do ensino básico sobre Educação Ambiental e sua relação com a disciplina de História. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria de Sousa. (Org.). **Aprendendo História: Diálogos Transversais**. 1ed.União da Vitória: Sobre Ontens, 2019, v. 1, p. 445-454.

CORDOVIL, Wendell P. Machado; VIDIGAL, Victória Murakami ; KETTLE, Wesley Oliveira. Professores de Ananindeua e a educação ambiental em suas aulas de História. In: NUNES, Francivaldo Alves; KETTLE, Wesley Oliveira (orgs.). **Desafios do Ensino de História e prática docente**. 1 ed.Minas Gerais: VirtualBooks, 2018, v. 1, p. 122-128.

COSTA, César Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica. **Revista Katálysis**, 2017, v. 20, n. 1, p. 111-121.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. Ed 6ª, São Paulo: Editora Hucitec Nupaub, 2008.

DOMINGUES, Isaneide. **O coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola**. Cortez Editora, 2015.

DUARTE, Regina Horta. Por um pensamento ambiental histórico: o caso do Brasil. *Luso-Brazilian Review*, 2004, v. 41, n. 2, p. 144-161.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, 2004, n. 24, p. 213-225.

DULLEY, Richard Domingues. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agricultura em São Paulo**. São Paulo, 2004, v. 51, n. 2, p. 15-26.

Educação Ambiental aos Países Membros. Tbilisi, 1977, p. 3. Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155354tbilisi.pdf> Acesso em: 30/06/2019.

FAUSTO, Juliana. A cadela sem nome de Descartes: Notas sobre vivisseção e mecanomorfose no século XVII. **DoisPontos**, 2018, v. 15, n. 1, p. 43-59.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18ª ed, SP: Papirus Editora, 2012.

FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. Ética na pesquisa educacional: implicações para a Educação Matemática. In: FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 193-206.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Rosana de Carvalho Martinelli; NÉLSIS, Camila Magalhães; NUNES, Letícia Soares. A crítica marxista ao desenvolvimento (in) sustentável. **Revista Katálisis**, Florianópolis, 2012, v. 15, n. 1, p. 41-51.

FREITAS, Sandra Cristina Santiago. Políticas Públicas de Educação Ambiental no Estado do Pará: trinta anos de uma trajetória. **Revista Margens Interdisciplinar**, 2016, v. 7, n. 9, p. 131-157.

GALILEU. **Para onde o Brasil manda a sua**. São Paulo, edição 304, novembro/2016, p. 37.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Revista Diálogo Educacional**, 2017, v. 17, n. 53, p. 721-737.

GERALDINO, Carlos Francisco Gerencsez. Uma definição de meio ambiente. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, 2014, v. 18, n. 2, p. 403-415.

GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 14º ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HERCULANO, Selene. Do desenvolvimento (in)sustentável à sociedade feliz. In: GOLDENBERG, Mirian (org). **Ecologia, Ciência e Política**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992, p. 9-48.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2020**. Brasília: Inep, 2021. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica> Acesso em: 25.06.2021.

JACQUES, Le Goff. **São Francisco de Assis**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2011.

KESSELRING, Thomas. O conceito de Natureza na história do pensamento ocidental. **Episteme**. 2000, n. 11, p. 153-172.

KETTLE, Wesley Oliveira. **Proposta de Plano de Atividades para Bolsistas de Iniciação Científica**. UFPA. 2016, p. 3.

KETTLE, Wesley Oliveira; CORDOVIL, Wendell P. Machado; VIDIGAL, Victória Murakami; Natureza e ensino de história em Ananindeua. In: ALVES, David Hugo Rocha; MESQUITA, Thiago Broni de (orgs.). **As crises da República e o ensino de História: a democracia brasileira em questão**. Belém: PAKA-TATU, 2016. p. 971-982.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; CASTRO, Ronaldo Souza de (Org.). **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. 1ed. São Paulo: Cortez, 2000, v. 1, p. 93.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Muito prazer, sou a educação ambiental, seu novo objeto de estudo sociológico. In: **Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em ambiente e sociedade**. Indaiatuba: ANPED, 2002, 16p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, 2012, v. 7, n. 14. p. 388-411.

LIPAI, Eneida Maekawa; LAYRARGUES, Philippe Pomier; PEDRO, Viviane Vazzi. Educação ambiental na escola: tá na lei.... In: **Vamos cuidar do Brasil: Conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO. 2007, p. 23-32.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; COSSÍO, Mauricio F. Blanco. Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?”. In: **Vamos cuidar do Brasil: Conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO. 2007, p. 57-63.

MARX, Karl. **O capital**: livro 1, o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAMATA DISEASE MUSEUM. Cronologia. Disponível em: www.minamatadiseasemuseum.net Acesso em: 25/06/2019.

MORAES, Liciene M. S. As ciências humanas na matriz de referência do ENEM e sua reelaboração: fixação de sentidos por meio dos itens. **Revista Cadernos de Educação Básica**. 2018, v. 3, n. 1, p. 13-28.

MORIN, Edgar. As bases internacionais para a educação ambiental. In: CZAPSKI, Sílvia. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, 1998, p. 30-34.

MORITA, Takashi. A última mensagem de Hiroshima: o que vi e como sobrevivi à bomba atômica. São Paulo, Universo dos Livros, 2017, não paginado.

NAKAGAWA, Cristiane Izumi. Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 84, 2015, p. 241-259.

NETO, Manoel Aires da Silva. Políticas públicas, propaganda e movimentos sociais na Amazônia do período militar. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social** – Anpuh (RN). 2013, 13p.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, 2012, v. 22, n. 2, p. 185-191.

O GLOBO. **Desastre de Minamata, crime ecológico que deixou marcas por décadas no Japão**. Disponível em: acervo.oglobo.com Acesso em: 25/06/2019.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, 2008, v. 2, n. 3, 16 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano** – 1972. Estocolmo, 1972, p. 6. Disponível em: <https://www.apambiente.pt/> Acesso em: 30/06/2019.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, 2010, v. 24, n. 68, p. 81-101.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PARÁ – Secretaria de Estado de Meio Ambiente. **Programa Estadual de Educação Ambiental: diretrizes e políticas**. 2 ed. Belém: SEMA, 2008.

PARÁ (Estado). **Documento Curricular do Estado do Pará**. 2019, p. 269. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/403542019/Documento-Curricular-Estado-do-Para-Versa-o-Entregue-ao-CEE-14-12-2018-revisado-pdf> Acesso em: 06/06/2021.

PARÁ. Assembleia Legislativa do Estado. Lei Estadual Nº 5.600, de 15 de ago, 1990. **Dispõe sobre a promoção da educação ambiental em todos os níveis, de acordo com o artigo 255, inciso IV da Constituição Estadual, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.pge.pa.gov.br/sites/default/files/repositorio/1990/lo5600.pdf> Acesso em: 01/10/2019.

PARÁ. Secretaria de Estado de Meio Ambiente. Projeto de Lei Nº 110 de 2006. **Dispõe sobre a Educação Ambiental, Institui a Política Estadual de Educação Ambiental, no Âmbito do Estado do Pará e dá Outras Providências**. Disponível em: https://www.sema.pa.gov.br/download/Proposta_educacao_ambiental.pdf Acesso em: 01/10/2019.

PARO, Vitor. Gestão da escola pública: a participação da comunidade. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, 1992, v. 73, n. 174, p 255-290.

PELEGRINI, Sandra CA. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista brasileira de história**, 2006, v. 26, n. 51, p. 115-140.

PEREIRA JR, Alfredo. Questões epistemológicas das neurociências cognitivas. **Trabalho, educação e saúde**, 2010, v. 8, n. 3, p. 512-513.

PEREIRA JR, Alfredo. The concept of representation in cognitive neuroscience. **Does Representation Needs Reality**, 1997, p. 51.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto. 1832, 1154p.

PITKIN, Hanna Fenichel. Representação: palavras, instituições e idéias. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 2006, n. 67, p. 15-47.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, 2012, v. 9, n. 1, p. 16-50.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia; FREIRE, José-Jozefran. O dualismo de Descartes como princípio de sua Filosofia Natural. **Estudos Avançados**, 2013, v. 27, n. 79, p. 157-170.

RÊGO, Marlesson Castelo Brando do. **O conceito de Natureza em Santo Agostinho**. Tese (Doutorado Interdisciplinar de Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2015.

REIGOTA, Marcos. O estado da arte da pesquisa em educação ambiental no Brasil. **Pesquisa em educação ambiental**, 2007, v. 2, n. 1, p. 33-66.

Revista Ciência e Cultura, n. 25, v. 2, 1973, p. 95. Disponível em:
<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 02/04/2020.

RIBEIRO, Job Antonio Garcia; CAVASSAN, Osmar. Um olhar epistemológico sobre o vocábulo ambiente: algumas contribuições para pensarmos a Ecologia e a Educação Ambiental. **Filosofia e História da Biologia**, 2012, v. 7, n. 2, p. 241-261.

RISCAL, Sandra Aparecida; RISCAL, José Reinaldo; STABELINI, Ana Maria. O papel da coordenação pedagógica no processo de democratização da escola pública. **Cadernos da Pedagogia**, 2020, v. 14, n. 27, p. 4-15.

RUIC, Gabriela. Estes são os maiores medos da humanidade em 2017. **EXAME.com**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/estes-sao-os-maiores-medos-da-humanidade-em-2017/> Acesso em: 20/06/2021.

RUSSEL, Jeffrey B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph. 2008.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, 2011, v. 6, n. 2, p. 27-53.

SANTOS, Joseane Aparecida Euclides dos; IMBERNON, Rosely Aparecida Liguori. A concepção sobre “natureza” e “meio ambiente” para distintos atores sociais. **Terrae Didactica**, 2014, v. 10, n. 2, p. 151-159.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. Cortez Editora, 2017, p. 17-45.

SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde: como pensar seriamente o planeta**. São Paulo: É Realizações. 2016.

SHERWIN, Martin J. **A world destroyed: Hiroshima and its legacies**. Stanford University Press, 2003.

SILVA, Fabrício Martins; CARVALO, Thalles Vilhena de. **Análise do Saneamento Ambiental no bairro da Cidade Nova, Município de Ananindeua-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo). Curso de Geoprocessamento - Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, 2019.

SILVA, Marcia Lemos da. **Percepção ambiental na visão dos educandos do 4º e 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Liberdade, Ananindeua/PA**. Monografia (Especialização em Gestão Hídrica e Ambiental) – Faculdade de Geologia, UFPA, 2016.

SILVA, Marilena Loureiro. **Construindo a história da Educação Ambiental no Estado do Pará na década de 90: das escolas de Belém às escolas da Floresta de Caxiuanã**. Dissertação (Mestrado). Belém: PLADES/NAEA/UFPA, 2000.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. Manual do Direito Ambiental. 16ª edição. São Paulo: Saraiva Educação, 2018, p. 101.

SOFFIATI, Arthur. A ausência da natureza nos livros didáticos de História. **Revista Brasileira de História**, 1989, v. 9, n. 19, p. 43-56.

SOUSA, José Fernando Moreira de; CARVALHO, Kelly Moreira de; BAHIA, Mirleide Chaar. Planejamento, Gestão e uso Público do Museu Parque Seringal em Ananindeua-Pará. In: BAHIA, Mirleide Chaar; FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Planejamento e Gestão Pública do Turismo e do Lazer**. NAEA: Belém. 2016, p. 107-126.

SOUSA, Victor Pereira de. Geografia e meio ambiente: reflexões acerca das práticas socioculturais na concepção de sustentabilidade. **Diversidade e Gestão**. 2017, v. 1, n. 2, p. 178-188.

STAUDENMAIER, Peter. Fascist Ecology: The “Green Wing” of the Nazi Party and its Historical Antecedents. In: BIHEL, Janet; SATAUDENMAIER, Peter. **Ecofascism Revisited: Lessons from the German Experience**. Porsgrun: News Compass Press, 2011, p. 13-42.

TAMAIIO, Irineu. **A mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo-São Paulo/SP**. Dissertação (Mestre em Educação Aplicada às Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. 2000.

TAVOLARO, Sergio Barreira de Faria. **Movimento ambientalista e modernidade: sociabilidade, risco e moral**. São Paulo:Annablume, 2001.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

TISCHNER, Angela Bárbara. **A saída de campo como estratégia metodológica para desenvolver educação ambiental no ensino formal**. Monografia (Especialização) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Medianeira, 2018.

UNESCO, Nairobi (Quênia). **Recomendação sobre a salvaguarda dos conjuntos históricos e da sua função na vida contemporânea**. 1976, p. 2. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/> Acesso em 08/03/2021.

UNESCO/PNUMA. Carta de Belgrado. Belgrado, 1975, p. 2. Disponível em: http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155641carta_de_belgrado.pdf Acesso em: 30/06/2019.

UNESCO; PNUMA. **Algumas Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre VASCONCELOS**, Bruna Montor. **História Ambiental e Ensino de História através da Teoria da Complexidade de Edgar Morin**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – ProfHistória, Universidade Estadual de Maringá. Paraná. 2018, p. 214-245.

VIDIGAL, Victória Emi Murakami. **Patrimônio ambiental urbano**: uma história sobre o Parque Ambiental de Ananindeua Antônio Danúbio. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Licenciatura em História – Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, 2021.

WORSTER, Donald. **Nature's economy**: a history of ecological ideas. Cambridge University Press, 1994, não paginado, disponível em: <http://books.google.com> Acesso em: 20/06/2019.
WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, 1991, v. 4, n. 8, p. 199-215.

FONTES

PROFESSOR A, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Brasil. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em novembro de 2016 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR B, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paraense. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em maio de 2017 em Ananindeua (PA)

PROFESSOR C, da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gondim Lins, localizada na Cidade Nova VI, Ananindeua (PA). Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em maio de 2020, por e-mail.

PROFESSORA D, da Escola Estadual de Ensino Fundamental João XXIII. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em agosto de 2016, por e-mail.

PROFESSORA E, da Escola Municipal Prof. Benedito Maia. Entrevista concedida a Victória Emi Murakami Vidigal. Realizada em novembro de 2016 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR F, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Saturnino Favacho. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em abril de 2017 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR G, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luís Nunes Direito. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em março de 2017 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR H, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Zulima Vergolino Dias, localizada na Cidade Nova II, Realizada em dezembro de 2016 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR I, da Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em outubro de 2016 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR J, da Escola Municipal Prof. Benedito Maia. Entrevista concedida a Victória Emi Murakami Vidigal. Realizada em novembro de 2016 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR K, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Regina Coeli. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em maio de 2018 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR L, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em maio de 2017 em Ananindeua (PA).

PROFESSOR M, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Agostinho Monteiro. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em dezembro de 2016 em Ananindeua (Pará).

PROFESSOR N, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nedaulino Vianna da Silveira. Entrevista concedida a Wendell P. Machado Cordovil. Realizada em maio de 2017, por e-mail.

ANEXOS

ANEXO A – Perguntas do questionário semiestruturado aplicado aos docentes

- 1- O que você entende por natureza?
- 2 – Quais disciplinas você acredita que devem se importar com o meio ambiente?
- 3 – O que você entende como Educação Ambiental?
- 4 – Em que medida a natureza foi/é importante para os processos históricos?
- 5 – Como você enxerga a importância da interdisciplinaridade na sala de aula?
- 6 – Qual a importância da Educação Ambiental nas aulas de História?
- 7 – Como você incorpora a Educação Ambiental nas aulas de História?
- 8 – Em que medida você insere a discussão ambiental em seu material didático?
- 9 – Qual a importância do professor de História em discutir esse assunto?
- 10 – Nesta instituição há uma cobrança da coordenação em relação à Educação Ambiental? O que acha que falta?
- 11 – Você acha possível compreender a discussão ambiental só em sala de aula?
- 12 – Você faz aulas de campo com seus alunos?

ANEXO B – Transcrição de fala do Professor A

1 - O que você entende por natureza?

Meio ambiente, lugar que a gente vive. Todos os recursos, nesse lugar que a gente vive todos os recursos que fazem parte dele, que de qualquer forma nos dá subsídio para sobreviver.

2 – Quais disciplinas você acredita que devem se importar com o meio ambiente?

Todas, né? De certa forma sempre tem uma relação. O debate que se faz da pedagogia, né? A interdisciplinaridade. Acho que é fundamental, devia ser um tema transversal. De fato é um tema transversal. Acho que todas deveriam trabalhar de alguma forma a questão de meio ambiente, com certeza.

3 – O que você entende como Educação Ambiental?

Educação ambiental é você trabalhar essas questões de como a natureza, o meio ambiente vem se transformando. No caso da história, né? No correr do processo histórico, antiguidade até a contemporaneidade, como é que a natureza vem respondendo a intervenção humana, essa relação homem meio ambiente. Acho que a educação ambiental é trazer isso para a sala de aula. Para a educação como um todo, para ser homologada aí. Vejo dessa maneira.

4 - Em que medida a Natureza foi/é importante para os processos históricos?

Há muito tempo se deixou de lado a história e natureza, né? Acho que tem uma corrente hoje história e natureza muito forte, isso não pode deixar de lado, esse viés do meio ambiente que tá totalmente ligado aos processos históricos, à maneira como o homem muda o ambiente que vive. Grosso modo, da Revolução Industrial para cá fica bem mais claro essa relação, como o meio ambiente foi sendo modificado pelas máquinas, pela indústria. Mas também se nós olharmos desde a antiguidade, como o homem cria técnicas, tecnologias para lidar com o meio ambiente. Isso tudo deixa margem para o historiador trabalhar esse processo histórico e mais uma vez essa relação homem natureza. Acho muito bacana trabalhar, e a meninada gosta, a maneira como o homem pré-histórico tá se relacionando com o meio ambiente, como isso vai mudando conforme ele vai modificando sua maneira de trabalhar, criando técnica. Lá nas grandes civilizações, por exemplo, do Oriente, a maneira de como se vê o uso da água. Acho que tudo isso é uma base fundamental para se entender o processo histórico. Não dá para entender o processo histórico sem essa natureza.

5 - Como você enxerga a importância da interdisciplinaridade na sala de aula?

Fundamental. Você trabalhar com a natureza você precisa ter uma base de Ciências, né? Ciência da Natureza, Biologia, Física. Não há como deixar de lado essa questão de interdisciplinaridade, tem que flertar com conceitos de outra disciplina para te dar base para o teu estudo, para o teu lugar sobre determinado processo histórico. Não tem como deixar de lado a interdisciplinaridade.

6 – Qual a importância da Educação Ambiental nas aulas de história?

Ultimamente eu venho dando uma importância maior, desde que eu percebi essa relação história e natureza, uma relação bem próxima, uma relação bem importante. Daí que a educação ambiental é fundamental para se compreender a maneira que o homem vem

dilapidando o meio ambiente. Acho que como profissional de História é fundamental você perceber esse olhar do processo histórico, do passado para os dias atuais. Até mesmo para você mostrar para o aluno como essas transformações vêm ocorrendo de maneira gradativa e trazendo sérios problemas para o dia de hoje. Daí a História com esse olhar, passado e presente nessa relação, então cabe perfeitamente dentro desse viés da natureza, do meio ambiente, então a educação é fundamental. Ultimamente venho apostando mais nos meus conteúdos, até mesmo por conta debate que vem, não recordo a Lei ambiental, as escolas e secretarias já vem trabalhando essa questão ambiental. Os temas anuais nas secretarias muitas vezes vêm com o tema meio ambiente. A gente até brinca em algumas escolas que o tema só é meio ambiente, meio ambiente, meio ambiente. Mas que é fundamental e a educação ambiental tem essa força para contribuir.

7 - Como você incorpora a educação ambiental nas aulas de História?

Aqui no fundamental, sexto ano, sétimo ano, oitavo ano, nono ano, não como protagonista, já deveria ser. Formatar, organizar a aula no sentido de um olhar um pouco mais apurado para as questões ambientais. Mas nem toda vez tem essa base para a questão ambiental, lógico sempre cabe algum tipo de relação só que a gente tem que aprofundar mais a pesquisa coisa que na correria no dia a dia a gente sempre tem um pouquinho mais de dificuldade. Mas sexto ano eu tento fazer isso já, a questão das civilizações antigas, né? Sexto ano já dá pra ti começar a trabalhar isso, mas também estudos paraenses dá pra fazer muito isso, sexto ano, sétimo ano. Mesmo somente com o olhar da disciplina História, Revolução Industrial no oitavo ano, tem vários assuntos. Por exemplo, as transformações que ocorrem ali no final da Idade Média, a maneira que o homem tá se relacionando com o meio ambiente na Europa, da pra ti fazer trabalhar sim. Mas tem outros lugares também que é preciso se organizar, montar material para trabalhar. Mas na medida do possível eu abordo, mas como eu te falei, não de forma principal, mas sempre dialogando com questões ambientais.

8 – Em que medida você insere a discussão ambiental em seu material didático?

Nós usamos aqui livro didático. Alguns livros didáticos já trazem de alguma maneira comentários mais rasos, mais superficiais, mas a gente procura aprofundar um pouquinho mais. Na confecção de material didático eu trago pouco. Já montei material, aquelas civilizações como Mesopotâmia... Egito, que tem uma relação muito forte com os rios. Que tem uma relação de usar canais de irrigação, reservatórios de água, para poder aproveitar melhor a água dos rios. Os povos da mesopotâmia são um exemplo, os egípcios. Eu já cheguei a montar, trabalhando os canais de irrigação, mas os livros didáticos trazem alguma coisa, que já dá o aporte, lógico cabendo ao professor aprofundar um pouquinho mais.

9 - Qual a importância do professor de História em discutir esse assunto?

Para você perceber e mostrar para o aluno como a natureza vem sofrendo todo um impacto com a intervenção do homem, até mesmo pela questão do capitalismo mesmo, essa necessidade toda de tecnologia, industrialização e isso tudo acarreta impactos para a natureza. No processo histórico isso fica um pouco mais claro se trabalhado em sala de aula, mostrando para o aluno essas mudanças no decorrer da história, no decorrer do processo histórico. Acho fundamental nesse sentido, com certeza.

10 - Nesta instituição há uma cobrança da coordenação em relação à educação ambiental? O que você acha que falta?

Nosso diálogo com a coordenação é bem bacana. Principalmente no início do ano a gente discute os temas geradores. Aqui nessa escola, se eu não me engano, ano passado ou ano retrasado nós tivemos como tema geral a questão do meio ambiente. Mas eu também, hoje eu to de licença, em São Miguel do Guamá, nordeste do Estado, a prefeitura de lá, na rede de ensino, é bem comum, aqui nem tanto, mas já foi tema. Desgastou um pouco, só que obviamente deve não ser um tema só em determinado ano, aqueles temas gerais que a secretaria manda. Mas no que diz respeito à coordenação, a coordenação deixa aberto. Hoje o tema é paz, violência, tudo mais, o que se discute mais é isso. Agora, entendo que cabe mais ao professor buscar essa aproximação maior com a questão ambiental em todo momento não somente durante esses períodos de temas geradores. Hoje no que diz respeito à coordenação, o que a SEMADE aqui de Ananindeua pede é violência, paz, é o tema gerador principal, mas nós já tivemos a questão do meio ambiente. Volta e meia esse assunto retorna. Ano passado nós tivemos uma feira científica em que o lixo eletrônico era a pauta principal. Transformar o lixo eletrônico em artesanato, reciclar e reutilizar. Então o debate foi muito bacana, volta e meia nós temos a volta dessas questões.

11 – Você acha que é possível compreender a discussão ambiental só em sala de aula?

Não, não. Isso deve passar pela mídia, em casa, não tem como se falar em aprendizado somente em sala de aula, tão somente, pura e simplesmente em sala de aula. Essa é uma discussão ampla, aprendizagem e conhecimento não é somente em sala de aula. Então não dá para discutir só em sala de aula, tem que vir de casa, tem que ter uma abertura para outros canais de comunicação outras ferramentas de informação que sempre trazem algum tipo de conhecimento para o discente. Acho que não fecha só em sala de aula não, não dá para ficar somente em sala de aula não. Não adianta você discutir algo em sala de aula, mas chegar em casa o aluno taca-lhe um saco de lixo num canal, não reutilizar o lixo que possa ser reutilizado. Então não dá para ficar só em sala de aula não.

12 – Você faz aulas de campo com seus alunos?

Não. Ultimamente, faz muito tempo que eu não faço. Porque requer toda uma demanda, ônibus, autorização de pais, agora que eu to mais tranquilo um pouco. Eu até tenho interesse muito, eu tenho planos para, amigos que já fazem estudos em comunidades quilombolas, eu tenho vontade de levar. Ultimamente eu não tenho levado não, até por uma questão de falta de tempo, de organização, mas eu tenho interesse.

ANEXO C – Entrevista escrita enviada por e-mail pela Professora D

1 - O que você entende por natureza?

Natureza deriva de natural, ou seja, são seres, ou vários reinos (vegetal, mineral e animal) que compõem o mundo e que não foram construídos pelo ser humano.

2 – Quais disciplinas você acredita que devem se importar com o meio ambiente?

Todas. Em todos os níveis de escolaridade, os seres humanos precisam aprender que a destruição do meio ambiente será a destruição do nosso planeta.

3 – O que você entende como Educação Ambiental?

Educação ambiental envolve a construção de valores visando a conservação e preservação da natureza para usufruirmos dela de forma sustentável e com qualidade de vida.

4 - Em que medida a Natureza foi/é importante para os processos históricos?

A relação homem natureza está presente em todos os processos histórico, desde o início dos tempos até hoje. É indissociável.

5 - Como você enxerga a importância da interdisciplinaridade na sala de aula?

A interdisciplinaridade é muito relevante para que o aluno perceba que os conteúdos apresentam relação entre si e significado com o seu cotidiano, com a sua vida e para a sua vida.

6 – Qual a importância da Educação Ambiental nas aulas de História?

A educação ambiental pode ser trabalhada de forma integrada com todas as disciplinas. Nos processos históricos, abordados em sala de aula não podemos ignorar a relação homem-natureza vinculada aos conteúdos históricos.

7 - Como você incorpora a educação ambiental nas aulas de história?

Através de estudo sobre interações entre seres humanos e a natureza, discussões teóricas, práticas educativas e ambientais, etc.

8 – Em que medida você insere a discussão ambiental em seu material didático?

Todas as aulas têm margens para discutirmos as questões ambientais, hoje visto que os fatos históricos não acontecem ou aconteceram isolados com o espaço tempo, ou seja em determinado ambiente.

9 - Qual a importância do professor de História em discutir esse assunto?

Importância está na relevância da problemática deste tema para o bem da humanidade.

10 - Nesta instituição há uma cobrança da coordenação em relação à educação ambiental? O que você acha que falta?

A questão de educação ambiental é vista com muita atenção e importância pela coordenação da escola, é um tema que é trabalhado continuamente por todos os professores.

11 – Você acha que é possível compreender a discussão ambiental só em sala de aula?

Não, embora a sala de aula seja o local onde desenvolvemos grande parte dos estudos escolares acredito que para estudarmos as questões ambientais precisamos entrar em contato direto com a natureza e termos um olhar voltado para os problemas que ocorrem no meio ambiente e desenvolvermos ações para conservar e preservar o meio ambiente.

12 – Você faz aulas de campo com seus alunos?

Sim, esta instituição está perto de uma área com muito verde, cheia de árvores nativas, um campo interessante para pesquisas e estudos.

ANEXO D – Quadro com respostas de alguns professores entrevistados sobre o que entendem por Natureza e Educação Ambiental

QUADRO COM RESPOSTAS DE ALGUNS PROFESSORES ENTREVISTADOS SOBRE O QUE ENTENDEM POR NATUREZA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Professores	Sobre o conceito de Natureza
PROF. A	Meio ambiente, lugar que a gente vive. Todos os recursos, nesse lugar que a gente vive todos os recursos que fazem parte dele, que de qualquer forma nos dá subsídio para sobreviver.
PROF. B	Eu acho que quando a gente fala a respeito de História, né? A gente fala usando o próprio conceito do Marc Bloch, né? Quando a gente fala sobre a História como a ciência que estuda o homem no meio. Eu compreendo que essa Natureza ela envolve esse meio em que o ser humano está envolvido, né? Tanto no referente ao Meio Ambiente... quanto a própria... é mais no referente ao Meio Ambiente, mas também a gente pode verificar a questão do... das próprias relações estabelecidas pelo homem como parte da Natureza dele. Então vê a... não sei se tô conseguindo me fazer entender. Mas a Natureza seria algo relacionado ao Meio Ambiente e as relações que o homem estabelece em si e com a Natureza, né? Com o Meio Ambiente. Eu acredito que vá mesmo por aí.
PROF. C	É podemos simplificar como um fenômeno da vida e que está a crescer e se desenvolver sem a interferência humana ,o que podemos distinguir entre o aspecto natural e artificial.
PROF. D	Natureza deriva de natural, ou seja, são seres, ou vários reinos (vegetal, mineral e animal) que compõem o mundo e que não foram construídos pelo ser humano.
PROF. E	Natura é tudo que tem vida. Animal, vegetal, fauna, flora, mar.
PROF. F	Olha, Natureza, né? Bem, por Natureza, que é um conceito dentro da área da Biologia, né? A gente já aprendeu dentro do Ensino Fundamental, né? Desde nossa época de criança que é aquilo que, eu diria assim, tem uma função natural. Que ela, eu diria assim, é inata, que ela independe da ação do homem.
PROF. G	Olha, eu tenho uma percepção de Natureza num aspecto um pouco mais amplo, né? Porque acho que criou-se muito uma dicotomia de que o homem dissociado da Natureza, né? Então acho que essas relações humanas com o Meio Ambiente compõe a Natureza como um todo

Professores	Sobre o conceito de Educação Ambiental
PROF. H	Educação Ambiental é o seu dia a dia. É o que você vive, o que você trabalha, o que você respira. Se você é uma pessoa má educada ambientalmente, a sua relação com o meio é muito difícil de você... Quer ver uma coisa? Óleo de cozinha! Quão pernicioso ele é pro Meio Ambiente? E como você descarta esse óleo de cozinha? No ralo lá e acabou. Então se você não tem esse cuidado como é que se faz? Então essa Educação Ambiental é de berço mesmo, é de família. É uma formação mesmo de família. Agora se essa família não tem essa consciência fica difícil.
PROF. I	Bem, Educação Ambiental para mim, iria dizer assim, é aquela que trata do ambiente. Claro, que não, tô brincando. Educação Ambiental eu vejo como aquilo que faz com que você compreenda a sua relação com o ambiente. Eu vejo mais ou menos dessa forma. Digamos assim, é uma forma de aprendizado, de fato, que estabelece uma relação entre você e o espaço em que você vive. Então essa Educação Ambiental não necessariamente, eu não tô querendo dizer aqui que você tem que aprender como preservar a Natureza, e tal e tudo, não é só disso que eu tô falando. Eu falo na verdade assim, quando você se relaciona com o espaço em que você vive num dado momento, por alguma razão, o cara vai precisar derrubar uma árvore. Mas dependendo da relação que ele tiver com esse espaço que ele vive ele, por exemplo, ele vai ter a consciência que se ele derrubar essa árvore ele pode ter uma série de problemas mais na frente. Então se ele derrubar uma ele pode ter a consciência de plantar duas, três, sei lá quantas mais forem necessárias, entendeu? Então acho que essa relação é mais ou menos por aí.
PROF. J	É meio suspeito eu falar um pouco sobre Educação Ambiental porque eu trabalho com isso e eu sou especialista em Patrimônio Cultural. Então o Meio Ambiente pra mim é tanto o natural quanto o modificado pelo homem. Então Meio Ambiente, Educação Ambiental em geral, é tratar sobre o espaço em que o homem vive e as alterações que esse espaço sofre em decorrência ou não da ação do homem.
PROF. K	Eu entendo como as crianças serem levadas a compreender ela estar vivendo nesse meio e a necessidade de preservá-lo. Não é pra preservar necessariamente os animais, mas a relação dela com o meio porque ela precisa da Natureza. Sem a Natureza nós não podemos sobreviver. Então a gente tem que levar nossos alunos a compreender esse uso da Natureza de uma maneira sustentável, pra poder deixar para gerações futuras. Porque é o que tá acontecendo, as pessoas estão explorando demais e o Meio Ambiente está sendo devastado, não só aqui como em todas as partes. Então fazer com que as crianças entendam que esse uso deve ser feito de uma

	maneira mais que sustentável. Não sei se te respondi...
PROF. L	Eu entendo que Educação Ambiental é uma educação pra levar o nosso aluno a compreender o ambiente que ele vive e viver bem nele né? Preservando o espaço, os animais e o próprio ser humano.
PROF. M	Pois é, Educação Ambiental... Eu acho que, na verdade, a Educação Ambiental hoje, ela tem que ter um foco bem localizado por faixa etária e, na verdade também, conseguir fazer com que os alunos tenham a noção de que eles estão inseridos no Meio Ambiente. Então Educação Ambiental, pra mim, hoje, dentro das escolas, seria na verdade deixar bem claro, deixar esses alunos conscientes do trabalho deles dentro do Meio Ambiente em que vivem. Qualquer Meio Ambiente. Então, se você notar aqui, você já deve ter andado pela escola, a gente têm um espaço bem abrangente. E esse espaço, que é um espaço de Educação que deveria também ser de Educação Ambiental, né? Poderia estar sendo bem mais cuidado. Mas eles são responsá... eles, hoje, infelizmente, como não se sentem parte desse Meio Ambiente que rodeia eles, eles acabam deteriorando... é... destruindo. Que é um espaço bonito, a escola é um espaço grande, tem muita área verde. [...]
PROF. N	Fico muito inquieto quando se fala em Educação Ambiental. Poderíamos ter um meio ambiente melhor se tivéssemos dentro e fora da escola educação para que as pessoas não maltratassem o meio em que vivem. É importante educar as pessoas sobre a importância de preservar a natureza, não sujar o local onde se transita diariamente. Infelizmente vivemos em uma sociedade capitalista, onde o dinheiro é o que importa. Acredito que merecemos governantes progressistas, que queira o bem da população, fazendo cumprir as leis ambientais. Mas as escolas também devem ter responsabilidade com a educação ambiental. Somos educadores, então temos um papel a cumprir também. Se persistirem as práticas que muitos estudantes trazem de seu meio, não superaremos a falta de educação ambiental. Eu sou da opinião de que as escolas deveriam fazer muito mais a respeito, a partir das séries iniciais. Encontros, palestras, debates, gincanas, programações variadas são fundamentais para os estudantes se familiarizarem com o tema.

Quadro 1: Quadro com respostas de alguns professores entrevistados sobre o que entendem por Natureza e Educação Ambiental. CORDOVIL, Wendell P. Machado Cordovil. 2021.

